



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

MARLENE CRISTINA ANDRADE SOUZA FALCÃO

**O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER A HABILIDADE
DE ARGUMENTAR**

SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA

2019

MARLENE CRISTINA ANDRADE SOUZA FALCÃO

**O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER A HABILIDADE
DE ARGUMENTAR**

Dissertação apresentada para qualificação da proposta de intervenção, sendo um requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), do Departamento de Ciências Humanas – Campus V, da Universidade do Estado da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Bispo dos Santos

SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB

Falcão, Marlene Cristina Andrade Souza

O Facebook como instrumento para desenvolver a habilidade de argumentar – Santo Antônio de Jesus, 2019.

164 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Bispo dos Santos

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS)

Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

Campus V. 2019.

Contém referências e anexos.

1. Leitura. 2. Argumentação. 3. Tecnologia. I. Santos, Marcos Bispo dos. II. Título. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

CDD 407

MARLENE CRISTINA ANDRADE SOUZA FALCÃO

**O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER A HABILIDADE
DE ARGUMENTAR**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Letras –
PROFLETRAS – do Departamento de Ciências Humanas do Campus V da
Universidade do Estado da Bahia, para obtenção do título de Mestre em Língua
Portuguesa.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Gredson, dos Santos
PROFLETRAS UNEB/UFBA

Profa. Dra. Fernanda Maria Almeida dos Santos
UFRB

Orientador: Prof. Dr. Marcos Bispo dos Santos
UNEB

Santo Antônio de Jesus, 23 de março de 2019

AGRADECIMENTOS

A Deus pela existência, pela inspiração e por ter me dado a sorte de conviver e conhecer pessoas tão especiais, sem as quais a realização desse sonho não seria possível.

À minha mãe, amor incondicional, por sempre alimentar a minha fé *“Reza, minha filha, que tudo dará certo”*.

À minha filha Isabella, minha razão de existir, minha força, minha inspiração!

Ao meu marido, companheiro, amigo e incentivador... por entender a minha ausência, mesmo estando presente.

À minha irmã Mônica, pelo incentivo, sugestões e dedicação, que mesmo doente não mediu esforços para me ajudar, e a Grasiela, irmã que Deus colocou na minha vida no primeiro dia de aula do PROFLETRAS, pelas sugestões, incentivo e força. E ao querido amigo, Prof. Dr. Edilson Pires pelas contribuições referentes à ABNT.

À minha família de sangue e a outra família que Deus me presenteou quando me casei, pelo incentivo, ajuda e por acreditar que tudo seria possível.

Ao querido prof. Dr. Marcos Bispo dos Santos, meu orientador, pela paciência, confiança, suporte e principalmente pelo grande conhecimento intelectual que comigo compartilhou.

Aos professores Gredson dos Santos, Cláudia Vivien Carvalho de O. Soares e Fernanda Maria Almeida dos Santos pelas significativas sugestões e por aceitarem compor as bancas de qualificação e de defesa.

Aos amigos e amigas: Lúcia Helena, Michele, Kátia, Jucilane, Iamá, Joselene, Carla, Luiz e a todo corpo docente das Escolas EMFFA e CEMCCSO, pelo apoio, incentivo e confiança.

Aos alunos do 9º Ano A, que aceitaram a aventurar-se na concretização desse projeto.

À minha turma do PROFLETRAS, pelo companheirismo, amizade e principalmente pelos momentos de incentivo, ânimo e muito aprendizado.

A todo corpo docente do PROFLETRAS: coordenação, professores, secretária, pelas orientações, esclarecimentos e boa vontade.

À UNEB e a CAPES, por oferecerem esse curso de excelência, possibilitando assim o aperfeiçoamento profissional e o crescimento intelectual dos professores de Língua Portuguesa.

“Quando não souberes para onde ir, olha para trás e sabe pelo menos de onde
vens” (Provérbio africano).

RESUMO

A acentuada evolução tecnológica do mundo contemporâneo, em que o percentual de pessoas conectadas via internet por meio de diferentes ferramentas/instrumentos vem aumentando através de computadores, celulares, *iphones*, *tablets*, dentre outras tecnologias, traz consigo novas exigências, inclusive para a formação do cidadão. Este deve ser capaz de atuar de forma crítica e autônoma e, assim, novas habilidades devem ser desenvolvidas também no espaço escolar. Surge, então, a motivação e a necessidade de envolver a escola em um novo desafio: aliar tecnologia, argumentação e temas polêmicos em uma tríplice aliança onde um é o fio condutor do outro. Promover atividades que desenvolvam a argumentação, o debate, a autonomia, a solidariedade, o cuidado com si mesmo e com o outro, o respeito, de forma inovadora, necessária e atual foi um dos principais objetivos deste projeto que nasceu como oportunidade para aperfeiçoamento profissional e principalmente como recurso de aprendizagem. A proposta de intervenção foi aplicada em uma turma de 35 alunos do 9º Ano, no segundo semestre do ano de 2018, em uma escola pública no município de Santo Antônio de Jesus-Ba. A proposta de intervenção foi construída principalmente numa perspectiva construtivista interacionista e teve como principais referências os estudos de Santos (2018), Perrenoud (2013), Perraudeau (2009), Coll (1998) e a BNCC (2017) o que permitiu traçar objetivos para que os alunos construíssem conhecimentos baseados nas relações de interação com o meio e com atividades que partiam de questionamentos, de modo que foram conduzidos para um conhecimento novo, sendo assim coautores do próprio conhecimento. Estas atividades envolveram especialmente leitura e discussão em sala de aula sobre temas polêmicos. As aulas foram participativas, explicativas e expositivas, sempre os motivando para a participação, interação e discussão para que assim o conhecimento sobre o texto argumentativo fosse aprendido e compartilhado. Após atividade diagnóstica e intervenção propriamente dita ficou constatado, através dos resultados, que as atividades propostas, aliadas às novas tecnologias, colaboraram significativamente para minimizar as dificuldades apresentadas no desenvolvimento da habilidade de argumentar.

Palavras-chave: Argumentação. Tecnologia. Facebook. Leitura. Temas polêmicos.

ABSTRACT

The marked technological evolution of the contemporary world, in which the percentage of people connected via the Internet through different tools / instruments is increasing through computers, cell phones, iphones, tablets, among other technologies, brings with it new requirements, including the formation of citizen. This must be able to act in a critical and autonomous way, and thus, new skills must be developed in the school space as well. The motivation and the need to involve the school in a new challenge arise: to ally technology, argumentation and polemic themes in a triple alliance where one is the thread of the other. Promoting activities that develop argumentation, debate, autonomy, solidarity, caring for oneself and the other, respect in an innovative, necessary and current way was one of the main objectives of this project that was born as an opportunity for professional improvement and especially as a learning resource. The intervention proposal was applied in a class of 35 students of the 9th Year, in the second half of 2018, in a public school in the municipality of Santo Antônio de Jesus-Ba. The proposal of intervention was built mainly in an interactionist constructivist perspective and had as main references the studies of Santos (2018), Perrenoud (2013), Perraudeau (2009), Coll (1998) and BNCC (2017) that the students construct knowledge based on the interaction relations with the environment and with activities that started from questionings, so that they were led to a new knowledge, being thus coautores of the own knowledge. These activities especially involved reading and discussion in the classroom on controversial topics. The classes were participative, explanatory and expositive, always motivating them for participation, interaction and discussion so that knowledge about the argumentative text was learned and shared. After the diagnostic activity and actual intervention it was verified, through the results, that the proposed activities, allied to the new technologies, collaborated significantly to minimize the difficulties presented in the development of the ability to argue.

Keywords: Argumentation. Technology. Facebook. Reading. Controversial issues.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Demonstrativo de interesse pela leitura de acordo com gênero textual e idade em uma pesquisa feita por Teresa Colomer.....	50
Figura 2: Fragmentos que confirmam o "novo" jeito de escrever dos alunos.....	100
Figura 3: Fragmento que comprova a procura de outras fontes de pesquisa pelos alunos participantes	102
Figura 4: Fragmentos das produções finais: comentários argumentativos.....	105
Figura 5: Fragmentos dos comentários feitos pelos alunos participantes sobre o projeto	110
Figura 6: Fragmentos que comprovam a participação quanto aos comentários dos colegas sobre os temas: legalização da maconha, legalização do porte de armas e redução da maioria penal.	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Conhecimentos prévios dos alunos participantes sobre a reforma do ensino médio.....	54
Quadro 2: Perguntas e respostas sobre a reforma do ensino médio	55
Quadro 3: Descrição geral da etapa I do Projeto O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER A HABILIDADE DE ARGUMENTAR.....	69
Quadro 4: Apresentando tema polêmico	71
Quadro 5: Introdução do gênero textual comentário argumentativo.....	81
Quadro 6: Ampliando conhecimentos sobre o gênero textual comentário argumentativo.....	88
Quadro 7: Cartazes contendo comentários dos alunos respostas dos alunos,utilizados para aula explicativa sobre operadores argumentativos	91
Quadro 8: Descrição geral da etapa II.....	94
Quadro 9: Conhecendo o gênero textual comentário argumentativo no Facebook...	95
Quadro 10: Produção do gênero textual comentário argumentativo no Facebook..	106
Quadro 11: Resultado das atividades discursivas feitas na sala de aula	115
Quadro 12: Resultado das atividades discursivas feitas no perfil da turma no Facebook.....	115

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gênero dos alunos participantes da pesquisa	45
Gráfico 2: Idade dos alunos participantes da pesquisa	45
Gráfico 3: Auto declaração de cor dos alunos participantes da pesquisa	46
Gráfico 4: Nível de escolaridade dos pais dos alunos participantes da pesquisa	46
Gráfico 5: Frequência de acesso à internet.....	47
Gráfico 6: Posse de aparelho celular dos participantes da pesquisa	48
Gráfico 7: Canal de acesso a temas polêmicos	48
Gráfico 8: Grau de interesse pela leitura.	49
Gráfico 9: Frequência com que os alunos leem as mensagens postadas nas redes sociais.	51
Gráfico 10: Frequência com que os alunos participantes da pesquisa se posicionam diante de mensagens postadas nas redes sociais.	52
Gráfico 11: Frequência que os alunos participantes da pesquisa se posicionam nas provas diante das questões argumentativas	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: LEITURA E ARGUMENTAÇÃO	17
2.1 Os gêneros textuais e a interatividade na prática pedagógica on-line	22
2.2 A importância da leitura para a sustentação da argumentação	24
2.3 Argumentação	26
2.4 Facebook: um espaço potencializador da argumentação	29
2.4.1 O Facebook como instrumento de apresentação coletiva dos pontos de vista.....	33
2.5 Refletindo, negociando e/ou transformando pontos de vista.....	35
2.6 O que a BNCC propõe sobre argumentação e novas tecnologias	37
3 O INÍCIO DO CAMINHO: É PRECISO CONHECER PARA CONTINUAR.....	40
3.1 O Contexto da Aplicação.....	42
3.2 A instituição de ensino	43
3.3 Os sujeitos envolvidos	44
3.4 Diagnóstico	53
3.5 Analisando o diagnóstico	56
4 A INTERVENÇÃO: DESCRIÇÃO E ANÁLISE	58
4.1 A metodologia	60
4.2 Objetivos	62
4.3 Competências	64
4.4 Conteúdos.....	65
4.4.1 Conteúdos conceituais	67
4.4.2 Conteúdos procedimentais.....	67
4.4.3 Conteúdos atitudinais	68
4.5 Planejamento geral da etapa I	69
4.5.1 Planejamentos diários da etapa I	71
4.6 Planejamento geral da etapa II	93
4.6.1 Planejamentos diários da etapa II	95
5 ANÁLISE DE DADOS.....	112
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
7 REFERÊNCIAS.....	123

8 ANEXOS	126
ANEXO 1 – Argumentos contra e a favor do aborto	126
ANEXO 2 – Comentários contra e a favor do aborto	129
ANEXO 4 – Argumentos contra e a favor da legalização da maconha	136
ANEXO 5 – Argumentos contra e a favor da legalização do porte de armas de fogo	139
9 APÊNDICE.....	144
APÊNDICE A - Questionário I – Socioeconômico.....	144
APÊNDICE B - Questionário II - Psicopedagógico.....	146
APÊNDICE C - Atividade Diagnóstica 1.....	148
APÊNDICE D - ATIVIDADE DIAGNÓSTICA 2.....	149
APÊNDICE E – Atividade sobre a legalização do aborto.....	152
APÊNDICE F – Atividade para levantar os conhecimentos prévios sobre a legalização do aborto	153
APÊNDICE G – Atividade sobre o gênero textual comentário argumentativo	154
APÊNDICE H – Atividade sobre a redução da maioria penal	155
APÊNDICE I – Cartazes utilizados para aula sobre operadores argumentativos	156
APÊNDICE J – Atividade sobre operadores argumentativos	157
APÊNDICE K – Atividade para levantamento dos conhecimentos prévios sobre Facebook	159
APÊNDICE L – Atividade para postagem dos comentários argumentativos no Facebook	160
APÊNDICE M – Avaliação do projeto	161

1 INTRODUÇÃO

Ser professora nos dias atuais não é fácil. Conviver com tanta diversidade de gênero, religião, raça, identidade, etc., em um único espaço, que precisa ser democrático e onde o conhecimento precisa ser compartilhado exige de nós, professores, um olhar voltado à formação de indivíduos que compreendam esta diversidade e a respeitem, que sejam protagonistas de seu processo de aprendizagem, que enxerguem a educação como uma prática libertadora que forma cidadãos capazes de enfrentar com sucesso os desafios da sociedade contemporânea do século XXI.

Em uma era de tantas transições tecnológicas, éticas, culturais, surge o questionamento a respeito de como ensinar, o que ensinar e de que modo ensinar. São apenas perguntas para as quais as possíveis respostas devem ser redefinidas, pois, a cada ano, lidamos com sujeitos diferentes, com anseios diferentes e que atuam em uma sociedade também diferente. Cabe aos professores descobrir o que é realmente necessário e relevante a ser ensinado para esses alunos.

Atualmente, como professora mais experiente, 22 anos atuando em sala de aula com Língua Portuguesa, priorizo em meus planejamentos, diário e quinzenal, conteúdos que sejam relevantes, condizentes com a realidade e necessidade dos alunos, pois vejo que nem sempre o que é determinado pelo livro didático é necessário para a vida deles. Acredito que educação prepara para a vida e para o convívio em sociedade, então cabe a nós o desafio de estar aliando conteúdos às novas práticas sociais que a cada dia são ressignificadas principalmente por conta dos avanços tecnológicos nessa nova sociedade da informação e comunicação.

Ensinar Língua Portuguesa é muito mais do que ensinar a ler, escrever e interpretar; é, sobretudo, dar sentido, entender que para aprender é preciso saber o porquê, o para quê e como se aprende a língua portuguesa. Deste modo, ensinar a funcionalidade da língua torna-se o meu ponto inicial para tornar as vivências em sala de aula significativas e, para isso procuro, sempre que possível atrelar os conteúdos necessários a algumas inovações, como por exemplo, motivá-los a usar as redes sociais de forma produtora. Estando atenta aos interesses desses educandos, encontro nas redes sociais um caminho para aproximar os saberes necessários à sua área de interesse. Como é necessário a estes indivíduos a preparação para a vida,

entendo ser relevante trabalhar com a argumentação de forma crítica e consciente sobre temas atuais, por meio do instrumento Facebook, o qual oferece várias ferramentas (*chat*, debates, vídeos, compartilhamentos, etc.) que podem contribuir significativamente no processo ensino aprendizagem e que se apresenta como uma grande oportunidade para despertar o interesse pela leitura de temas polêmicos e desenvolver a argumentatividade de forma mais consistente e significativa: são meus grandes desafios.

Apesar de estar discutindo a importância de aliar as novas tecnologias às práticas pedagógicas e de usar o Facebook como um aliado no ensino aprendizagem, antes da produção deste trabalho, nunca desenvolvi um projeto usando o Facebook. Esta ideia surgiu depois de algumas conversas motivadas pelo PROFLETRAS e do meu interesse em inovar, trazendo para a sala de aula um recurso atual, atrativo, de muito interesse e que já faz parte das vivências dos alunos.

Partindo da minha experiência pessoal com o Facebook, que já é de muito tempo, já pude desfrutar das diversas possibilidades oferecidas: socializar ideias, curtir publicações, postar fotos e, principalmente, manter ligações com pessoas. Convivendo e partilhando ideias com muitos jovens, pude perceber a proximidade e o interesse deles por este instrumento.

Ao diagnosticar nas atividades escolares a dificuldade que os alunos apresentam para sustentar pontos de vista, devido, principalmente, à pouca leitura, resolvi aliar este instrumento, o Facebook, ao processo ensino/aprendizagem, visando maior participação, empenho, dedicação e principalmente o desenvolvimento do discurso crítico/argumentativo na escrita e na oralidade.

Penso na importância da argumentação para o convencimento, seja no discurso político, religioso ou ideológico, no convívio familiar, nas relações de amizade, etc., faz-se necessário, então, que a escola e o professor ajudem o aluno, pois ele é fruto de uma sociedade cada vez mais consumista e acelerada.

Compreendo que é preciso proporcionar, nas aulas de Língua Portuguesa, situações reais com o gênero textual comentário argumentativo, para que o aluno tenha um posicionamento reflexivo e não seja enganado pela sociedade consumista; que ele seja capaz de se colocar contra ou a favor, concordando ou discordando sobre determinado tema, e a escola, enquanto instituição responsável por prepará-lo para interagir nessa sociedade, e responsável por desenvolver a competência

comunicativa, não pode ficar omissa diante desta realidade. Como afirma Santos (2017, p. 2.234):

O estudo da argumentação orientado para fins de processo de ensino-aprendizagem demanda, então a elaboração de um modelo teórico-metodológico de análise que permita articular conhecimentos relativos aos processos argumentativos aos objetos do ensino de língua portuguesa, no que tange ao desenvolvimento de competências de leitura e escrita de textos argumentativos.

É preciso ter objetivos claros e entender que trabalhar com textos argumentativos significa entender também os processos que perpassam e estruturam esse gênero, sobretudo a importância da leitura e da escrita como processo em construção que precisa ser bem definido para dar sustentação ao texto argumentativo. Todavia, para entender sobre a importância da argumentação para a vida social, é preciso conhecer um pouco da história e de como o texto argumentativo e a persuasão podem transformar a vida das pessoas e da sociedade. É preciso conhecer e saber lidar com os novos recursos tecnológicos, uma vez que as redes sociais estão cada vez mais ganhando espaço em nossas vidas.

As redes sociais têm despertado o interesse das pessoas e, principalmente, dos adolescentes no que diz respeito à leitura, à semiótica, vídeos, textos, comentários, notícias, etc. E isso exige um novo olhar na maneira de ler, escrever e interpretar o mundo à nossa volta. Topscott (1999 apud FERREIRA e BIANCHETTI, 2004, p. 255) classifica essa geração de adolescentes como a “geração digital”, que cria uma nova forma de se relacionar com o mundo e com as novas tecnologias.

Portanto, à escola, principal agência responsável pela formação da consciência crítica e cidadã das pessoas, não cabe mais, apenas, a transmissão de conteúdos lineares, hierárquicos e sistematizados, baseados nos conhecimentos que são transmitidos pelo mestre, o qual era tido como o único detentor do saber, mas a construção coletiva do saber, pela interação, num processo contínuo que culmina na transformação dos indivíduos, como afirma Bonilla (2002 apud FERREIRA; BIANCHETTI, 2004, p. 257):

[...] cada vez menos, será possível manter um modelo educacional que não leve em consideração as características dos jovens alunos. E cada vez mais os jovens exigem que a escola esteja em permanente processo de transformação, de aprendizagem, ou seja, em permanente movimento. Que seja uma *escola aprendente*.

Com a inserção das novas tecnologias, nesse universo de inovações e transformações na sociedade, as redes sociais e a internet apresentam ferramentas cada vez mais interessantes, que tornam a leitura mais acessível e prazerosa e o conhecimento mais interativo. No entanto, as redes sociais apresentam também outro lado: muitos comentários que são postados nelas têm apenas a intenção de acusar, pontuar defeitos, criticar, promover o *bullying*, disseminar o preconceito, etc., ou seja, ideologias que não deveriam circular em qualquer meio público, por exercerem grande influência negativa e poder de convencimento sobre os jovens, deixando-os, assim, vulneráveis à essas ideologias, praticando, algumas vezes, atos ilícitos que agredem a moral, a ética e até a própria vida.

Isso tudo acaba sendo refletido na escola e se tornando um dos grandes problemas que os professores enfrentam nas aulas, e que precisa, se não acabado, ser minimizado. Ciente do quanto os alunos gostam de debater, de impor sua opinião e o tempo que eles dedicam às redes sociais, curtindo, ou até mesmo só visualizando “postagens”, destaco a importância de aliar este instrumento ao meu objeto de estudo: a argumentação. Para tanto, trago como objetivo central deste trabalho, despertar através da leitura de temas polêmicos, a argumentatividade usando como instrumento de postagens e compartilhamento dos textos no Facebook. Para alcançar este objetivo, proponho atividades de leitura de temas polêmicos, debates orais, questionamentos orais/escritos e postagens escritas na página do Facebook criada por mim, especificamente para este fim.

E nesse contexto, no qual saber ler e escrever apenas não respondem às necessidades de uma sociedade cada vez mais globalizada e informatizada, que exige um sujeito competente e com habilidades para analisar, compreender, criticar, atuar, e capaz de formular uma opinião, sustentando-a por meio de argumentos pertinentes e convincentes, além de contra argumentar, a escola, enquanto espaço formativo, assume o papel de preparar este educando para que desenvolva essas competências, deixando de ser um sujeito passivo e submisso, conforme propõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais. (BRASIL, 2017, p. 14)

Deste modo, entende-se que a produção textual, seja ela oral ou escrita, não se realiza apenas atendendo a estrutura de um determinado gênero, mas da organização de informações que se tornam significativas nesse texto produzido. Assim, para responder a tais questões levantadas pelo professor, o aluno necessita conhecer as informações necessárias para a elaboração dessas respostas. Contudo, o acesso a essas informações se realiza por meio da leitura, seja ela da palavra ou do mundo, no papel impresso ou na tela do computador, pois ela é fundamental à construção da argumentação.

Pensando nessa nova realidade social em que o aluno precisa conhecer, interagir, agir e reagir diante dessas novas demandas que redes sociais e internet impõem, é preciso que o professor prepare atividades para serem analisadas, de maneira consciente, lógica e estruturada, seja na forma escrita ou oral, pois na atual sociedade em que estamos inseridos, exige-se uma incessante produção de conhecimento e uma postura de como vamos reagir diante destas novas demandas e informações que são cada vez mais rápidas, efêmeras e passageiras.

Sendo assim, novas formas de conceber o mundo surgirão, fazendo com que o sujeito estruture novas maneiras de refletir, agir e transformar seus pontos de vista. Novos gêneros textuais também surgirão, exigindo precisão ao saber qual gênero textual usar para cada situação.

De acordo com Rojo e Moura:

A alta modernidade, com suas inovações tecnológicas e mercadológicas, ressignifica as relações sociais. Consequentemente, a escola vê-se imersa em novas práticas discursivas. Mesmo que, em muitos casos, certas ações de linguagem da alta modernidade estejam do lado de fora da sala de aula, não há como negar o quanto a prática docente sofre coerções para implementar mudanças significativas em torno das estratégias de ensino e de seus conteúdos. (ROJO; MOURA, 2012, p. 152,153)

Diante disso, a escola precisa adequar suas práticas às transformações da sociedade atual, criando estratégias que envolvam realidade/tecnologias/posicionamentos/interatividade para que o aluno se sinta inserido e preparado para atuar nas várias situações que lhe serão apresentadas e cobradas no dia a dia.

A BNCC (2017) recomenda ainda que o estudo da língua seja baseado no estudo dos diferentes gêneros textuais de circulação social:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, com Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital -, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. (BRASIL, 2017, p. 9)

Aliar o gênero comentário argumentativo às novas tecnologias será colocar os alunos diante das mais atuais formas de posicionamento e construção do conhecimento. No entanto, faz-se necessário que o professor proponha desafios e deixe que os alunos criem seus próprios caminhos, elaborem suas ideias e se posicionem diante desta enxurrada de informações de forma efetiva, sabendo onde buscar a informação, pois a internet pode ser considerada “uma biblioteca aberta” que está à disposição deles em tempo integral e real.

Foi pensando nesta realidade que esta proposta de intervenção foi elaborada e desenvolvida com alunos do nono ano, por acreditar que, por estarem concluindo o Ensino Fundamental (Anos Finais), precisam ter ideias claras e objetivos estabelecidos sobre o seu papel na sociedade, ter um grau de criticidade e poder de argumentação definidos para conseguirem interagir de maneira consciente no meio social e serem protagonistas de suas ações, por perceber, também, que a sociedade nos coloca à frente de situações em que precisamos defender uma ideia (redações para concursos, entrevistas de emprego, defesa de acusação, etc.) o que reforça a importância que a competência argumentativa tem para a vida social e prática.

Percebemos a importância da argumentação também quando analisamos as competências que são exigidas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A competência 3 aborda mais especificamente o que será cobrado aos alunos em relação ao texto argumentativo: selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista. Por isso, torna-se necessário já ir apresentando esse gênero aos alunos, a fim de que eles possam apropriar-se de suas características e estrutura, uma vez que estão a um passo de passar para o Ensino Médio e mais adiante prestar o ENEM.

Para fundamentar este trabalho, dividido em seis capítulos, foram considerados estudos de diversos autores, dentre eles Koch e Elias (1996), Coll, Pozo, Sarabia e Valls (1998), Reboul (2004), Recuero (2009), Perraudeau (2009), Leitão e Damianovic (2011), Luckesi (2011), Perrenoud (2013), Coscarelli (2016), Fiorin (2017) e Santos (2017).

No segundo capítulo apresento a fundamentação teórica discutindo aspectos como ***Sociedade da informação: leitura e argumentação***, e trato sobre a importância que a competência comunicativa vem adquirindo na contemporaneidade e da necessidade que o sujeito tem em interagir com essas novas tecnologias numa sociedade cada vez mais globalizada; a seguir, discuto sobre ***Os gêneros textuais e a interatividade na prática pedagógica on-line***, uma vez que, uma sociedade cada vez mais tecnológica e globalizada, exige do sujeito novas habilidades que vão muito além de saber apenas ler, escrever e interpretar, pois novos gêneros textuais surgem nesse novo contexto e, reconhecer a importância da leitura para sustentação da argumentação é fundamental. Logo após, traço um breve histórico sobre os estudos da retórica de Aristóteles e a argumentação propriamente dita: ***Argumentação***. Apresento ainda os temas ***O Facebook: um espaço potencializador da argumentação*** e o ***O Facebook como instrumento de apresentação coletiva dos pontos de vista*** onde traço uma discussão sobre o Facebook como recurso pedagógico, aprendizagem colaborativa na sala de aula, sua importância como instrumento para motivar a leitura, a escrita e os conhecimentos compartilhados nas redes sociais. No tópico ***Refletindo, negociando e/ou transformando pontos de vista*** discorro sobre a influência que as redes sociais exercem, principalmente nos adolescentes, e a grande dificuldade que a maioria deles têm em formular argumentos e sustentar um ponto de vista. E por fim trago ***O que a BNCC propõe sobre argumentação e novas tecnologias***, onde apresento e discuto as competências que a Base Nacional Comum Curricular traz sobre argumentação e tecnologia.

No terceiro capítulo, ***O início do caminho: É preciso conhecer para continuar***, discrimino toda a elaboração, o problema que motivou a realização deste projeto de intervenção, o contexto, a instituição de ensino em que a proposta foi aplicada, a descrição da proposta de intervenção, o tema da pesquisa, os objetivos, caracterização dos sujeitos envolvidos, os instrumentos, os procedimentos e a descrição e análise dos resultados do diagnóstico.

No quarto capítulo, ***A intervenção: Descrição e análise***, apresento a intervenção propriamente dita trazendo considerações sobre o andamento e descrevendo as etapas de todo o processo de aplicação, a metodologia, os objetivos, as competências e os conteúdos. No quinto capítulo, ***Análise de dados*** apresento os resultados obtidos durante a intervenção. E por último trago as considerações finais onde apresento os sucessos e insucessos na aplicação deste trabalho.

2 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: LEITURA E ARGUMENTAÇÃO

O termo sociedade da informação foi usado pelo sociólogo estadunidense Daniel Bell em seu livro *O advento Da sociedade pós-industrial*¹, em 1973. Sociedade que tem como eixo central o conhecimento teórico. Nesta obra, o autor ressalta que o eixo principal da chamada sociedade da informação é o conhecimento que, segundo ele, se tornará a estrutura central da nova economia e de uma sociedade fundamentada na informação, onde as ideologias serão supérfluas. Em 1990, este termo ressurgiu graças a globalização, desenvolvimento das TIC e da internet e com a ideia de que as novas tecnologias estariam em benefício de todos.

A partir da metade do século XX a sociedade começa a viver uma era tecnológica mais intensa. A inserção de computadores, *tablets*, celulares, etc. conectados à internet provoca grandes mudanças na vida das pessoas: na maneira de ler, escrever e interpretar o mundo que as cerca. Cada vez mais é crescente o uso desses dispositivos digitais conectados à internet para acessar *links* de navegação, pagar contas, conhecer pessoas, comprar, etc. Enfim, com o mundo globalizado e com o desenvolvimento de tecnologias de comunicação e de informação nasce a sociedade da informação.

O modo de produção, a industrialização e as novas tecnologias exigem uma incessante produção de novos conhecimentos e de novas habilidades que vão acarretar novas produções de textos: os que vão problematizar, os que vão argumentar, os que vão propor, os que vão expor, etc. A necessidade de estar inserido nessa sociedade da informação leva o sujeito a ler e escrever mais. À medida que interage online ele precisa ler-teclar-escrever. Desta forma torna-se, mais do que nunca, necessário que a escola oportunize a competência leitora de maneira mais interativa, mais reflexiva, fazendo com que os alunos compartilhem ideias, exponham opiniões, fundamentem e defendam um ponto de vista e estejam aptos a produzir. Como afirma Soares (2000 apud COSCARELLI, 2016, p. 161), “a educação é cobrada a se comprometer com o desenvolvimento de competências para o uso da ciência e tecnologia, resolução de problemas e novos contextos”.

¹ Para mais informações ler: Desafios de Palavras: *Enfoques Multiculturais sobre a sociedade da Informação*. Coordenado por Alain Valérie Peugeot e Daniel Pimienta. 2005. C & F Editions.

Diante de tantas demandas que a sociedade vem apresentando ao sujeito, e também da preocupação em oferecer trabalhos mais sistematizados no campo da informação, é preciso que nossos alunos saibam acessar informações, saibam compreendê-la e principalmente saibam utilizá-la de maneira crítica e consciente de forma a agir positivamente diante da sua vida e da vida em sociedade. Torna-se necessário então, que o professor ajude os alunos “a conquistarem a cidadania digital, que se traduz na participação no ambiente virtual com identidade, credibilidade, propriedade, autoria”. (NASCIMENTO e NASCIMENTO, 2013 in Revista Congresso de Pais). Eu, enquanto professora, percebo o quanto a vida *online* exerce fascínio sobre meus alunos. É muito comum interpelá-los com o celular nas mãos acessando o *WhatsApp* ou o Facebook mesmo que seja apenas postar alguma coisa. Pensando em tudo isso, venho desenvolvendo atividades orais/escritas que oportunizem a reflexão e o senso crítico/argumentativo dos alunos a partir de algumas postagens retiradas das redes sociais, leituras de jornais e textos xerocopiados como crônicas, charges e artigos de opinião. Busco minimizar o problema que tanto me angustia que é a não fundamentação dos comentários sobre algum tema em discussão.

O adolescente gosta de falar, de se impor, no entanto não consegue fundamentar de forma consistente a sua fala, na maioria das vezes são discursos vazios, sem fundamentação, sem apresentação de dados, por isso, fica evidente que é preciso incentivar mais leituras e discussões de maneira mais atraente, a fim de ampliar o universo de informações, e isto pode acontecer através de novas ferramentas de navegação digital, subvertendo uma rede social que era vista por eles apenas como um espaço para entretenimento para um espaço aberto para o diálogo, discussão e conhecimento. Dessa forma os alunos aprenderão a expor seu ponto de vista através da escrita de forma voluntária, fundamentados em leituras, debates e discussões que serão feitas em sala de aula e nas redes sociais, principalmente no Facebook.

A BNCC (2017), documento de caráter normativo, já apresenta habilidades que desenvolvem a competência argumentativa:

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BRASIL, 2017, p. 9)

É fato que para uma argumentação bem fundamentada é preciso ler, ou seja, leitura é a base para uma boa argumentação. Nunca se leu tanto! Uma prova disso é que nunca se editou tantos livros como agora. Com o advento das novas tecnologias e com a internet, surge uma nova sociedade, a sociedade da informação digital: *e-book*, o hipertexto, o *chat*, o fórum, etc., o que possibilita um maior acesso à leitura. Já não precisamos carregar o livro, ou mesmo comprá-lo, pois a leitura e a escrita estão em nossas mãos, no aparelho celular, *smartphone*, a um teclar/tocar de dedos.

Percebe-se, entretanto, que apesar do acesso mais fácil à leitura, os alunos ainda não conseguem argumentar de forma autônoma, talvez pelo fato de que a internet não esteja sendo utilizada por eles como um rico instrumento para compartilhar conhecimento, como um facilitador da aprendizagem e formação de opinião.

Deste modo, no momento atual, conhecer e possibilitar novas aprendizagens, por intermédio das tecnologias inovadoras, torna-se imprescindível para que o aluno encontre motivação para desenvolver as competências de ler e escrever uma vez que a sociedade cobra cada vez mais pessoas competentes nestas habilidades.

Como afirma Matta (2009, p.70), “a leitura revela-se uma exigência para a produção e acesso ao conhecimento, tão importantes hoje para o mundo do trabalho e para a participação social e exercício da cidadania”. Essa característica não se restringe aos textos impressos, mas a quaisquer tipos de texto, independente do suporte onde estejam.

Assim, a leitura vem sendo objeto de muitos estudos. Para Coscarelli,

A leitura é normalmente descrita como sendo construção de sentido a partir de um texto e como sendo um processo que envolve habilidades, estratégias, e que devem levar em conta aspectos socioculturais, como a situação de leitura, o objetivo, o leitor, o texto e a autoria, entre outros. (COSCARELLI, 2016, p. 63)

Ler é processo interativo, pois é uma competência que se desenvolve com o tempo, na troca de informações e envolve uma situação comunicativa na qual autor, texto e leitor se relacionam para construir o sentido do texto.

O trabalho que se realiza na sala de aula é um trabalho sistemático e interacional, dialogando com a realidade, o que só acontece na relação humana, desde que os envolvidos nesse processo estejam engajados e dispostos. Portanto, cabe ao professor propor situações em que o aluno exercite suas práticas sociais de

compreensão e produção de textos, fazendo-o entender que cada posicionamento postado no Facebook, através do gênero textual comentário argumentativo, comporta certas características, certas ideologias que são motivadas pela história, pela cultura e pela sociedade de forma geral.

A argumentação faz-se necessária a partir do momento em que a criança começa a falar. Ela precisa desenvolver a habilidade de convencimento para conseguir o que quer. Em outras situações do cotidiano, a argumentação está presente no dia a dia de todas as pessoas, a exemplo do supermercado, ao decidir qual produto levar para casa, no convívio com a família ao convencer ou não os pais a aceitarem o namoro, na defesa de uma compra ou troco errado, é necessário pois, desenvolver primeiramente a competência leitora desses alunos.

Desenvolver a competência leitora dos alunos não é tarefa fácil, mas é imprescindível e urgente, pois a cada dia a sociedade cobra sujeitos mais preparados e atuantes para o convívio em sociedade. Cabe a escola e ao professor, então, oferecer uma educação de qualidade, implantando novas e reais ações que visem sanar as dificuldades de leitura e compreensão textual. No entanto temos presenciado nessa sociedade da informação uma leitura que sai do impresso e vai para a tela do celular, do *notebook*, do *tablete*, etc., textos que exigem um leitor/escritor competente nos novos recursos que a internet oferece “Diante da tela o usuário/leitor precisa compreender a função dos *links*, identificar ícones e signos próprios do gênero (como curtir e comentar no Facebook, selecionar *emoji* no *WhatsApp*, inserir imagens, enviar fotos, publicar comentários)” (ZACHARIAS, 2016, p. 21).

Partindo desse pensamento, o professor deve oferecer estratégias que incentivem o ato de ler, de modo que eles percebam a importância e a significância que a leitura tem para a sua vida e o convívio social, oportunizando conhecer esses novos recursos que os textos trazem. No entanto, não se pode tornar esta prática um “ato redentor capaz de salvar o indivíduo da miséria e da ignorância” (BRITTO, 2003 *apud* MATTA, 2009, p. 71), pois ele é uma ação cultural, que envolve valores e saberes culturais.

Segundo Geraldi (1996 *apud* MATTA, 2009, p. 71): “ao ler um texto, o leitor mobiliza dois tipos de ‘informação’: aquelas que se constituíram em sua experiência de vida e aquelas que lhes fornece o autor em seu próprio texto”. Pois, o leitor, ao se apropriar de um texto, estabelece um diálogo entre o seu conhecimento de mundo e a nova informação com a qual se encontra.

Torna-se necessário, então, que o professor, ao elaborar atividades de leitura em sala de aula, tenha claramente definido os objetivos que pretende alcançar com determinado texto. É importante também utilizar textos interessantes, que despertem a curiosidade e a discussão. Um bom exemplo é trabalhar com temas polêmicos, pois são muito propícios para levantar questionamentos e a participação dos alunos, propor desafios, argumentar e ouvir a contra argumentação, desenvolver a reflexão, a compreensão e a autonomia na tomada de decisão e, principalmente, promover a interação.

Como afirma Recuero (2009, p. 81):

A interação social é compreendida como geradora de processos sociais a partir de seus padrões na rede, classificados em: competição, cooperação e conflito.

[...]

A cooperação é o processo formador das estruturas sociais... A cooperação pode ser gerada pelos interesses individuais, pelo capital social envolvido e pela finalidade do grupo.

Dessa forma relacionar temas polêmicos com redes sociais é uma excelente oportunidade de fazer com que os alunos desenvolvam comportamento de cooperação, uma vez que os atores precisam engajar-se, precisam respeitar regras. O conflito ajuda a fortalecer ou, às vezes, desestruturar os grupos “o conflito pode fortalecer as estruturas de um sistema, aumentando a união através de uma polarização, quando em conflito com outros sistemas” (Recuero, 2009, p. 85). E a competição que é um fator essencial para marcar território e se impor. Cada posicionamento postado no Facebook é uma forma de estabelecer laços, impor uma opinião, desafiar e até mesmo poder escolher entre mostrar-se ou não, uma vez que é muito mais fácil interagir nesse espaço de expressões e de construção de impressões que proporciona menos inibição, pois não há a necessidade de mostrar-se.

Portanto, é preciso que o professor seja um conhecedor dessas novas tecnologias e perceba que esta sociedade exige cada vez mais indivíduos capazes de atuar de maneira significativa nas várias situações que lhes serão apresentadas, para tanto é preciso mostrar a verdadeira relação entre leitura/argumentação/novas tecnologias aliados aos diversos gêneros textuais que estão surgindo e de que maneira eles poderão usar esses novos conhecimentos a fim de conviver, atuar e transformar essa sociedade da informação.

2.1 Os gêneros textuais e a interatividade na prática pedagógica on-line

Em uma sociedade marcada por avanços tecnológicos e por grandes transformações, é muito importante dar ênfase no ensino dos gêneros textuais, pois vivemos situações novas, que exigem posturas e posicionamentos também novos e muitas vezes ainda desconhecidos.

Na escola não é diferente, e o sujeito precisa aprender a lidar com todo tipo de situação, desde as impostas pelo professor, pelo colega, pelo diretor e até mesmo as que são imprevistas. Cada situação pede uma postura diferente, um jeito de falar, um jeito de escrever, uma maneira de se posicionar. A escola precisa estar inserida neste contexto de mudanças e avanços tecnológicos e ensinar essas novas habilidades que serão exigidas ao sujeito em suas práticas sociais. Permitir o contato com os gêneros textuais emergentes já é um bom começo.

Para Marcuschi (2008, p. 200) com essas novas maneiras de se comunicar, denominadas hoje como *Comunicação Mediada por Computador (CMC)*², surgem também os novos gêneros textuais, os chamados *gêneros digitais ou Comunicação Eletrônica*, que desenvolvem um “*discurso eletrônico*”.

A verdade é que as novas tecnologias abriram um leque de possibilidades para que a comunicação aconteça em qualquer hora ou lugar. Ela pode ser oral como uma mensagem de voz pelo celular, muito usada hoje por um grande número de pessoas, ou escrita como mensagem de texto via MSN, Facebook, *Chat*, Forum. Com o advento dessa *mídia eletrônica*, do computador e do celular ou *smartphone*, a comunicação encurtou distâncias, superou deficiências e diferenças.

O estudo dos gêneros textuais não é novo; desde a década de 60 já era pesquisado, mas os gêneros digitais e conseqüentemente os “*discursos eletrônicos*” constituem uma pesquisa mais atual.

Segundo Marcuschi (2008, p. 167), “os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia”. Contudo, os gêneros não são categorias taxonômicas para identificar realidades estanques. Ainda pairam muitas dúvidas sobre

² Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunica%C3%A7%C3%A3o_mediada_por_computador
Acesso em 31/01/2018.

os gêneros digitais e o “*discurso eletrônico*”, mas o fato é que a escola não pode ficar omissa diante dessas mudanças tão necessárias e presentes na vida dos sujeitos.

A internet, cada vez mais, abre novos caminhos, novas possibilidades de aprendizagem e interatividade. Como afirmam Ferreira e Bianchetti (1992, p. 257):

A interatividade potencializada pelas tecnologias digitais possibilita uma aprendizagem em que o aluno irá trilhar seus próprios caminhos, traçando sua cartografia com base nos seus desejos e necessidades, realizando, também, trocas dinâmicas e instantâneas com os demais sujeitos envolvidos no processo de produção de conhecimento.

Trabalhar com os gêneros digitais em sala de aula, via online, permite uma aprendizagem em tempo real, partilhada e dialogada, em que um sujeito constrói a sua aprendizagem e contribui para a aprendizagem do outro, esclarecendo dúvidas, acrescentando informações, argumentando, contra argumentando, negociando e transformando seu aprendizado.

O professor, diante dessa nova realidade, deixa de ser o transmissor de conhecimento, dando espaço ao aluno para que possa construir seu conhecimento. Cabe ao professor o papel de intermediador, aquele que também aprende. Segundo Silva (2000 apud FERREIRA; BIANCHETTI), “O professor disponibiliza domínios de conhecimentos de modo expressivamente complexo e, ao mesmo tempo, uma ambiência que garante a liberdade e a pluralidade das expressões individuais e coletivas”.

É muito importante que a escola tome partido dessas novas formas de produzir conhecimento e adote medidas para que sejam implantadas e trabalhadas em sala de aula, uma vez que não podemos deixar de levar em consideração que toda essa tecnologia já faz parte do convívio familiar e social dos alunos. São meios atraentes e desafiadores de aprendizagem, o que leva a crer que são mais significativos e relevantes.

Segundo Jonassen (1996 apud D’ÁVILA 2004) “os ambientes de aprendizagem devem ser instigantes, constituídos de problemas relevantes, sobre os quais os alunos devem refletir e buscar soluções”. Assim, o professor deve aproveitar todos os elementos que fazem parte do universo do educando e que possam contribuir, de alguma forma, para a reflexão e busca de soluções.

Schlemmer (2014, p. 11) também postula sobre a importância desses novos espaços:

É nesses novos espaços que os sujeitos, em movimentos nômades, interagem, constroem conhecimentos, aprendem, o que nos faz pensar que uma nova cultura possa estar emergindo, não dicotômica entre a cultura analógica e a digital, entre imigrantes e nativos digitais, mas sim, uma cultura que coloca esses em relação, numa perspectiva de coexistência.

Através desses espaços interativos a leitura e as atividades podem se tornar mais motivadoras, ajudando a formar alunos mais críticos, conscientes dos seus direitos e deveres, mais atuantes e questionadores uma vez que percebem que nesses espaços a leitura/texto é uma grande fonte de informação, conhecimento, possibilidades e interatividade

2.2 A importância da leitura para a sustentação da argumentação

A leitura mune o sujeito de informação, para que seja capaz de colocar-se diante das discussões que surgem no dia a dia, de refletir, de negociar e até mesmo transformar seu ponto de vista. Como afirma Ferreira (2004, p. 18)

A leitura assume significativa importância em um contexto que não é só educacional, mas político e social, e os estudos sobre ela apontam propostas pedagógicas capazes de formar um novo leitor, não apenas aquele que “sabe” ler na escola, mas que seja capaz de “ler o mundo” para usufruir e lutar pelos seus direitos, para conhecer seus deveres, para construir uma sociedade mais democrática e mais justa.

É a leitura que fornece ao sujeito as ferramentas necessárias para que ele possa se colocar, atuar e transformar as situações que lhes são apresentadas no dia a dia. Como postula Koch (1996, p. 19), “Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízo de valor”. Um sujeito que não lê, fica às margens da ignorância, podendo ser facilmente manipulado pela mídia e pela sociedade em geral. Logo, torna-se necessário promover atividades que despertem o interesse pela leitura, com textos que não estejam voltados apenas para o lúdico e o imaginário, mas que deem voz ao leitor, a fim de fazê-lo interagir, possibilitando a formação de pontos de vista.

Mas que leitura seria capaz de “desafiar” o sujeito a ponto de ele querer se manifestar, interagir? Pressupõe-se então que textos que abordam temas polêmicos sejam um bom começo para “desafiar” esses sujeitos a estabelecerem relações

argumentativas, justificando, explicando, refutando, procurando impor seu ponto de vista através das “pistas” que foram apresentadas pela leitura/texto. Como afirma Coscarelli (2016, p. 69) “Ler envolve uma situação comunicativa na qual há um autor, um leitor, um texto (múltiplos textos), um contexto e um ou mais objetivos para o ato da leitura”.

Os temas polêmicos, principalmente os que são apresentados na internet através do Facebook, *Instagram*, You Tube, despertam muito o interesse e a curiosidade dos alunos. A todo momento, podemos vê-los comentando ou interagindo sobre essas questões, mas, na maioria das vezes, com comentários vazios, sem muita fundamentação.

Para ler é preciso, principalmente motivação; motivados por temas interessantes, que promovam o debate e despertem a curiosidade de saber mais, os alunos conseguirão ficar mais atentos e engajados na compreensão do texto e assim conseguirão dar sentido ao que estão lendo.

Acionar os conhecimentos prévios sobre o assunto e sobre a estrutura informacional de *sites* também é de suma importância para que o aluno levante hipótese, faça inferências, estabeleça conexões entre o seu conhecimento de mundo e as informações que o texto apresenta e dessa forma consiga perceber a importância de saber argumentar nas questões pessoais e sociais.

É muito importante que a escola abra espaço para que os alunos leiam mais sobre os temas que são apresentados pela mídia, não se prendendo apenas aos textos trazidos pelos livros didáticos que, muitas vezes, não estão direcionados para a realidade deles. É preciso inserir temas que oportunizem a argumentação e desenvolvam a consciência crítica e reflexiva dos alunos, o que é fundamental para prepará-los para atuar na sociedade atual.

Torna-se necessário e oportuno também promover atividades que mostram o quanto é relevante associar o uso das novas tecnologias para desenvolver a leitura e escrita, principalmente no mundo digital, atividades que podem ser de pesquisa na internet, produção de textos digitais, interação e participação e postagens de comentários nas redes sociais, uma vez que hoje, a escrita e a leitura são quase essencialmente digitais. Preparar e estimular esses alunos para interagir nesse meio social torna-se extremamente urgente.

Tendo o gênero textual comentário argumentativo como objeto de estudo e a leitura como referencial para a produção deste gênero, torna-se necessário então entender o que é argumentar e sua principal finalidade.

2.3 Argumentação

Entre os séculos V e IV, os gregos elaboraram a retórica. Após a guerra na Sicília, os cidadãos derrotados exigiram seus bens. Instalou-se uma guerra civil, seguida de inúmeros conflitos judiciais. Para atender as demandas deste contexto, surge a retórica judicial, ainda sem alcance filosófico ou literário. Essa retórica estava baseada não em argumentos verdadeiros, mas a partir do verossímil.

Com Górgias, um dos fundadores do discurso epidíctico, nasce a retórica literária e o elogio público, eloquente, impregnado de figuras de palavras e de pensamento. Tão ritmado que se parecia com a poesia e que encantava os atenienses com sua eloquência.

Protágoras, mestre que ensinava eloquência e filosofia, cria a erística “arte de vencer uma discussão contraditória” (REBOULD, 2004, p. 7), mais tarde conhecida como dialética. Também por se interessar por gênero dos substantivos, tempos verbais, dá início ao que mais tarde será conhecido por gramática. Com ele, nasce também a dialética, partindo do princípio da controvérsia, na qual qualquer argumento pode ser refutado.

Isócrates, professor de arte retórica, apresenta, então, uma visão diferente para a retórica, uma visão sofística, quando tenta moralizá-la, afirmando que ela só é aceitável quando estiver a favor de uma causa justa e honesta.

Aristóteles foi o primeiro filósofo a apresentar uma teoria da argumentação, e apresenta uma visão bem diferente sobre a retórica dos sofistas, a qual Reboul (2004, p. 27) escreve:

É a arte de defender-se argumentando em situações nas quais a demonstração não é possível, o que o obriga a passar por “noções comuns”, que não são opiniões vulgares, mas aquilo que cada um pode encontrar por seu bom senso, em domínios nos quais nada seria menos científico do que exigir respostas científicas.

Aristóteles apresenta um meio termo entre a retórica dos sofistas e a retórica de Platão, Reboul (2004, p. 24) “entre o “tudo” dos sofistas e o “nada” de Platão, a

retórica se contenta com ser alguma coisa, porém de valor certo”. A retórica, passa a ser, então, indispensável, pois é a arte de falar de modo a persuadir/convencer diversos públicos de que uma dada opinião é mais aceitável que outra. Aristóteles apresenta ainda os fatores que influenciam o público em um discurso persuasivo oral/escrito: o *ethos* - referente à credibilidade do orador, o *pathos* – são os apelos referentes às emoções, e o *logos* – referente a razão e a lógica na construção dos argumentos.

No período posterior ao da segunda guerra mundial, começam os interesses pelos conhecimentos sobre a argumentação; um período marcado por grandes conflitos políticos e ideológicos, por muitos questionamentos, debates e disputas. Conforme aponta Santos (2017, p. 2.238): “Todas as questões de interesse geral que eram de competência do soberano passaram a ser submetidas à arte oratória e teriam de ser resolvidas no final de um debate”. Assim, para a aprovação das ideias do soberano, ele tinha que dominar a arte do convencimento.

Fiorin (2017, p. 11) escreveu “Ao abdicar do uso da força para empregar a persuasão o homem se torna efetivamente humano”, pensa-se logo neste contexto de guerra e grandes disputas, momento oportuno para o homem usar a mais forte “arma” que dispõe: o poder de convencimento, ou seja, o poder de argumentar a ponto de convencer o oponente a aceitar as ideias do proponente e assim acabar com o conflito. Segundo Santos (2017, p. 2.234):

Dado que a argumentação retórica não se fundamenta necessariamente sobre verdades científicas, sua constituição e seu estudo envolvem saberes declarativos de diversas ordens, inclusive do senso comum, das emoções, além de saberes processuais e condicionais ligados às habilidades necessárias para adequar esses saberes às especificidades das intenções comunicativas nas diversas situações.

Com o passar do tempo, o poder de argumentação, de convencimento ganha cada vez mais força e conquista novos espaços para o debate. A argumentação está presente em quase todas as esferas da vida diária. Com o advento da globalização e o desenvolvimento das novas tecnologias, surgem novos gêneros e, conseqüentemente, novas situações que nos são apresentadas. O debate que era em tempo real, *cara a cara*, agora pode ser *online*, potencializado pelas/nas redes sociais; a carta que levava dias para chegar ao seu destino final, hoje se transforma em e-mail e chega em poucos instantes.

Assim, a argumentação foi firmando-se no decorrer da história, como arte do convencimento, e com a ascensão das novas tecnologias, encontra nas redes sociais espaço para realizar o debate que envolve a opinião, em tempo real, possibilitando às pessoas a exposição de seu ponto de vista.

Por que trabalhar a argumentação em sala de aula? Trabalhar com argumentação em sala de aula significa desenvolver processos cognitivos-discursivos, essenciais à construção do conhecimento e reflexão. Por que levar argumentação para a sala de aula? Trabalhar com argumentação cria oportunidades para que o aluno possa expressar-se oralmente e/ou de forma escrita, é envolver negociação entre duas partes (proponente/oponente) como apontam Leitão e Damianovic (2011, p. 20):

Ao proponente cabe: oferecer razões que deem sustentação às suas próprias afirmações (pontos de vista); examinar contra-argumentos (avaliar a sustentabilidade de suas afirmações diante de contra-argumentos); e a eles responder (reafirmando ou modificando seu ponto de vista inicial). O papel do oponente por sua vez, é trazer para o diálogo dúvidas, questões e afirmações que ponham em xeque os argumentos do proponente

As autoras defendem as categorias discursivas para o gênero argumentativo: ações pragmáticas, ações argumentativas e ações epistêmicas. Essas ações representam motivação e estímulo para o desenvolvimento da argumentação através da discussão, levantamento de dúvidas, formulação de argumentos, contra-argumentos e justificativas, além de desenvolver habilidades específicas para debater sobre o tema. Nas ações pragmáticas leva-se em consideração as condições cruciais para que o discurso se caracterize como argumentativo (questionamentos, apresentação de divergências, justificativas, estímulos, tema polêmico). Nas ações argumentativas leva-se em consideração como a justificativa dos pontos de vista e a negociação de divergências foram elaboradas e as ações epistêmicas que levam em consideração como os conceitos estabelecidos, conhecimentos e informações sobre determinado campo foram mobilizados. Elas citam como exemplos dessas ações:

Ações pragmáticas – Desafios a que os alunos formulem pontos de vista, pedido de justificação para pontos de vista, colocação do aluno na posição de oponente, apresentação da argumentação como método de negociação/resolução de diferenças de opinião; estímulo ao aluno para que (re)examine seus próprios pontos de vista à luz de contra-argumentos, estímulo a que o aluno responda a contra-argumentos, definição de metas para o trabalho de sala de aula que exige argumentação. Ações argumentativas – formulação de argumentos, formulação e/ou avaliação de

dúvidas, objeções, contra-argumentos, e pontos de vista..., respostas às objeções consideradas (de forma a reafirmar, restringir, modular, retirar o ponto de vista inicial). Ações epistêmicas – apresentação de conteúdos relacionados ao tema, demonstração de procedimentos específicos da área do conhecimento em questão, ensino direto de habilidades, oferecimento de formas de raciocínio típicos da área do conhecimento, legitimação de pontos de vista dos alunos. (LEITÃO; DAMIANOVIC, 2011, p. 32 – 35)

As autoras afirmam também que essas ações, embora tenham sido apresentadas de forma separada, aparecem ligadas no desenvolvimento e na construção do discurso argumentativo; apresentam ainda a ideia de que a argumentação favorece tanto processos de reflexão como os de apropriação de conteúdos diversos:

O engajamento em argumentação cria, portanto, no indivíduo, um tipo de experiência metacognitiva (pensar sobre o próprio pensamento que lhe possibilita tomar consciência e agir (fundamentar, avaliar, reafirmar, reformular) sobre seu próprio pensamento. (LEITÃO; DAMIANOVIC, 2011, p. 42-43)

Portanto, saber argumentar é fator essencial na sociedade da informação, pois diante da velocidade com que a informação chega até nós, pelas redes sociais, principalmente, é preciso ter consciência crítica e autônoma para saber se posicionar, apresentar razões, discernir verdade/mentira, necessário/banal e se essa informação abrirá caminhos a fim de acrescentar mais conhecimento “ (...) temos de argumentar em razão dos muitos papéis que precisamos assumir” (KOCH; ELIAS, 2017, p. 10).

2.4 Facebook: um espaço potencializador da argumentação

Na atual “Idade Mídia”, é incontestável a importância que as redes sociais têm na vida das pessoas, principalmente dos adolescentes, que já nasceram na era digital. Trazer esses recursos para sala de aula e fazer deles um aliado na prática pedagógica, transformando-os em material “*tecnodidático*”, é fundamental para aproximar estes jovens da realidade, uma vez que já fazem uso de muitos recursos que as redes sociais disponibilizam.

Dentre os tantos recursos extraídos da rede social está o Facebook, que tem a adesão de uma boa parcela da população estudantil. O Facebook surgiu em 2004, com o propósito de ser “uma comunidade com a qual as pessoas da universidade pudessem se comunicar”, diz Mark Zuckerberg, criador do Facebook. Segundo a Revista Veja (2017, p. 101), em 2017, o Facebook ultrapassou 2 bilhões de usuários

o que fez dele o “país” mais populoso do mundo”, perdendo até para China. Percebe-se, então, que com apenas 13 anos de existência, um adolescente ainda, o Facebook superou expectativas e ultrapassou os limites da universidade para o mundo. Segundo Schlemmer (2014) o Facebook é um espaço de subjetivação, sociabilidade e diferença.

Novas situações vão surgindo nesta sociedade tecnológica e interativa. As novas tecnologias vêm criando novos espaços e novos tempos de interatividade, novas formas de pensar e agir, sendo o instrumento responsável por grandes mudanças sociais, pois a interação virtual tem grande importância na medida em que o signo pode ser transformado, ressignificado e compartilhado com milhares de pessoas ao mesmo tempo.

A informação pela internet pode ser transformada diante dos vários recursos que ela disponibiliza e os receptores dessa informação não são passivos, eles interagem fazendo comentários, elogios, sugestões, críticas, etc., eles já possuem a ferramenta e já sabem usá-la, o que precisam é alcançar os objetivos, pois a sociedade espera muito desses jovens: que trabalhem em colaboração, selecionem informação e transformem a informação em ação. Em um ambiente onde você é o que diz ser, a informação é democratizada e, às vezes, até distorcida.

A internet, mais precisamente o Facebook, possibilita ainda motivar e envolver os alunos tornando-os mais reflexivos, críticos e menos passivos o que o constitui como um instrumento importantíssimo para aliar às práticas pedagógicas em sala de aula. A possibilidade de criar uma página de contatos, postagens e com interesses comuns dos alunos, possibilita uma interação/integração maior com o objeto de estudo.

Segundo Charlot (2013, p. 21),

A internet é um instrumento; o que importa, antes de tudo é o caminho, trate-se de uma aula clássica ou *on-line*: despertar questionamentos, dar acesso a conhecimentos que são respostas e, assim, produzir sentido acerca do mundo e da vida.

Diante dessa realidade, os gêneros digitais vão ganhando mais espaço na vida das pessoas, e o professor, segundo Charlot (2013, p. 19), deixa de ser o “professor de informação” e passa a ser “o professor do saber” pois nenhum docente pode entrar em concorrência com o *Google*”.

Na nossa prática pedagógica urge utilizar as novas tecnologias na sala de aula. São muitas as vantagens: pesquisa no celular, consultar grafia de determinada palavras em inglês ou mesmo em português, localizar endereços, até mesmo formar grupos para saber se haverá aula através das mensagens via *WhatsApp*, criar grupos fechados para discutir uma determinada disciplina/assunto. A internet e as inúmeras possibilidades que ela oferece são recursos imprescindíveis para enriquecer, dinamizar e compartilhar informação, pois ela disponibiliza não uma informação, mas vários links e um mundo de possibilidades. No entanto, percebe-se que muitos alunos não estão interessados nas informações que geram aprendizagem. Eles se interessam muito mais pelo poder de entretenimento que a internet oferece do que assuntos de interesse social. Trata-se de um ambiente sedutor, colorido, com som, imagens, etc., é preciso ter discernimento, maturidade e foco para não se deixar seduzir apenas pelo entretenimento que ela proporciona, mas adentrar no infinito caminho da informação e, conseqüentemente, do conhecimento.

Faz-se necessário então, que a escola e, principalmente, o professor oportunizem atividades que direcionem o aluno a desenvolver essa consciência crítica e esse poder argumentativo que a sociedade tanto busca. Para tanto, precisa criar um espaço às reais aspirações da geração atual, apresentar leituras de questões polêmicas como: legalização do aborto, redução da maioria penal, legalização da maconha e legalização do porte de armas, seria um recurso desafiador para desenvolver a competência de convencer, de persuadir, de colocar um ponto de vista ao passo que o outro também vai argumentar e contra argumentar sobre o que foi exposto no Facebook, refletir coletivamente, ou seja, promover aprendizagem e desenvolvimento do pensamento reflexivo de forma interativa e compartilhada.

É importante chamar a atenção que cada sujeito traz consigo suas histórias, crenças e ideologias. Diante disso, o professor precisa respeitar o ponto de vista de cada um, pois é um agente mediador que desafiará constantemente o aluno, não podendo assumir uma postura implacável de repulsa em relação aos pontos de vista apresentados. Cabe ao professor mensurar o conteúdo das postagens e o número de visualizações, mas principalmente investigar a construção dos argumentos a partir dos comentários convergentes e divergentes a respeito do tema. É importante também afirmar que no comentário argumentativo não existe resposta pronta, trata-se de um comentário, um ponto de vista abordando temas polêmicos. Esses pontos de vista

devem partir de leitura e questionamentos a fim de sustentarem e embasarem os argumentos e os contra-argumentos que construirão.

Hoje, graças às redes sociais Facebook, *Instagram*, *You Tube* e *Twitter*, a informação chega cada vez mais rápida, numa velocidade vertiginosa. Com as distâncias mais curtas, as pessoas se comunicam de maneira imediata e o acesso ao saber ficou bem mais próximo, global e democrático. Uma realidade onde os meios tecnológicos estão cada vez mais presentes no dia a dia das pessoas, respondendo, falando, oferecendo uma grande variedade de informações e entretendo.

As pessoas estão sendo bombardeadas por uma enxurrada de estímulos visuais, sensoriais, auditivos, que são diariamente oferecidos pelas novas tecnologias; eles vivem em um ambiente altamente estimulante. Diante desses vários estímulos, a escola pode acabar se tornando um lugar entediante. Esses estímulos que são oferecidos, são experimentados, transformados e, muitas vezes, não são considerados pela escola.

É interessante afirmar que tudo que é postado nas redes se transforma em informação, embora essa informação nem sempre seja original, verdadeira e positiva. Segundo Vilicic e Lopes (2017, p. 101), o grande desafio a ser enfrentado pelos criadores das redes sociais para 2018 será fazer desse espaço, ao mesmo tempo em que é um espaço democrático de entretenimento, conhecimento e informação, um espaço que seja também avesso ao ódio, ao preconceito e à intolerância.

Entra em jogo, então, um tema muito discutido: a censura nas redes sociais e as *Fake news*. Não é raro observar postagens que disseminam o preconceito, o vandalismo, o bullying e outras posições contrárias à conduta cidadã. Por isso, será preciso muita cautela ao iniciar esse desafio para não deixar que a censura, tão criticada por alguns, volte à tona nesse espaço que foi criado para ser democrático.

Essas redes sociais abrangem pessoas de várias comunidades virtuais. Guimarães (2001 apud D'ÁVILA, 2001, p.272) caracteriza ambiente de sociabilidade como:

[...] o *lócus* criado no ciberespaço por programas específicos orientados à comunicação de dois ou mais usuários que é povoado por indivíduos que estabelecem uma atividade societária por um determinado tempo. A partir dessa sociabilidade podem se desenvolver comunidades virtuais estáveis que irão abrir mão dos mais variados recursos disponíveis para veicular essa sociabilidade.

Essas redes ampliam as possibilidades de informação, uma vez que movimentam, em escala mundial, as perspectivas do indivíduo: pessoas diferentes discutindo sobre o mesmo tema. Para Geertz (2001 apud MARTINS, 2004, p. 298), o “encontro entre os diferentes é um espaço conflituoso que proporciona significativas transformações”. E é nesses espaços de conflito e discussão que surge o lugar para a aprendizagem, um lugar que, segundo Martins (2004, p. 298), deve: “[...] estar diante da diferença, atravessar um meio desconhecido, passar pelo que é compreendido enquanto irregularidade, falha, equívoco e que, por isso, deve ser banido, para um entendimento que aproxima, negocia e relaciona (...)”.

Dessa forma, a escola precisa redimensionar a forma de aprendizagem, criar novas possibilidades para aprender e conhecer, longe de ideologias prontas, tornando-se fundamental estimular a interconexão e a autonomia dos indivíduos diante desta nova realidade.

Muitos adolescentes usam essas redes sociais apenas para se relacionar com outras pessoas “manter contato”, postar fotos e até mesmo postar perfis que às vezes não condizem com a sua realidade a fim de convencer, deslumbrar e/ou enganar.

Cabe ao professor, então, mostrar o lado pedagógico das redes sociais trazendo temas atuais/polêmicos para a sala de aula objetivando que os alunos possam usar as redes sociais/Facebook para se manifestarem, para que eles, munidos de informação, possam fazer uma mediação sobre o que é realmente relevante e o que é senso comum, aliando assim, as redes sociais à uma aprendizagem realmente significativa.

2.4.1 O Facebook como instrumento de apresentação coletiva dos pontos de vista

O Facebook pode ser um excelente aliado das práticas pedagógicas, uma vez que mostra, de forma democrática e global, as diferentes maneiras de pensar dos sujeitos, pois são visões de mundo diversas e podem se transformar rapidamente, e também por disponibilizar várias ferramentas como o chat, compartilhamentos, fórum, enquetes, debates, etc., que dispõe sobre livre manipulação, o que possibilita interpretações diversificadas, e isso fará com que o sujeito trilhe seus próprios caminhos.

Dentre essas várias ferramentas, temos o *chat* e o fórum, onde os alunos podem interagir com os outros utilizando vários recursos que estes gêneros oferecem como exibição de vídeos, hipertextos, imagens, fotos e músicas, tudo dentro de uma página que pode ser criada no Facebook.

A interatividade possibilita ao sujeito navegar em um mar de possibilidades e descobrir-se como um sujeito interativo que busca, cria, recria, posta, interage e a todo o momento está em processo de crescimento e evolução.

Para Lemos (2004 apud RETTORI; GUIMARÃES, 2004, p. 307), a mídia analógica como o rádio, a TV e os livros impõem uma interação passiva, diferentes das tecnologias digitais uma vez que estas mantêm uma transmissão simultânea e direta entre emissor e receptor

Expor um ponto de vista diante de uma classe não é fácil; por outro lado, expor um ponto de vista em uma avaliação escrita, na maioria das vezes, é uma tarefa sem grande motivação, pois esse ponto de vista será avaliado por questões quantitativas/ “nota” e apenas o professor terá acesso a ele. Isso não é interessante para os alunos, uma vez que eles gostam de ser desafiados a todo o tempo, gostam de questionar, de impor seu pensamento, querem falar e ser ouvidos.

O que falta então? Falta “motivação” para a leitura. Lendo mais o aluno terá como fundamentar seu ponto de vista e assim sentirá segurança para escrever o que pensa na página do Facebook e tendo o bom senso necessário para aceitar uma contra argumentação e para contra argumentar também. Temas polêmicos geram discussão e muitos questionamentos, apresentam uma multiplicidade de posições sobre o tema. Questionamentos cujas respostas serão construídas por cada um, através de leituras e reflexões, exigindo reflexão e conhecimento. Tudo isso transforma a sala de aula em um ambiente democrático, dinâmico e interativo, onde um grupo constrói e reconstrói vários conceitos que até podem ser desmitificados, desconstruídos e deixar de ser senso comum, transformando e desenvolvendo a consciência crítica e autônoma dos alunos. Como afirma Leitão (2011, p. 42):

O engajamento em argumentação cria, portanto, no indivíduo, um tipo de experiência metacognitiva (pensar sobre o próprio pensamento) que lhe possibilita tomar consciência e agir (fundamentar, avaliar, reafirmar, reformular) sobre seu próprio pensamento.

Segundo o filósofo norte-americano Rorty (1993, p. 37) muito do que pensamos ser educação depende da visão que temos sobre a prática argumentativa.

Para ele, “educar é agir segundo a ideia de que as pessoas podem não seguir nossos argumentos, mas tendo a esperança de modificá-la para que um dia possam”. Infelizmente, muitos dos nossos alunos apresentam ideias que muitas vezes não condizem com os propósitos que sonhamos para eles e que vão contra a convivência na sociedade: preconceito, bullying, racismo, e cabe a nós, professores, a ideia de “refiná-los” a fim de que possam atuar de forma mais civilizada e reflexiva. Para tanto, vale a discussão, as estratégias, as argumentações, os exemplos a fim de que eles reflitam sobre suas atitudes e maneiras de agir e pensar.

Usar o instrumento Facebook como recurso de aprendizagem é possibilitar aos alunos uma outra forma de apresentar seu ponto de vista, o que pensam, o que sabem sobre determinado tema, de forma a se posicionar também frente a opinião do outro e assim o conhecimento vai sendo compartilhado.

Dessa forma, o aluno se sentirá parte desse processo, dessa construção de novos conceitos e terá mais segurança para falar e escrever sobre o que pensa, refletir, negociar e até transformar pontos de vista.

2.5 Refletindo, negociando e/ou transformando pontos de vista

Partindo das conclusões apresentadas por Aristóteles, que acreditava que um discurso persuasivo pode ser usado para manipular pessoas, mas que também é uma forte ferramenta de comunicação, e ainda segundo Lima (2010, p. 45) que diz que a retórica, hoje mudou de nome e passou a ser chamada de “relacionamento interpessoal, comunicação interpessoal”, reflete-se a grande importância que o texto argumentativo tem na vida em sociedade, visto que está presente no dia a dia das pessoas. A todo momento, estamos influenciando ou sendo influenciados pelos discursos dos outros, seja na compra de um produto, investindo em um namoro, no aluguel ou compra de um imóvel.

É preciso, então, colocar em prática e dar significado aos verbos refletir, negociar e transformar na medida em que são muito importantes para formação do pensamento argumentativo. Saber usar uma linguagem simples, clara (um vocabulário adequado) e principalmente saber adequar essa linguagem ao público para o qual se destina a discussão são muito importantes para convencer o outro a

favor do seu ponto de vista ou ao menos mostrar-se como um bom oponente quando, ao fazer refutação promove a reflexão e/ou uma transformação de pontos de vista.

Toda argumentação deve partir de questionamento. O professor deve questionar a ponto de fazer os alunos levantarem hipóteses, ativarem os conhecimentos prévios e principalmente refletirem sobre determinado tema considerado polêmico. A partir dessas reflexões, muitas discussões emergirão fazendo com que os alunos se sintam motivados e interessados em apresentar o seu ponto de vista, uma vez que não existe uma resposta certa para temas polêmicos: ou são baseados no senso comum ou são fundamentados de acordo com dados ou informações contidas em textos.

Sendo assim, com o negociar e a arte de convencer, entra em cena o gênero argumentativo, quando há uma discussão entre um locutor e o seu proponente, com temas apresentados de modo que um tenta convencer o outro sobre a verdade e importância do ponto de vista de cada um, afinal “estudar a arte de convencer os outros virou necessidade não só para quem quer persuadir, mas também não ser enrolado pela conversa alheia” (Guerreiro, 2010, p. 42)

Para transformar um ponto de vista que era até então considerado certo, precisa-se, sobretudo, convencer. Essa palavra no latim pode ser definida como: (*cum+vincere=vencer o opositor*) aqui vale usar grandes campos de estratégias: o convencimento baseado na lógica ou na persuasão que significa “aconselhar”, envolver pela emoção.

É muito importante mostrar para os alunos que um ponto de vista pode ser transformado, à medida que vão surgindo novas informações antes desconhecidas e que o poder de convencimento do outro pode ser tão forte que pode fazer com que o oponente partilhe do mesmo ponto de vista do proponente. Esse é o papel da escola, promover a discussão, o debate, a autonomia e principalmente a reflexão.

Diante dessa sociedade da informação cada vez mais industrializada que cobra sujeitos cada vez mais autônomos, que “saibam fazer” e que “saibam buscar” informação, torna-se necessário que o professor e a escola estejam atualizados/aliados em relação ao que a educação traz de mais atual e urgente para desenvolver as competências básicas para essa nova sociedade. Dessa forma, a BNCC propõe que a escola prepare os alunos para uma sociedade democrática com homens cidadãos, através de uma educação inclusiva, uma avaliação que deixa de

ser classificatória e passa a ser diagnóstica/contínua e que o respeito às diferenças seja um fator preponderante, uma vez que as classes hoje são heterogêneas.

2.6 O que a BNCC propõe sobre argumentação e novas tecnologias

No contexto atual, com a industrialização, as novas tecnologias, urbanização crescente e a busca da informação, nasce um novo sujeito, o sujeito da era digital, o sujeito 4.0. Esse sujeito dispõe de recursos tecnológicos que permitem uma escrita mais correta, mais rápida, mais interativa e que não se atrela apenas à caneta e ao papel. Um sujeito que acima de tudo precisa “saber fazer”.

Entretanto, esse sujeito também participa de uma sociedade mais competitiva e mais exigente no que diz respeito às novas competências, principalmente para o mercado de trabalho. Faz-se necessário então que a escola acompanhe essas mudanças e busque meios para transformar o ensino, de maneira que o sujeito seja preparado para atuar nessa nova sociedade.

A BNCC (2017), documento de caráter normativo, que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas de modalidade da Educação Básica, não ficou alheio a essas mudanças. De acordo com esse documento:

Para além dos gêneros, são consideradas práticas contemporâneas de curtir, comentar, redistribuir, publicar notícias, curar etc. E tematizadas questões polêmicas envolvendo as dinâmicas das redes sociais e os interesses que movem a esfera jornalística- midiáticas. (BRASIL, 2017, p. 134)

A aprendizagem não pode estar unicamente relacionada à transmissão de conteúdos pré-determinados e exclusivos das gramáticas, mas sim a um ensino voltado para o pensamento reflexivo e interativo através, principalmente, dos gêneros textuais aliados às novas tecnologias, conhecimentos reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. Nesse percurso de mudanças, espera-se que, mais que estruturas formais ou modelos estanques, os gêneros e também essas novas práticas contemporâneas sejam produzidos e recebidos, na escola e fora dela, como poderosas ferramentas para agir sobre o mundo.

Além de reconhecer a importância dessas novas práticas contemporâneas, a BNCC traz à tona também a importância de levantar questionamentos sobre a

confiabilidade das informações postadas nas redes sociais, da divulgação excessiva de *Fake News*³ e do importante papel que a mídia exerce na formação de opinião.

Nesta sociedade da informação, também chamada de sociedade digital, cresce o número de pessoas mais adeptas às novas tecnologias; o analógico está perdendo espaço para o digital, a informação chega cada vez mais rápida, o sujeito precisa desenvolver mais habilidade para poder “competir” com outros sujeitos que também estão em constante evolução; é rápida a troca de valores, percebe-se uma aumento das contradições entre o individual e o coletivo, cresce as incertezas: é a sociedade do prazer imediato.

Deste modo, é preciso saber se posicionar de forma consciente, crítica e transformadora para não cair nas “armadilhas” preparadas por essas ferramentas, que podem também disseminar o discurso do ódio, do preconceito, da falta de ética e, dessa maneira, acabar manipulando esses jovens/sujeitos. A BNCC propõe, então, que temas polêmicos sejam levados para sala de aula, a fim de promover discussões e diálogo desenvolvendo a sensibilidade e o senso crítico dos alunos.

Aqui também a discussão e o debate de ideias e propostas assumem lugar de destaque. Assim não se trata de promover o silenciamento de vozes dissonantes, mas antes de explicitá-las, de convocá-las para o debate, analisá-las, confrontá-las, de forma a propiciar uma autonomia de pensamento, pautada pela ética, como convém e Estados democráticos. (BRASIL, 2017, p. 135)

Assim, a escola deve promover atividades que desenvolvam o senso crítico e a busca de informações, através de discussão, debates orais, textos verbais e não-verbais, com as quais os alunos possam se manifestar de maneira autônoma, interativa e crítica. Para tanto, deve oportunizar meios mais modernos e atraentes para despertar o interesse e a participação: gêneros da cultura digital (relatos multimididáticos, vídeos-minuto, comentários etc.).

O ensino deve estar baseado no estudo dos gêneros textuais/digitais pautados nos propósitos sociais de cada texto e a finalidade de responder as exigências comunicativas que os sujeitos enfrentam no dia a dia. Assim, o texto é tido como a unidade de sentido e pode ser considerado um evento comunicativo que converge ações linguísticas.

³ *Fake News: notícia falsa* Retirado de <http://www.teclasap.com.br/fake-news/> em 30/05/2018.

É preciso conscientizar os alunos sobre a importância da leitura para aprenderem a localizar dados e opinar sobre um determinado tema de forma a compreenderem e usarem essas informações de maneira significativa no contexto social.

3 O INÍCIO DO CAMINHO: É PRECISO CONHECER PARA CONTINUAR

Diante das novas práticas sociais que nos são apresentadas a cada dia, e diante de uma sala que apresenta uma maioria de sujeitos que gosta de participar oralmente de discussões, mas que, em contrapartida, demonstra dificuldade em fundamentar um ponto de vista usando argumentos sólidos, torna-se necessário ressignificar a prática pedagógica de maneira mais motivadora, interativa e significativa. Entretanto, antes de qualquer intervenção, é preciso investigar e diagnosticar para conhecer a realidade a qual nos propomos a intervir e para isso podemos aliar as novas ferramentas tecnológicas ao processo de ensino aprendizagem visando alcançar resultados mais satisfatórios, oportunizando assim o protagonismo dos sujeitos de modo que estejam preparados para atuar numa sociedade cada vez mais competitiva e exigente, onde saber se impor e defender seu ponto de vista é fundamental.

Reconhecendo, então, a necessidade de conhecer a realidade antes de propor qualquer mudança, apresento, neste capítulo, a realidade da turma participante do projeto, bem como as atividades diagnósticas e o resultado e análise das respostas.

Ao ingressar no PROFLETRAS pretendia principalmente aprimorar a minha práxis, no entanto percebi que para aprimorar esta práxis era necessário um repensar sobre o meu trabalho enquanto professora de Língua Portuguesa, enquanto educadora e, principalmente, enquanto pessoa. A proposta final do curso é desenvolver e aplicar este projeto de intervenção com atividades que visem a melhoria da qualidade de ensino de forma a transformar nossos alunos em leitores e escritores proficientes, e, para realizar esta proposta, é preciso muito mais do que apenas explicar conteúdos: é preciso planejar, estudar teorias, métodos, investigar para conhecer a realidade, levantar conhecimentos prévios, selecionar conteúdos que sejam realmente significativos, desenvolver e aplicar atividades reais e possíveis para que a aprendizagem aconteça e, finalmente, é preciso avaliar.

Realizar um trabalho como este não é fácil e nem sempre estamos dispostos a nos aventurar a ser um professor pesquisador para depois um professor aplicador/avaliador. A leitura indicada de Perraudeau (2009) me oportunizou adentrar no mundo dos saberes conceituais, procedimentais e atitudinais, e também nos polos

individual, cognitivo e social, fundamentais para a minha prática e para a aplicação desta proposta, pois até então não os conhecia e a BNCC foi um norte a seguir e a estabelecer a estrutura deste trabalho, desta forma aprendi muito e pude ressignificar a minha prática. A partir das orientações, das leituras, dos planejamentos pude traçar toda a estrutura, as estratégias e a metodologia deste trabalho.

Esta intervenção seguiu as três unidades estruturais que correspondem ao modelo de formação previsto para o PROFLETRAS: análise situacional, o planejamento e a implementação da proposta de intervenção e a avaliação (Santos, 2017).

Na análise situacional, através de um questionário socioeconômico e outro psicopedagógico (Apêndices A e B), discorro sobre os sujeitos participantes deste trabalho: quem são, suas preferências, hábitos, dificuldades, etc., dados estes que podem ser observados através dos gráficos apresentados. Ainda nesta etapa, através de duas atividades diagnósticas (Apêndices C e D) confirmo a real dificuldade dos alunos em argumentar e em responder as questões discursivas, sendo assim, necessária e oportuna a aplicação desta proposta de intervenção. É muito importante saber quais os conceitos que os alunos já trazem para que, a partir daí, sejam selecionados os saberes necessários para a construção da aprendizagem.

No planejamento e implementação da proposta apresento os objetivos, as competências que a BNCC propõe, os conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais), a metodologia aplicada e todas as etapas da intervenção propriamente dita. Apresento ainda, uma análise dos resultados obtidos na sala de aula e na página do Facebook e os principais obstáculos enfrentados na aplicação desta proposta. É importante salientar que ao planejar esta etapa foram considerados os 3 polos apresentados por Perraudeau: o individual, o cognitivo e o social, sem os quais seria difícil conhecer a realidade dos sujeitos envolvidos.

A avaliação consiste em um ato de reflexão e ajustes constantes, pois o professor precisa avaliar todo o processo e também se auto avaliar. Através da avaliação o professor reflete sobre a sua prática, (re)pensa o tipo de mediação e traça novas metodologias, novas estratégias, a fim de alcançar os objetivos propostos e sanar as dificuldades que foram apresentadas nas atividades diagnósticas (Apêndices C e D).

3.1 O Contexto da Aplicação

Esta proposta surgiu como requisito para alcançar o título de mestre pela Universidade do Estado da Bahia, através do programa PROFLETRAS. São muitas as inquietações que cercam o profissional da educação: desrespeito, material escasso, descaso dos poderes públicos e até da própria sociedade, carga exagerada de trabalho, falta de cursos para qualificação, etc. enfim, todos esses problemas acabam tornando o professor desmotivado e desacreditado.

O valor do profissional da educação é inquestionável, porém, na realidade, essa valorização não é demonstrada. Diante desta realidade é preciso fazer diferente, ser diferente, pois o professor é o principal formador de opinião; cabe a ele a tarefa de transformar crianças em cidadãos conscientes e capazes de atuar e transformar de forma construtiva a sociedade que os cerca. É preciso buscar recursos que inovem, pois não cabe mais aquela educação tradicional e passiva dos anos 90. Nosso aluno é outro, geração y, sujeitos ativos, que sabem buscar informação em equipamentos supermodernos. Essas novidades tecnológicas/digitais acabam sendo muito mais interessantes do que a escola que ainda permanece na era analógica.

Partindo do pensamento de que é preciso mudar, essa proposta de intervenção apresenta a ideia de aliar o aprendizado da argumentação às novas ferramentas tecnológicas, especificamente o Facebook. É preciso transformar essa tecnologia num aliado do professor em sala de aula, mostrando para os alunos como a internet pode ajudá-los na formação da consciência crítica e reflexiva. Não cabe mais copiar e colar, é preciso ler, refletir, argumentar, transformar e compartilhar. É preciso entender que saber argumentar nos deixa mais próximos de alcançar nossos objetivos, pois à medida que conseguimos impor nosso ponto de vista de forma consistente, podemos convencer o outro e conseguir o que queremos, podemos mudar opiniões a nosso favor, podemos transformar ideias, podemos decidir melhor sobre o que comprar, em quem votar e, conseqüentemente, ressignificar o modo de ver e entender as pessoas e a sociedade em que vivemos, sendo um grande instrumento de comunicação. Como afirma Guerreiro (2010, p. 44):

[...] estar retoricamente preparado para relações dialógicas, é também estar vacinado contra argumentações inconsistentes ou até fajutas, tanto quanto para persuadir os outros. Essa preparação representa, nos dias de hoje, uma verdadeira conquista da cidadania.

Diante desse exposto fica claro a real importância que deve se dar ao ensino da argumentação em sala de aula. Abrir espaço para a argumentação é dar voz e vez ao aluno, tanto oralmente quanto através da escrita. É apresentar as várias esferas onde aparece o discurso argumentativo que muitas vezes passa despercebido e, por isso, nos deixa sem reação.

3.2 A instituição de ensino

A escola onde esta proposta foi aplicada é de grande porte, funciona com 11 salas de aula no turno matutino e 11 salas no turno vespertino, atende do 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental II e no turno noturno atende as turmas da EJA (Educação para Jovens e Adultos). A escola passou pelo processo de municipalização em 2018 e acolheu alunos de outras escolas do município. Devido a esse fato, a escola recebeu um número considerável de novos alunos, mais de 500. Atualmente a escola conta com mais de 1000 alunos regularmente matriculados nos 3 turnos. A escola se torna pioneira na rede municipal a inserir turmas da EJA nos turnos matutino e vespertino, sendo duas destinadas de 6º/7º anos e outra de 8º/ 9ºanos. Essa inovação se deu por causa do grande número de alunos com defasagem idade/série que moram na zona rural e não poderiam frequentar a escola durante a noite.

A escola possui ainda uma grande sala que está subdividida em biblioteca e laboratório de informática, porém, o que deveria ser o laboratório de informática, não é um depósito de computadores que não funcionam mais e, apesar da biblioteca possuir um acervo considerável de livros, não atende os estudantes por falta de funcionário. A instituição dispõe ainda de uma secretaria, sala de professores, cozinha, refeitório, banheiros, quadra poliesportiva, depósitos e uma ampla área aberta. Está localizada no município de Santo Antônio de Jesus, Bahia, e atende uma clientela oriunda de dois grandes bairros periféricos da cidade, locais onde o índice de violência é muito grande, e por isso, seus moradores são, muitas vezes, discriminados socialmente, chegando ao ponto de alguns mentirem sobre o próprio endereço quando vão pleitear uma vaga de emprego; alguns residem no mesmo bairro onde a escola está localizada; outra parcela da comunidade escolar é oriunda da zona rural, dependente do transporte escolar cedido pela prefeitura para frequentar o colégio.

O corpo docente da escola é composto por professores que possuem graduação, muitos com especialização, e um grande número de mestres, e duas coordenadoras. Entretanto, devido à falta de profissionais especializados em algumas áreas específicas como Matemática, Arte e Ciência, alguns professores acabam atuando em áreas que não condizem com a sua habilitação. O planejamento é feito à noite, quinzenalmente e por área. A escola dispõe ainda de uma boa quantidade de funcionários: merendeira, segurança, porteiro, auxiliar administrativo, auxiliares de limpeza e secretária, faltando apenas alguém para se responsabilizar pela biblioteca, o que dificulta muito o incentivo à leitura.

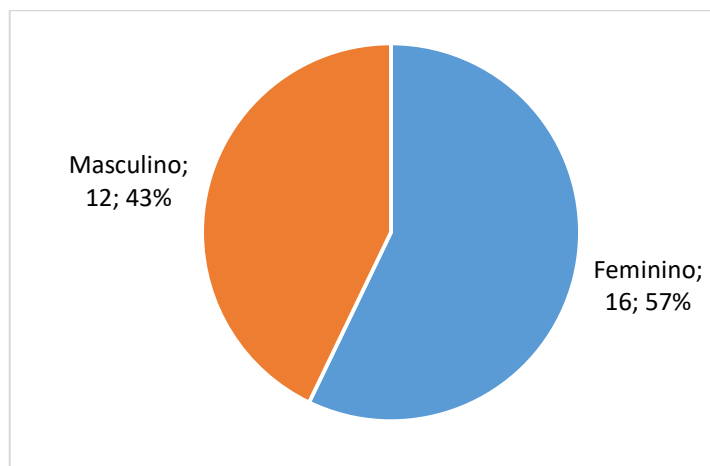
A escola passou por uma recente reforma, que deixou a estrutura física muito bonita e agradável. No entanto, a substituição dos computadores quebrados do laboratório não foi resolvida e a instalação elétrica ainda é precária, o que deixa o trabalho do professor limitado ao livro didático e ao quadro. Dispor de uma sala apropriada para a biblioteca e uma sala de vídeo adaptada com retroprojeter, computadores e TV, são reivindicações antigas dos professores, e são urgentes para melhorar ainda mais este espaço escolar.

3.3 Os sujeitos envolvidos

Para Luckesi (2011, p. 207) avaliar é um ato que exige conhecimento da importância do que deve ser priorizado na educação e tomada de decisão, e para isso a primeira atitude a ser tomada é conhecer a realidade e acolhê-la a ponto de fazer levantamentos necessários para elaborar o plano de ação e posteriormente a intervenção. A fim de conhecer o perfil da clientela envolvida no projeto turma do 8º Ano A, composta por 28 alunos, foi solicitado que eles respondessem um questionário socioeconômico (Apêndice A) pois sabemos que o modo e as condições em que vivem interferem muito na personalidade e no aprendizado do indivíduo.

Para melhor visualização desse perfil, vejamos o gráfico a seguir que retrata o gênero dos envolvidos:

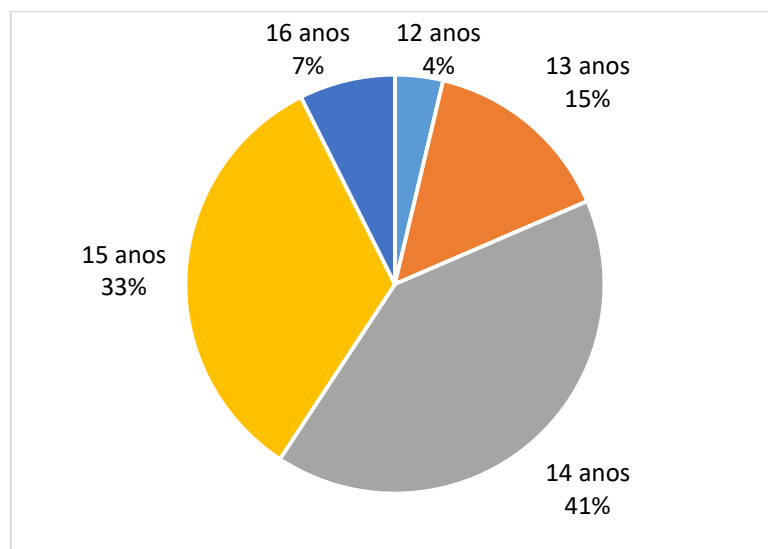
Gráfico 1: Gênero dos alunos participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

A turma é formada por uma diferença pequena na quantidade entre meninas e meninos, as meninas estão em maioria, porém nada que traga desequilíbrio ou desarmonia.

Gráfico 2: Idade dos alunos participantes da pesquisa

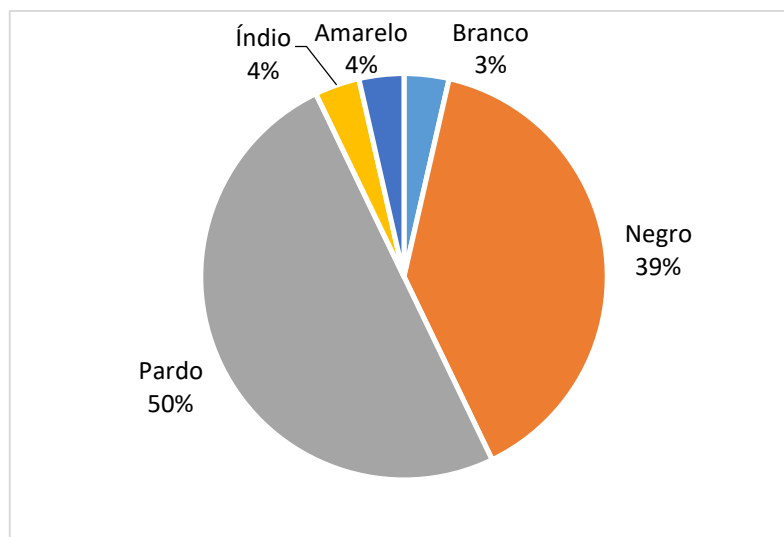


Fonte: Elaborado pela autora (2018)

O gráfico 2, evidencia a defasagem série/idade, e que a idade, antes um critério usado para formar turmas homogêneas, hoje não é mais considerada uma vez que se entende que turmas heterogêneas favorecem mais a aprendizagem. Este aspecto já está previsto também na BNCC, pois, é fato, somos diferentes e precisamos aprender a respeitar, a conviver e aceitar essas diferenças. A diferença

de idade também se dá por causa dos alunos oriundo da zona rural que não podem estudar à noite e acabam ficando nas turmas do diurno, geralmente formadas por alunos mais novos.

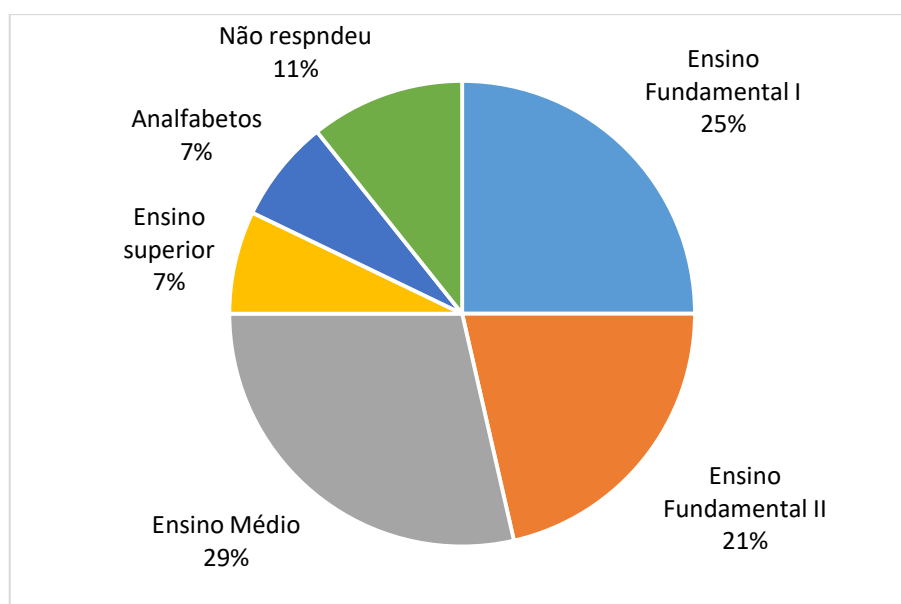
Gráfico 3: Auto declaração de cor dos alunos participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Outro aspecto que merece destaque é como eles definem a cor de sua pele. Mesmo se tratando claramente de maioria negra, 50% dos alunos se definem como pardos. Talvez isso ocorra como forma de defesa por causa do preconceito que infelizmente ainda existe em nossa sociedade e que é principalmente propagado nas mídias.

Gráfico 4: Nível de escolaridade dos pais dos alunos participantes da pesquisa

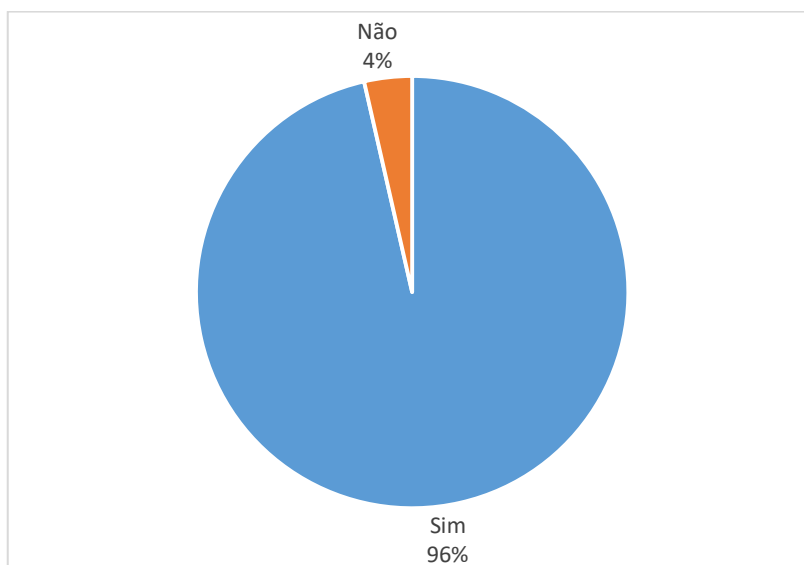


Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Quando perguntado sobre a escolaridade dos pais, alguns alunos não responderam a esta questão e a maioria precisou de ajuda para responder, pois não sabiam diferenciar Ensino Fundamental I, II, Ensino Médio e Ensino Superior. O que leva a crer que lhes falta a informação do nível de escolaridade dos próprios pais e, talvez, da sua própria escolaridade. O considerável número de pais que possuem apenas o Ensino Fundamental I, pode acarretar dificuldade em acompanhar as atividades escolares dos filhos que já estão frequentando o Fundamental II.

Quanto aos aspectos socioeconômicos, (Apêndice A) o questionário apresentou os seguintes resultados: a maior parte dos pais trabalha fora; as profissões mais citadas foram: pedreiro, faxineira, mecânico, doméstica, diarista, comerciário e motoqueiro. Observa-se que a maioria dessas profissões não exigem alto nível de escolaridade. Apesar dos pais exercerem profissões de baixa remuneração, apenas seis alunos disseram não possuir residência própria e todos responderam ter um aparelho de TV em casa.

Gráfico 5: Frequência de acesso à internet.

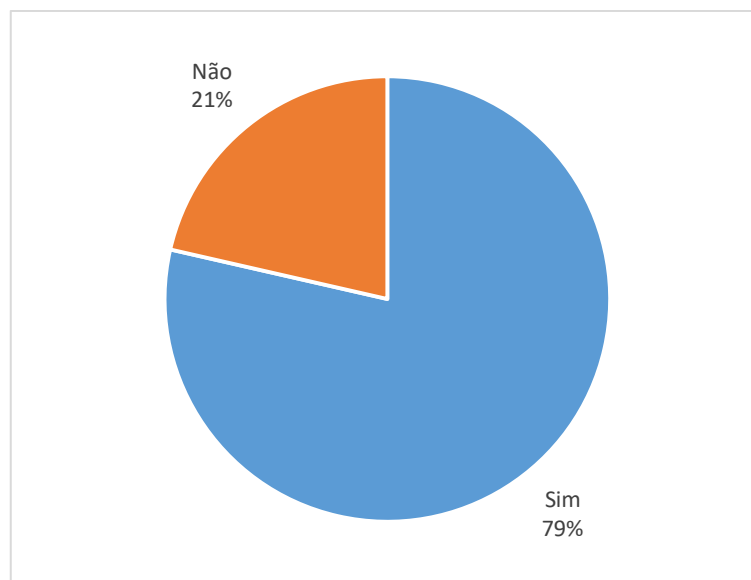


Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Quanto a possuir aparelho celular e internet em casa, 96% disseram ter acesso a internet e 4% disseram não ter acesso. Diante desses dados fica claro que, apesar dos poucos recursos econômicos, quase a totalidade tem acesso aos recursos tecnológicos, mesmo em casa, fato este que pode facilitar o desenvolvimento da

habilidade de argumentar, uma vez que a leitura e o incentivo a pesquisa estão presentes em todas as atividades propostas.

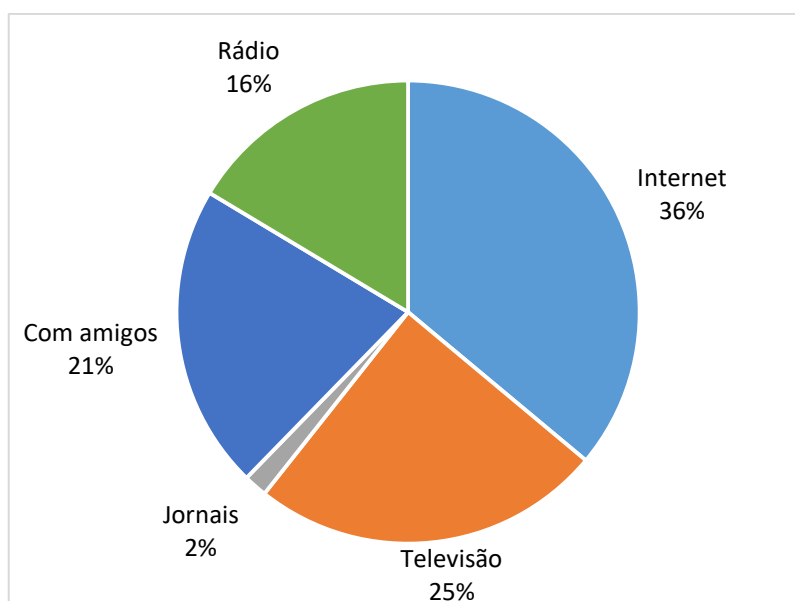
Gráfico 6: Posse de aparelho celular dos participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

A posse do aparelho celular por quase totalidade dos alunos é a confirmação de como as tecnologias estão presentes nas nossas vidas. É preciso então, fazer os alunos e a escola perceberem e fazerem uso deste recurso como meio de aprendizagem e conhecimento.

Gráfico 7: Canal de acesso a temas polêmicos



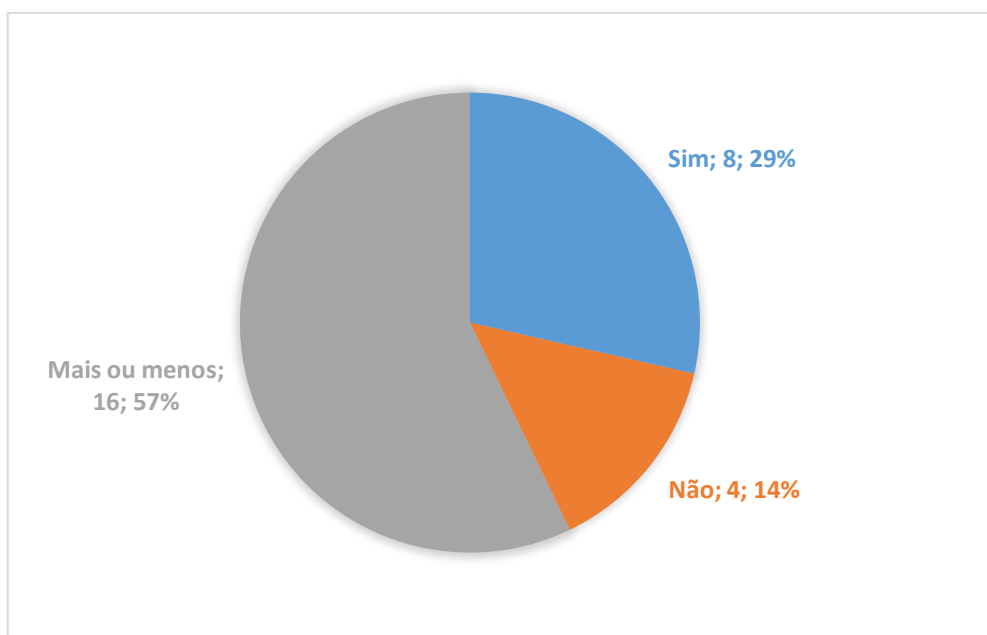
Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Quanto ao acesso a temas polêmicos, 36% disseram que era através da internet, 25% através da televisão e o restante através de amigos, jornais e de emissora de rádio, sendo que até mesmo em casa, na discussão familiar, se tem acesso a esses temas, entretanto a conversa em família não foi citada no questionário. Fato interessante é que eles têm acesso, mas parece não haver interesse em aprofundar, pesquisar, interagir e questionar. Sabemos o quanto o diálogo no meio familiar desenvolve a formação da consciência crítica e comunicativa dos sujeitos. Porém a maioria destes alunos parece não ter momentos para o diálogo, a discussão e a interação com a família

Sabemos o quanto a leitura é importante para o desenvolvimento social, intelectual, crítico do aluno. Matta (2009, p. 70) afirma: “A leitura revela-se uma exigência para a produção e acesso ao conhecimento, tão importantes hoje para o mundo do trabalho e para a participação social e exercício da cidadania”.

O modo de produção, a industrialização e as novas tecnologias exigem uma incessante produção de novos conhecimentos e de novas habilidades que vão acarretar novas produções de textos: os que vão problematizar, os que vão argumentar, os que vão propor, os que vão expor... torna-se, mais do que nunca, necessário que a escola oportunize a competência leitora de maneira mais interativa, mais reflexiva em que os alunos compartilhem ideias, exponham opiniões, fundamentem e defendam um ponto de vista. Ao questionário psicopedagógico (Apêndice B) no que diz respeito ao gosto pela leitura, os alunos responderam:

Gráfico 8: Grau de interesse pela leitura.



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Um dado curioso é que 57% dos alunos disseram gostar mais ou menos de ler; apenas 29% disseram gostar, embora o questionário socioeconômico tenha apontado que 83% possuem livros em casa, ou seja, não é a falta de livros em casa que justifica esse pouco interesse pela leitura, mas sim a falta de incentivo e autonomia.

Uma informação interessante, e que contribuirá muito para o andamento dessa proposta de trabalho, está relacionada à pergunta sobre o que gostam de ler: 78% responderam que gostam de ler conteúdos transmitidos pelas redes sociais, 35% responderam livros, 35% responderam HQs e o restante ficou entre sites de pesquisa, revistas e anúncios de produtos. Nesta pergunta, eles podiam marcar mais de uma opção.

Segundo Colomer (2003, p. 256), o interesse pela leitura mais adequada para cada idade seria o seguinte:

Figura 1: Demonstrativo de interesse pela leitura de acordo com gênero textual e idade

	5-8	8-10	10-12	12-15
Literatura tradicional	+	+	+	–
Fantasia moderna	+	+	+	–
Animais Humanizados	–	–	–	–
Forças Sobrenaturais	–	–	–	–
Ficção científica	–	–	–	–
Interpessoal	–	–	+	+
Amadurecimento	–	–	–	+
Viver em sociedade	–	–	–	+
Aventuras	–	–	–	+
Narrativas históricas	–	–	–	–
Narrativas policiais	–	–	–	–

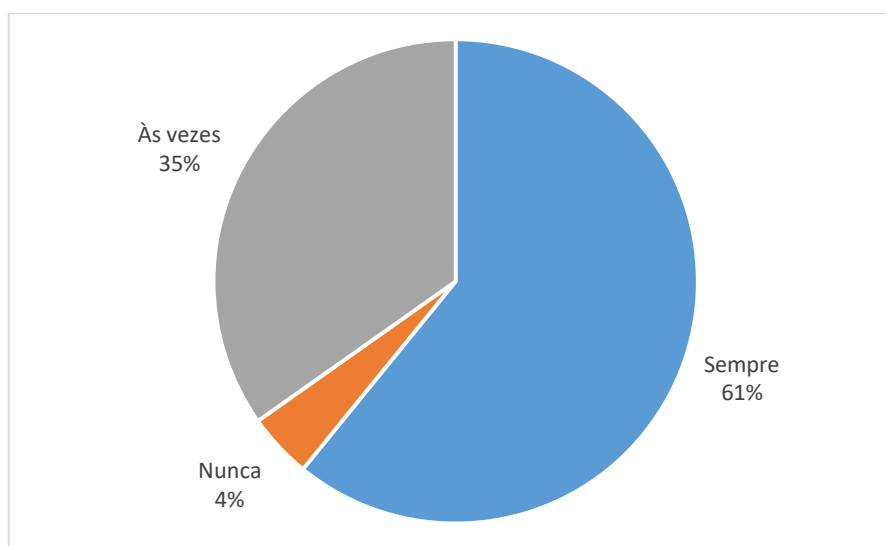
Fonte: COLOMER, Teresa. A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

Partindo dos dados apresentados pelos 29% dos alunos quanto ao gosto pelo gênero textual e comparando ao que Colomer aponta no quadro acima, percebemos facilmente que o interesse por temas polêmicos está relacionado à idade deles, sendo assim, acredito que esses temas despertarão o interesse da turma pela leitura.

Em resposta à pergunta sobre como preferem expor seu ponto de vista, 57,2% disseram que preferem através da fala e 42,8% através da escrita. 82,2% responderam que costumam tirar dúvidas às vezes em sala de aula e 17,8% apontaram que nunca tiram as dúvidas. Quanto às atividades extraclasse, a maioria, 67,9%, contam, às vezes, com a ajuda de alguém, apenas 17,9% contam sempre com a ajuda de alguém e 14,2% nunca contam com nenhuma ajuda.

Diante da pergunta sobre saber o que é um texto argumentativo, 50% disseram que sabem e 42% disseram que não sabem o que é um texto argumentativo e os 8% restantes não responderam.

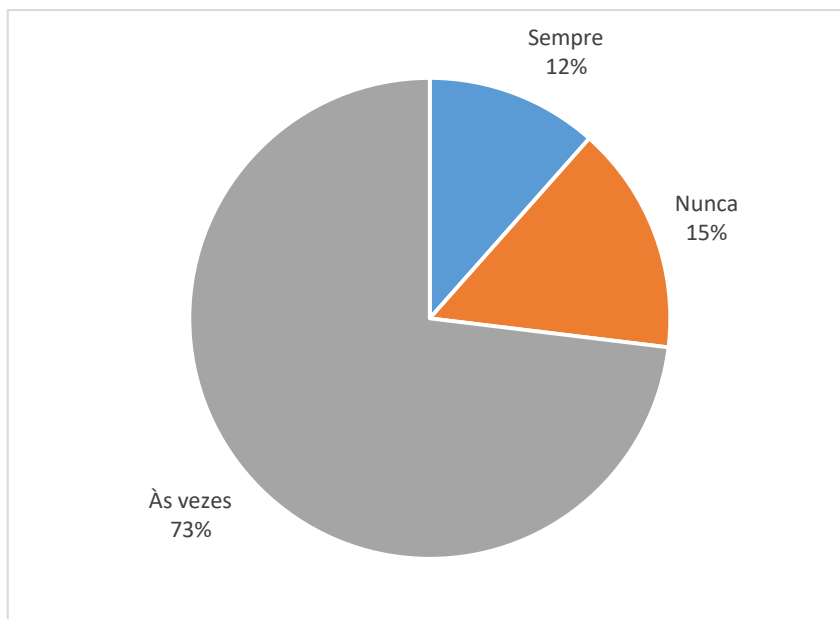
Gráfico 9: Frequência com que os alunos leem as mensagens postadas nas redes sociais.



Fonte: Elaborado pela Autora (2018)

Quando perguntando sobre o interesse em ler o que é postado nas redes sociais, a maioria diz ler sempre. Percebe-se um interesse maior em ler o que é apresentado nas redes sociais do que o texto impresso.

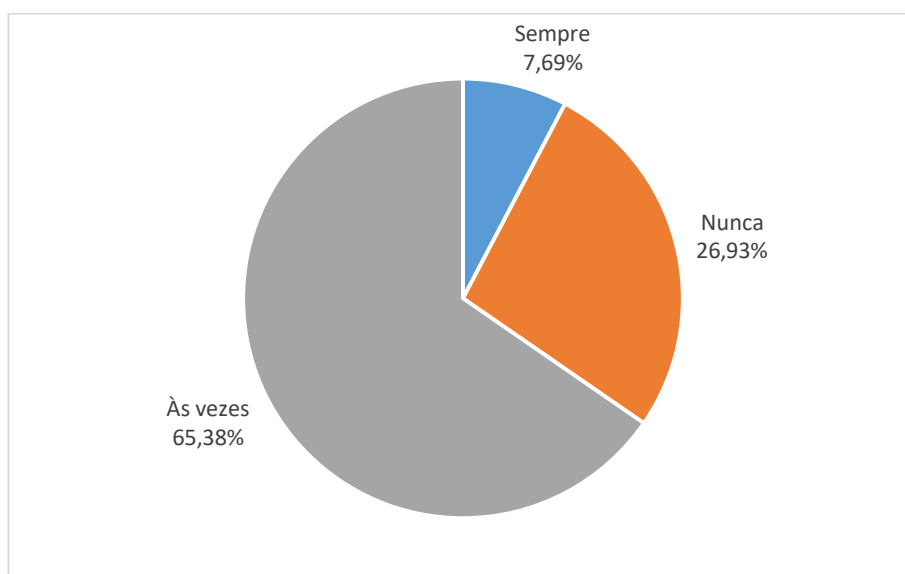
Gráfico 10: Frequência com que os alunos participantes da pesquisa se posicionam diante de mensagens postadas nas redes sociais.



Fonte: Elaborado pela Autora (2018)

A maioria, 73%, disseram que às vezes costuma se posicionar de forma escrita diante de comentários postados nas redes sociais, 12% disseram que sempre se posiciona e 15%, disseram que nunca se posiciona.

Gráfico 11: Frequência que os alunos participantes da pesquisa se posicionam nas provas diante das questões argumentativas



Fonte: Elaborado pela Autora (2018)

Com base nesse gráfico ficou evidenciado o quanto da resistência em se posicionar diante de questões argumentativas nas provas, talvez por desinteresse ou mesmo por falta de informação sobre o tema discutido.

Comparando os dois últimos gráficos pode-se observar que a maioria dos alunos preferem se posicionar através das redes sociais.

Faz-se muito importante conhecer esta realidade socioeconômica e psicopedagógica dos alunos, seus gostos e suas dificuldades. Desta forma foi mais fácil elaborar as estratégias e a metodologia para poder ajudá-los a compreender o assunto e consequentemente sanar as dificuldades. Um dado muito interessante foi saber que mais da metade da turma costuma tirar dúvidas com o professor, pois uma turma participativa ajuda a dinamizar o trabalho e conseguir êxito mais rápido. Outro dado relevante foi saber que quase todos têm acesso à internet e que alguns deles costumam interagir nos comentários das redes sociais. Essas informações nortearam a elaboração da proposta de intervenção, bem como as escolhas dos textos e materiais que foram utilizados durante todo o processo. Sabendo-se também que estão sempre “ligados” nas redes sociais, acredita-se que estas podem ser um relevante recurso motivador e um forte aliado no processo ensino-aprendizagem.

3.4 Diagnóstico

Quando apresentei a proposta aos alunos, eles se mostraram muito motivados, principalmente quando souberam que a turma teria um perfil no Facebook e que este seria a nossa ponte entre aprendizagem e argumentação. As redes sociais exercem um grande fascínio nos adolescentes, principalmente no que tange ao poder de descobertas, a interação e as grandes possibilidades que ela oferece.

Como o propósito é desenvolver a habilidade de argumentar, utilizando o Facebook como aliado e potencializador de aprendizagem, torna-se necessário saber qual o conhecimento que eles já têm, seus conhecimentos prévios sobre argumentação, e como eles se posicionam nas redes sociais sobre os temas da atualidade.

Para levantamento desses dados foram elaboradas duas atividades que tinham como objetivos principais verificar, inicialmente, o quanto já tinha de

conhecimento prévio sobre o tema a ser tratado e, posteriormente, numa segunda atividade verificar se já sabiam argumentar sobre o mesmo tema.

Pensando nas respostas que eles deram no questionário socioeconômico onde a maioria colocou que tem acesso a internet e que acessam com frequência as redes sociais, elaborei, a princípio, um questionário com uma pergunta subjetiva, cujo tema estava sendo muito discutido e amplamente divulgado em todos os meios de comunicação, inclusive nas redes sociais: A Reforma do Ensino Médio (Apêndice C) A questão a ser respondida era: **“Diante de todas as informações que estão sendo veiculadas nos meios de comunicação sobre a reforma do ensino médio, registre o que você sabe sobre o assunto”**. Eles responderam:

Quadro 1: Conhecimentos prévios dos alunos participantes sobre a reforma do ensino médio

20 alunos	<i>“Não tenho informação sobre o assunto”.</i>
Aluno 1	<i>“Sei que não iremos mais estudar as disciplinas normais, Português, História, Matemática, etc... e assim iremos ter eu escolher uma área profissionalizante para sermos logo empregados naquela área que escolhemos logo ao terminio daquele estudo, igual ao CTEP. Isto é ruim, pois não teremos tempo para estudar normalmente e escolher o que realmente queremos nos profissionalizar”.</i>
Aluno 2 e 3	<i>“Eu acho que é um conjunto de novas diretrizes para o ensino médio, implementados via medida provisória”.</i>
Aluno 4	<i>“Não tenho ainda eu não sei muito quero aprende mais. Mais eu sei que o ensino médio vai ser tudo mais complicado mais estou aqui para aprender”.</i>
Aluno 5	<i>“O que sei é que já aconteceu esta mudanças sobre os estudos porque vai ter mais trabalho nós vamos estudar firme e bastante!”</i>
Aluno 6	<i>“Eu sei que eles vão tirar algumas matérias”</i>
Aluno 7	<i>“Eu tenho um pouco de noção sobre as reformas do ensino médio, sobre as mudanças de planos, tipo de substitui algumas matérias sei também que temos que fazer algumas revisões de alguns assuntos ou alterações nas unida ou media”.</i>
Aluno 8	<i>“Eu sei que com a reforma do ensino médio, irá diminuir as matérias e tem algumas matérias que são essenciais pra nós, porém pra eles são matérias sem importância”.</i>

Inicialmente, por se tratar de uma atividade diagnóstica, não forneci nenhuma informação a respeito do assunto/tema para que isso não interferisse nas respostas. Apesar de todos terem aparelho de TV em casa e de que, quase todos, tem acesso as redes sociais, e de que este assunto foi amplamente abordado, parece que eles estão totalmente alheios a este tipo de informação, pois a grande maioria disse não

ter conhecimento sobre este assunto, sendo que, apenas oito alunos apresentaram alguma ideia do que “acham” que seja esta reforma. Mesmo estes, apresentaram respostas vagas, sem muita consistência sobre o assunto; assunto este, que, em tese, deveria interessá-los muito uma vez que estão a um passo do ensino médio.

Na aula seguinte, uma segunda atividade diagnóstica foi usada com os objetivos de: verificar se eles conheciam o texto argumentativo e se identificavam argumentos apresentados nos textos. Esta atividade xerocopiada, apresentava vários textos, o primeiro dando uma visão geral ainda sobre o mesmo tema: “A Reforma do Ensino Médio” e mais quatro textos, sendo que os dois primeiros apresentavam dois posicionamentos a favor da Reforma e os dois últimos textos apresentavam posicionamentos contra a Reforma (Apêndice D). Os textos totalizavam uma lauda de material escrito frente e verso. Logo abaixo dos textos algumas perguntas subjetivas para responderem.

Quadro 2: Perguntas e respostas sobre a reforma do ensino médio

1 - Com base na leitura do primeiro texto e nos comentários, o que você pensa sobre a reforma do ensino médio?	Aluno 1- <i>“Eu entendi que vamos ter mais oportunidade para aprender mais português e matemática no ensino médio vamos ter mais tempo para estudar”.</i>
	Aluno 2- <i>“Que tem seus lados positivos e negativos. Muitas pessoas que querem fazer curso técnico não tem condições então eu acho certo fazer reforma”.</i>
	Aluno 3- <i>“É bom e é ruim por quê vamos ter mais aulas e é ruim por quê vamos ter coisas novas que com certeza vais ser difícil”.</i>
	Aluno 4- <i>“Eu gostei, por que existem algumas matérias que na minha opinião não eram necessárias”.</i>
2- Podemos afirmar que este texto é um texto argumentativo? Por quê?	Aluno 1- <i>“Podemos. Porque ele argumenta sobre o ensino médio vai ser melhor para o estudante procurar um trabalho melhor”.</i>
	Aluno 2- <i>“Sim. Por que ele explica o pensamento de cada um que apoiou pra essa reforma acontecer e o motivo dela”.</i>
	Aluno 3- <i>“por quê elas expressam suas opiniões então estão argumentadas”.</i>
	Aluno 4- <i>“Sim, por que o texto é composto por comentários com base na reforma do ensino médio”.</i>
3- Do ponto de vista argumentativo, qual dos comentários lhe chamou mais a atenção? Por quê?	Aluno 1- <i>“o comentário que me chamou mais atenção foi do professor Djalma Silveira porque os professores tem pouco tempo para dar aula perde parte do tempo quando vai ver há aula já acabou”.</i>
	Aluno 2- <i>“Cleverson lino Batista, por que ele está pensando nas pessoas que tem a renda baixa e não tem condições de fazer o curso”.</i>
	Aluno 3- <i>“O comentario contra n°1 pois a professora não colabora pois acha que irá prejudicar os alunos”.</i>
	Aluno 4- <i>“O do professor Djalma Silveira, Ele afirma que não tem tempo para fazer o que precisa”.</i>

Fonte: Elaborado pela Autora (2019)

No momento da aplicação desta segunda atividade, mesmo já tendo sido explicado todo o processo do projeto, os alunos ainda questionavam se a atividade era para nota e reclamavam sobre o tamanho dos textos. Enquanto que na primeira atividade diagnóstica 70,3% dos alunos não se posicionaram a respeito da reforma do Ensino Médio por não possuir informações a respeito deste tema, nesta segunda atividade diagnóstica, todos colocaram a sua opinião, até porque tinham de onde tirar a informação, pois os textos abordavam o assunto. Observei que 7,4% dos alunos apenas copiaram do texto o que acreditavam ser a reforma do Ensino Médio, 7% responderam que não sabiam, enquanto que o restante dos alunos colocou seu ponto de vista, mas de modo muito superficial, sem muita consistência usando expressões do tipo: “eu acho”, “é bom e é ruim”, “eu entendi”.

Na questão número 2, percebe-se que 40,7% tiveram uma vaga noção do que é um texto argumentativo, no entanto, quando foi perguntado no questionário psicopedagógico se eles sabiam o que era um texto argumentativo, 44,4% dos alunos responderam que não sabiam, quase metade da turma. Durante a atividade, percebi o pouco interesse em ler os textos e o mais interessante é que pela maioria das respostas, (62,9%), da questão de número 3, eles simplesmente não leram os comentários contra a reforma que estavam no verso da folha, ou seja, ignoraram os textos mais densos. Isso ficou evidenciado porque a maioria escolheu as posições dos comentários que estavam na primeira folha. Os argumentos que eles apresentaram ou foram construídos sobre trechos copiados dos textos ou muito vagos e sem fundamentação. Apenas 11,1% escolheram os comentários que estavam no verso da folha, constituindo o texto mais denso.

3.5 Analisando o diagnóstico

Apesar de ter feito apenas duas atividades diagnósticas, pude concluir que este resultado confirmou o que me inquietava há muitos anos como professora de Língua Portuguesa: - a maioria dos alunos não está motivada para a leitura, tem resistência para se posicionar nas questões argumentativas, não demonstra interesse em ler textos extensos e não está preocupada com temas que circulam na sociedade,

mesmo quando, direta ou indiretamente, lhes diz respeito. Por tudo isso ficou evidente a urgência em levar para a sala de aula textos que envolvessem temáticas sociais, que levantassem questionamentos, motivassem discussão e retomadas de posição, questões que traziam à tona a realidade dos alunos, questões que podiam ser refletidas coletivamente, pois não existe resposta pronta, existe diálogo e retomada de posição; cabendo à escola o objetivo principal de preparar estes alunos para o convívio em sociedade, para o mercado de trabalho e para a vida. Não podemos deixá-los vulneráveis ao que leem nas redes sociais, que hoje se tornou o meio mais rápido de se obter informação, porém nem sempre o mais seguro, ou o mais confiável. Apresentei então o Facebook como instrumento incentivador para fomentar discussões e possibilitar postagens de opiniões sobre os temas discutidos em sala de aula de forma interativa.

Partindo da ideia de que o jovem precisa saber argumentar para expor uma opinião, discordar, convencer e até mesmo se defender, e da grande angústia/frustração, que acomete os professores de Língua Portuguesa ao corrigir atividades cujas perguntas exigem respostas subjetivas e argumentativas, e perceber que a maioria não está respondida, como aponta o gráfico 11, ou está respondida de maneira automática, copiada e não reflexiva, tornou-se necessário desenvolver atividades que motivassem os alunos a lerem mais e, dessa forma, ter condições de responder de forma mais significativa as perguntas e as situações que lhes serão impostas. Por que a maioria dos alunos não responde e/ou não consegue responder de forma significativa as perguntas orais/escritas que exigem um posicionamento em defesa ou refutação de um ponto de vista? Acredita-se que a leitura é a motivação, é o que dá sustentação à argumentação e, sendo assim, o foco dessa intervenção foi apresentar atividades que incentivassem e desenvolvessem a habilidade de argumentar através de leitura de textos polêmicos.

Tendo diagnosticado e confirmado a dificuldade, chegou a hora de intervir.

4 A INTERVENÇÃO: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

Neste capítulo tratarei especificamente de todo o processo de intervenção: competências, habilidades, conteúdos, metodologia, etapas e avaliação. Busquei fundamentar esta intervenção nos estudos de Santos (2018), Perrenoud (2013), Perraudeau (2009), Coll (1998), Luckesi (2011), a BNCC (2017), dentre outros.

O Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) traz como propósito principal “capacitar professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, tendo em vista a melhora da qualidade da educação no tocante às competências de leitura e escrita dos estudantes” (SANTOS, 2018, p. 246). Desta forma, o curso está dividido em dois momentos: aulas teóricas e a tarefa prática. A tarefa prática apresenta uma proposta interpretativa/interventiva desenvolvida e aplicada em sala de aula para trabalhar com dificuldades que os alunos apresentam em relação à leitura/escrita.

Assim, através de um trabalho investigativo, que começa com o processo de diagnosticar, ou seja, uma análise situacional de levantamento de dados, seguido de uma atividade mais específica visando diagnosticar as dificuldades que acometem o desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos, foi possível desenvolver um trabalho interventivo de modo que, aliando conhecimento teórico e desenvolvendo práticas educativas significativas, tive condições então para avaliar e assim saber se as dificuldades foram sanadas ou, ao menos, minimizadas ao passo que ajustei os conteúdos que muitas vezes são apenas normativos, à práticas verdadeiramente significativas e reflexivas de forma que o processo ensino/aprendizagem seja mais completo.

Entretanto, não poderia partir para a elaboração de uma proposta de intervenção sem antes apontar as principais dificuldades que os alunos apresentam, as quais me motivaram a escolher o tema O Facebook como instrumento para desenvolver a habilidade de argumentar. É fato que a necessidade de saber argumentar é, e sempre será, fator preponderante para se conquistar espaço na sociedade, seja através de um bom emprego, uma boa nota na Prova Brasil, ENEM, até mesmo em situações do cotidiano, uma vez que a argumentação não se trata apenas de uma prática discursiva, mas também de uma forma de pensamento que é essencial à vida em sociedade. Entretanto, percebi que meus alunos, apesar de estarem no nono ano, ainda apresentavam sérias dificuldades nas questões

argumentativas tanto orais quanto escritas. Após observar e analisar o diagnóstico, listei as seguintes dificuldades: falta de motivação para ler, não conhecer um texto argumentativo, não saber selecionar argumentos, não usar a vírgula para separar orações, não usar marcadores argumentativos para relacionar orações, não saber argumentar em defesa de um ponto de vista, não se sentir motivado para argumentar.

Esta proposta de trabalho foi desenvolvida durante a terceira unidade e foi dividida em etapas. Deu-se, principalmente, numa perspectiva construtivista, levando em consideração a aprendizagem de forma conceitual, procedimental e atitudinal.

Na primeira etapa – Apresentando temas polêmicos e o gênero textual comentário argumentativo – iniciei o projeto propriamente dito, mobilizando os conhecimentos prévios e tentando envolvê-lo na leitura com temáticas polêmicas através de questionamentos orais e/ou escritos que foram a base da fundamentação para os futuros comentários argumentativos produzidos por eles.

Apresento, ainda nesta etapa, o gênero comentário argumentativo, sua função social, forma e características e os operadores argumentativos e sua importância para a construção de comentários bem fundamentados. Usei como principal recurso textos retirados do Facebook.

Na segunda etapa – Publicizando os comentários argumentativos- esperou-se que os alunos já estivessem familiarizados com o gênero e fossem capazes de escrever comentários bem fundamentados, interagir, contra argumentar ou até mudar de opinião; foi nessa etapa que os alunos começaram a produzir seus próprios comentários no Facebook concordando ou discordando da opinião alheia, expondo seu ponto de vista.

Ao dividir o projeto em etapas, levei em consideração os planejamentos diário e de curso, as atividades programadas, as estratégias utilizadas, os textos escolhidos e principalmente o momento destinado à produção e à reflexão.

No entanto, não basta apenas planejar ou ter boas ideias. É preciso intervir, é preciso elaborar estratégias que problematizem e desafiem os alunos, é preciso planejar as ações: “refletir sobre os saberes que serão acionados no próprio ato de planejar e os que serão projetados para as etapas futuras” (SANTOS, 2018, p. 255). É preciso lembrar que os conteúdos contemplados neste projeto estão em consonância com os quatro pilares da educação que se baseiam nos seguintes saberes: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

Esta intervenção foi pensada para ser aplicada nas aulas de Língua Portuguesa em 2 aulas semanais (1h40min) num total de 18 aulas (36 horas). Vale salientar que em 2018 não atuei na turma participante do projeto (9º Ano A) pois a escola passou pelo processo de municipalização e esta turma foi “dada” a outra professora. Acredito que trabalhar 2 aulas semanalmente com a turma foi muito proveitoso, uma vez que não ficou cansativo e tive mais tempo para planejar/revisar/avaliar as atividades e as estratégias.

4.1 A metodologia

Esta proposta teve como objetivo principal apresentar atividades para desenvolver a argumentação através da rede social Facebook. E, em se tratando de atividades, não pude deixar de considerar como estas foram desenvolvidas, de como situei os sujeitos envolvidos em todo o processo e o que pude fazer para que a aprendizagem fosse significativa.

Perraudéau (2009), apresenta o sentido de aprendizagem escolar mais diretamente ligada ao sentido de compreensão e escreve que no sentido mais amplo a aprendizagem pode caracterizar tudo que reúne:

- as atividades relacionadas a aprender, no sentido clássico de memorizar algoritmos (...) favorecer automatismos, usar e aplicar procedimentos simples, etc.;
- as atividades relacionadas a compreender, isto é, o que diz respeito não só à reflexão, ao raciocínio, mas também às trocas verbais, à criação, à inovação, à tomada de decisão, etc. (PERRAUDEAU, 2009, p. 14)

Para a psicologia moderna a aprendizagem está estritamente ligada aos fatores cognitivo, genético e social, enquanto que para a educação a aprendizagem consiste em se apropriar dos saberes, dos “saberes-fazer”, dos “saberes-ser” (Perraudéau, 2009). Aqui entra em questão também o sistema didático apresentado por Chevallard (1985 apud PETITJEAN,1998), o qual é composto por três polos: o saber, o aluno e o professor:



É bom considerar que neste sistema tripolar há uma ligação de interação, pois o aluno não está sozinho, mas sim ao lado do professor, que através das relações de interação facilitará todo o processo de aprendizagem. Dessa forma o aluno estará interagindo com o professor de modo a buscar o conhecimento. O professor será mediador entre aluno e saber.

Para o desenvolvimento de um projeto de intervenção é necessário levar em consideração os componentes da aprendizagem, ou seja, refletir sobre as práticas que estão mais indicadas, e para isso é preciso conhecer a realidade individual/social e a necessidade de cada aluno. É preciso que o professor entenda que o erro deve ser considerado uma ferramenta para ensinar, como afirma Astolfi (1997 apud PERRAUDEAU, 2009). É preciso levar em consideração ainda os polos individual, cognitivo e social, pois cada ser é fruto do meio em que vive e carrega consigo suas características, as quais determinam sua maneira de pensar e agir.

Para desenvolver este projeto procurei primeiro conhecer a realidade dos sujeitos envolvidos através de questionários socioeconômico e psicopedagógico a fim de saber sobre temas de interesse, principais dificuldades, se dispunham de recursos para participar do projeto (internet/ celular) e principalmente se gostavam de debater e questionar sobre temas polêmicos.

Através das atividades diagnósticas, pude traçar o perfil e a realidade da turma, e, dessa forma, traçar estratégias que motivassem e desafiassem os alunos de modo que eles construíssem o seu conhecimento e fossem capazes de mobilizá-lo de maneira a perceber a importância e a funcionalidade do mesmo. Segundo Perraudeau (2009), mesmo na aprendizagem em que o aluno é o construtor do seu conhecimento, o professor ainda assume um importante papel, sendo que a ele não caberá apenas avaliar e transmitir informações, mas também é ele que cria situações a fim de que o

aluno possa trabalhar em conjunto, errar, julgar, produzir. Dessa forma o aluno terá mais autonomia para enfrentar os obstáculos que aparecerão, atuando como protagonista do seu processo de aprendizagem.

Esta proposta de intervenção foi construída a partir de uma perspectiva construtivista, pois permitiu que os alunos construíssem conhecimentos baseados nas relações de interação com o meio e com atividades que partiam de questionamentos, de modo que fossem levados para um conhecimento novo, sendo assim coautores do próprio conhecimento. Como afirma Zacharias (2016, p. 24):

As práticas pedagógicas de orientação construtivista e sociointeracionista defendem um ensino mais centrado no aluno, apoiado em contextos de interação, diálogo e colaboração. Aulas de leitura fundamentadas neste modelo abandonam uma visão mais tradicional da aprendizagem, levam os alunos a compartilhar impressões, trocar informações, aprender com os pares e construir significados compartilhados a partir dos textos que leem.

Estas atividades envolviam especialmente leitura e discussão em sala de aula sobre temas polêmicos. As aulas foram participativas, explicativas e expositivas, sempre os motivando para a participação, interação e discussão para que assim o conhecimento sobre o texto argumentativo fosse compartilhado e aprendido. Para o posicionamento escrito, foi criado um perfil da turma no Facebook, com o propósito de que cada aluno pudesse se posicionar argumentando contra ou a favor sobre as questões polêmicas discutidas nas aulas. Os alunos puderam, ainda, além de postar seus posicionamentos, interagindo, concordando ou discordando da posição dos colegas, contra argumentar sobre o comentário do outro e até mesmo mudar de opinião e também se posicionar com mais autonomia inclusive em outros perfis do Facebook.

4.2 Objetivos

Com base nos dados apresentados nas atividades diagnósticas tracei o perfil da turma e detectei onde precisavam melhorar, o que precisavam aprender sobre o objeto de estudo e, a partir desses dados, elaborei os objetivos. Os resultados do diagnóstico sinalizaram que:

- a) Apenas 29% dos alunos diziam gostar de ler;
- b) Apenas 12% posicionavam-se de forma escrita nas redes sociais;

- c) 53% da turma dizia não saber o que é um texto argumentativo;
- d) 26% da turma não argumentava nas questões escritas (atividades e provas).

Outro problema que foi diagnosticado e que foi facilmente percebido, um desafio para mim, foi desenvolver o respeito à opinião do outro, saber ouvir o outro. Despertar atitudes de respeito, companheirismo e interação foi, sem dúvida, o maior desafio.

Conhecendo o perfil e a realidade da turma, foi preciso traçar estratégias que motivassem e desafiassem os alunos de modo que eles construíssem o seu conhecimento e fossem capazes de mobilizar este conhecimento de maneira a perceber a importância e a funcionalidade do mesmo.

Essa intervenção deu aos alunos a possibilidade de interagirem entre si como autores das próprias produções, tornando-os assim mais autônomos e autoconfiantes uma vez que as redes sociais possibilitam múltiplas possibilidades de aprendizagem, especificamente neste caso, que é a múltipla provocação das discussões acerca dos temas polêmicos. As leituras partiram de textos xerocopiados e também através de postagens sugeridas e compartilhadas no perfil do Facebook além de buscar informações em outras páginas, sites e redes sociais.

Acessando a página do Facebook o aluno teve acesso a leitura de textos e comentários para ampliar seus conhecimentos sobre os temas discutidos e também se posicionar de forma escrita diante dos comentários nesta página para, posteriormente, ser capaz de interagir em outros perfis do Facebook, desenvolvendo assim sua autonomia e autoria. A sala de aula foi o espaço destinado a discussões e, desta forma, a oralidade também foi contemplada e o Facebook foi o espaço reservado para a apresentação da discussão/escrita coletiva.

A partir das reflexões e posturas assumidas diante das leituras, dos debates, dos comentários tirados do Facebook e levados para sala de aula, da capacidade comunicativa e da interatividade, pretendeu-se desenvolver e despertar o senso crítico dos alunos a fim de que o texto argumentativo fosse conhecido e significativo para a vida escolar e social dos mesmos.

Esta intervenção foi organizada por etapas que aconteceram de forma gradual, sendo que foi preciso que o aluno participasse de todas, pois a participação em uma era pré-requisito para a próxima.

4.3 Competências

A BNCC define competência como:

Mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BNCC, 2017, p. 8)

De acordo com o que a BNCC apresenta como competência, cabe à escola, enquanto instituição responsável por desenvolver e inserir o indivíduo na sociedade, dotá-lo de saberes necessários para o pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

Para Perrenoud (2013, p.51) competência é “uma espécie de memória da inteligência passada, individual ou coletiva e uma forma de rotinização da colocação dos recursos em ⁴sinergia. O aluno terá condições de resolver rapidamente uma situação problema se mobilizar sua inteligência individual e/ou coletiva e seus conhecimentos gerais. Portanto, torna-se necessário delimitar as competências que nortearam este trabalho. São elas:

* Ler textos polêmicos para coletar dados que sirvam de fundamentação ao comentário argumentativo construído.

* Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2017, p. 9 – competência 5).

* Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental, o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. BNCC, 2017, p. 9 – competência 7).

A competência 5 trata das tecnologias e sua importância em compreender e refletir sobre as informações que são disseminadas por elas. Como afirma a psicóloga Vanessa Vicentin em entrevista ao site da Nova Escola (2018), “Hoje, os jovens estão cada vez menos reflexivos. Imersos na tela do computador, eles não conseguem parar para pensar sobre a sociedade ou si mesmos”. Acredito que esse fato se deva

⁴ Sinergia - termo utilizado por Le Boterf (1994) no sentido etimológico do termo trabalhar em conjunto

principalmente pelo imediatismo que a vida contemporânea oferece. Tudo está ao alcance de um clicar, por isso estão menos reflexivos. É preciso ressignificar os recursos tecnológicos para os jovens; aproveitar o enorme fascínio que esses recursos exercem sobre eles, e as habilidades que já possuem como “nativos digitais”⁵. É preciso ensiná-los a refletir e a buscar as inúmeras possibilidades de conhecimento e informação que estes recursos podem oferecer, além do entretenimento. Contudo, aprender isso, requer tempo e dedicação.

A competência 7, já citada, traz o objeto de estudo desta intervenção que foi desenvolvida: a argumentação. Nossos alunos parecem estar menos interessados em assuntos relacionados a política, cultura, ética, etc., e esse pouco interesse os afasta de uma visão geral, de uma percepção mais crítica da sociedade. Isso é facilmente comprovado pelos resultados negativos obtidos em questões que exigem mais reflexão e exploração de questões sociais, como ocorre no exame nacional ENEM. Nesse exame é solicitada a produção de um texto do gênero dissertativo argumentativo e uma grande parcela dos sujeitos não apresentam resultado satisfatório, ou porque não fazem, ou porque desconhecem esse gênero; isso é um fato muito preocupante.

Saber argumentar consiste na capacidade de desenvolver uma ideia, um ponto de vista baseados em leituras, fatos fidedignos, em dados comprovados e não no senso comum. É preciso desenvolver habilidades que desafiem o aluno a conhecer, agir e interagir com informações a fim de que ele seja o protagonista de seu próprio conhecimento, tornando assim a aprendizagem da argumentação mais consistente.

4.4 Conteúdos

Foi preciso definir conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais que realmente sejam relevantes e que estivessem associados a uma prática pedagógica condizente com a realidade e a necessidade dos alunos, para que a aprendizagem fosse de fato significativa e não apenas memorística.

⁵ Nativos digitais - termo usado pelo americano Marc Prensky, especialista em educação, para nomear os que nasceram na era da internet.

Como afirmam Coll et al (1998, p. 22):

[...] os três tipos de conteúdos encontram-se intimamente vinculados. Se qualquer atividade de aprendizagem estiver mediada pelas atitudes e se todo procedimento for aplicado necessariamente com um conteúdo factual e conceitual, não é menos certo que a aprendizagem de fatos e conceitos requer atitudes às vezes diferentes, sendo difícil adquirir fatos ou conceitos sem colocar em ação algum procedimento.

Ao se trabalhar com os conteúdos conceituais (aprender a conhecer), proporcionamos mais autonomia para a definição dos objetivos que os alunos querem alcançar a partir do momento que o professor propõe uma construção ativa de capacidades intelectuais. Isso significa deixar que o próprio aluno construa o seu conceito sobre um determinado objeto ou informação e descreva esse conceito usando suas próprias palavras, deixando assim de ser uma aprendizagem memorística e normativa. Segundo Coll et al (1998, p. 43), “Compreender conceitos requer aproximar-se das tarefas de aprendizagem com uma determinada atitude, que por sua vez, traduz-se em envolver-se em certo tipo de atividade ou procedimentos de aprendizagem”.

Os conteúdos procedimentais (aprender a fazer) são entendidos como “conjunto de ações ou decisões que compõem a realização ou a participação” (COLL et al 1998, p. 77). Estes conteúdos baseiam-se na resolução dos problemas apresentados ou na tomada de decisão; para isso é preciso que primeiro o aluno formule o conceito para que se desenvolva a parte cognitiva e atue sobre ela, desenvolvendo assim os aspectos intelectual, racional, dedutivo, etc., construindo, desta forma, conhecimento.

Os conteúdos atitudinais (aprender a viver juntos e aprender a ser) correspondem as atitudes que serão desenvolvidas ou aprimoradas a partir das ações que serão trabalhadas durante todo o processo de aprendizagem: respeito, compreensão, humildade, solidariedade, afetividade, etc. Esse tipo de conteúdo se desenvolve a partir da interatividade com outras pessoas.

Coll et al (1998, p. 122) definem atitudes como [...] tendências ou disposições adquiridas e relativamente duradouras a avaliar de um modo determinado um objeto, pessoa, acontecimento, ou situação e a atuar de acordo com essa avaliação.

É preciso deixar claro a importância de ativar os conhecimentos prévios que os alunos trazem em sua bagagem social, familiar, cultural, etc., e só a partir dessa realidade apresentada fazer o levantamento dos conceitos que os alunos já sabem e

os que eles ainda precisam saber para depois determinar os procedimentos e as atitudes que serão desenvolvidas para, assim, promover uma aprendizagem significativa.

4.4.1 Conteúdos conceituais

- Reconhecer a leitura como fonte de informação;
- Reconhecer uma temática polêmica e sua importância;
- Conhecer a estrutura e a função do texto argumentativo;
- Reconhecer argumentos e contra-argumentos;
- Conhecer o gênero textual comentário argumentativo apresentado no Facebook;
- Conhecer os seguintes operadores argumentativos: Soma de ideias – e, também, ainda, além disso, aliás; Explicação – porque, que, já que, por causa de; Conclusão – portanto, logo, conseqüentemente, pois; Contrariedade – mas, Ressalva – apesar e de Finalidade – para, para que, a fim de que
- Conhecer o Facebook e as possibilidades que ele oferece.
- Reconhecer o comentário argumentativo do Facebook como um gênero textual.
- Reconhecer argumentos e contra-argumentos;
- Reconhecer as características da linguagem dos comentários argumentativos postados no Facebook.

4.4.2 Conteúdos procedimentais

- Produzir e publicar comentários argumentativos vivenciando de forma significativa o papel de comentarista como forma de participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor (BNCC, 2017, p. 141).
- Produzir comentários relativos a temas polêmicos e textos orais de opinião considerando o contexto de produção e demonstrando domínio do gênero. (BNCC, 2017, p. 141)

- Utilizar na escrita/reescrita de comentários argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido adequadas à forma de composição de textos argumentativos. (BNCC, 2017, p. 143)
- Formular argumentos, com ajuda dos colegas e do professor relativos ao tema de discussão para análise mais minuciosa. (BNCC, 2017, p. 143)
- Buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar argumentos e compartilhá-los com a turma. (BNCC, 2017, p. 143)
- Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas polêmicos. (BNCC, 2017, p. 143)
- Ler textos para obter informação;
- Ler textos polêmicos observando os vários pontos de vista que neles são apresentados;
- Ler comentários argumentativos postados no Facebook;

4.4.3 Conteúdos atitudinais

- Habituarse a ler textos polêmicos;
- Saber ouvir;
- Respeitar um ponto de vista diverso do seu;
- Saber dialogar;
- Interessar-se pela busca da verdade;
- Mostrar-se cooperativo;
- Mostrar-se curioso e reflexivo;
- Envolver-se nas atividades;
- Tornar-se atuante;
- Ser autônomo;
- Respeitar normas;
- Valorizar e respeitar opinião dos outros;
- Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

4.5 Planejamento geral da etapa I

Na etapa 1, apresentei primeiramente um planejamento geral onde fiz um apanhado de tudo que foi feito nesta etapa, trazendo logo após, os planejamentos diários onde mostrei de forma mais detalhada o desenvolvimento de cada atividade a que foi realizada. Nessa primeira etapa, que foi dividida em três partes, procurei apresentar e desenvolver as habilidades de leitura de temas polêmicos, promover o debate e a reflexão sobre os mesmos e apresentar as características e estrutura do gênero textual comentário argumentativo e do Facebook. Ao iniciar cada parte desta primeira etapa tornou-se muito importante levantar os conhecimentos prévios e verificar como cada aluno se posicionou a respeito do assunto: sua desenvoltura, postura e adequação da linguagem. Quando constatado que os alunos não tinham conhecimento prévio acerca do assunto, iniciava com a apresentação da leitura do texto.

Quadro 3: Descrição geral da etapa I do Projeto O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER A HABILIDADE DE ARGUMENTAR

<u>PLANEJAMENTO GERAL DA ETAPA I</u>	
ETAPA I: Introdução de temas polêmicos para construir argumentos	
PERÍODO: 20/09 a 25/10/2018	CARGA HORÁRIA: 8 aulas de 50 minutos
COMPETÊNCIAS DISCENTES:	
- Ler textos polêmicos para coletar dados que sirvam de fundamentação ao comentário argumentativo a ser construído. - Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental, o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. BNCC, 2016, p.9 – competência 7).	
CONTEÚDOS CONCEITUAIS:	
- Reconhecer a leitura como fonte de informação; - Reconhecer uma temática polêmica e sua importância; - Conhecer a estrutura e a função do texto argumentativo; - Reconhecer argumentos e contra-argumentos; - Conhecer os seguintes operadores argumentativos: Soma de ideias – e, também, ainda, além disso, aliás; Explicação – porque, que, já que, por causa de; Conclusão – portanto, logo, conseqüentemente, pois; Contrariedade – mas, Ressalva – apesar e de Finalidade – para, para que, a fim de que.	

- Conhecer o gênero textual comentário argumentativo apresentado no Facebook.
CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS:
- Formular argumentos, com ajuda dos colegas e do professor, relativos ao tema de discussão para análise mais minuciosa. (BNCC, 2017, p. 143) - Buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar argumentos e compartilhá-los com a turma. (BNCC, 2017, p. 143) - Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas polêmicos. (BNCC, 2017, p. 143) - Utilizar na escrita/reescrita de comentários argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido adequadas à forma de composição de textos argumentativo. (BNCC, 2017, p. 143) - Ler textos para obter informação; - Ler textos polêmicos observando os vários pontos de vista que neles são apresentados; - Ler comentários argumentativos postados no Facebook.
CONTEÚDOS ATITUDINAIS:
- Saber ouvir; - Respeitar o ponto de vista diverso; - Saber dialogar; - Mostrar-se cooperativo; - Mostrar-se curioso e reflexivo; - Envolver-se nas atividades; - Tornar-se atuante; - Ser autônomo; - Respeitar normas; - Valorizar e respeitar opinião dos outros; - Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.
METODOLOGIA
Nesta etapa foi muito importante a professora lembrar para a turma todo o desenvolvimento o projeto. A principal característica desta etapa foi despertar nos alunos o gosto pela leitura dos temas polêmicos e apresentar o gênero textual comentário argumentativo. Acreditei que, se conseguisse despertá-los para o debate e, principalmente, para que se posicionassem, todo o restante fluiria de maneira mais prazerosa e participativa. Os temas selecionados para esta etapa foram “Legalização do aborto” e “Maioridade penal”, temas estes que estavam em grande discussão no momento. As atividades desta etapa foram realizadas individual e em grupos, para que assim pudessem desfrutar de um ambiente mais propício ao diálogo, à interação e socialização dos pontos de vista. Todas as atividades tinham como ponto chave o levantamento dos conhecimentos prévios, pois era preciso saber o que os alunos já traziam em suas “bagagens” sobre os temas discutidos, principalmente para saber se esses conhecimentos eram baseados em dados ou

apenas no senso comum e para isso foram realizadas atividades com questionamentos orais/escritos e também para verificar se eles realmente já dispunham de conhecimentos prévios.

A partir deste contato com os temas polêmicos era que o aluno iria ter a possibilidade de conhecer o objeto de estudo: o gênero comentário argumentativos.

AVALIAÇÃO

A avaliação dessa primeira etapa se deu principalmente através da participação e interação individual/grupo nas atividades orais/escritas, através de leitura espontânea, de debates e posicionamentos escritos, além da desenvoltura e do desempenho na defesa ou refutação de um argumento. Nesta primeira parte, coube ao aluno reconhecer os textos polêmicos, se posicionando contra ou a favor dos mesmos, manifestando-se oralmente e/ou por escrito, através de comentários argumentativos sendo capaz também de caracterizar o gênero textual.

A todo momento a professora estava observando e qualificando o desempenho e a desenvoltura dos alunos quanto à leitura, reflexão e postura diante dos argumentos. Tudo foi avaliado e registrado através de uma avaliação descritiva.

Dessa forma, em todas as atividades da primeira etapa, os alunos estavam desenvolvendo principalmente a autonomia e o poder de reflexão, que não podiam ser mensurados, mas observados através de atitudes e posicionamentos.

4.5.1 Planejamentos diários da etapa I

Quadro 4: Apresentando tema polêmico

ETAPA I – parte I – Apresentando tema polêmico	
PERÍODO: 20/09 e 27/09/2018	CARGA HORÁRIA: 4 aulas de 50 minutos
TÍTULO: Posicionamentos diante de tema polêmico	
COMPETÊNCIA DISCENTE:	
- Ler textos polêmicos para coletar dados que sirvam de fundamentação ao comentário argumentativo a ser construído.	
CONTEÚDOS CONCEITUAIS:	
- Reconhecer a leitura como fonte de informação; - Reconhecer uma temática polêmica e sua importância; - Reconhecer argumentos e contra-argumentos.	
CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS	
- Ler textos para obter informação; - Ler textos polêmicos observando os vários pontos de vista que neles são apresentados; - Formular, com ajuda dos colegas e do professor argumentos relativos ao tema de discussão para análise mais minuciosa. (BNCC, 2017, p. 143)	
CONTEÚDOS ATITUDINAIS	

- Habituar-se a ler textos polêmicos;
- Saber ouvir;
- Respeitar o ponto de vista diverso;
- Saber dialogar;
- Mostrar-se cooperativo;
- Mostrar-se curioso e reflexivo;
- Envolver-se nas atividades;
- Tornar-se atuante;
- Ser autônomo;
- Respeitar normas;
- Valorizar e respeitar opinião dos outros;
- Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

METODOLOGIA

1º MOMENTO

- * Explicação oral, feita pelo professor, da proposta de intervenção para os alunos.
- * Roda de conversa livre sobre o tema “Legalização do aborto” (tema polêmico de grande circulação no momento).
- * A seguir, a sala foi dividida em dois grupos de acordo com o posicionamento de cada um: os que se posicionaram a favor da legalização do aborto ficaram do lado direito da sala e os que se posicionaram contra a legalização do aborto ficaram do lado esquerdo da sala.
- * Após a divisão, cada aluno escreveu (Apêndice E) o porquê de se posicionar contra ou a favor da legalização do aborto.
- * Para melhor interação e socialização, cada um se colocou também de forma oral, interagindo e socializando com a opinião do outro.

2º MOMENTO

- * O momento seguinte, foi iniciado com a distribuição de um texto informativo (**Anexo 1** Texto disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/argumentos-contrao-aborto-e-a-favor-do-aborto/32043> Acessado em 06/08/2018) xerocopiado sobre o tema (Legalização do aborto) que estava dividido em duas partes (folhas separadas): uma parte que apresentava só argumentos a favor da legalização do aborto e outra parte que apresentava só argumentos contra esta prática.
- * Com a sala ainda dividida de acordo com os posicionamentos, (contra/a favor), a professora distribuiu os textos sendo que os alunos que se posicionaram a **favor** ficaram com a parte do texto que apresentava **os argumentos contra a legalização do aborto** e os que se posicionaram **contra** ficaram com a parte do texto que apresentava **os argumentos a favor da legalização do aborto**.

* Após leitura silenciosa e autônoma seguida de uma leitura compartilhada em voz alta, a discussão foi provocada por alguns questionamentos orais, o que foi muito importante para que o aluno se posicionasse diante do tema como leitor, mas também como usuário da língua.

JUSTIFICATIVA

A relevância destes momentos se deu no levantamento do conhecimento prévio, na discussão oral e no desenvolvimento da habilidade de saber ouvir.

3º MOMENTO

* Distribuição de um questionário para reconhecer um tema polêmico (Apêndice F)

* Após esta discussão, os alunos foram distribuídos em grupos de 4, e cada grupo recebeu, em folha impressa, alguns comentários (**Anexo 2** Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/lista/o-aborto-deve-ou-nao-deve-ser-legalizado-por-que.jhtm.cesso> A em 03/08/2018 Disponível em: <https://www.facebook.com/abortoeumdireito> Acessado em 05/08/2018 Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteNacionalPelaLegalizacaoDoAborto>. Acessado em 05/08/2018) retirados do Facebook sobre o tema debatido. Para cada grupo foram dados comentário sobre o mesmo tema (Legalização do aborto), cabia ao grupo entrar em consenso e escolher o comentário que mais julgou impactante. Após leitura compartilhada e reflexão, a professora solicitou que os grupos apresentassem, de forma escrita e também oral, suas opiniões a respeito do comentário escolhido, justificando a escolha do grupo.

JUSTIFICATIVA

Para esta etapa pretendeu-se, através da leitura, fornecer informações sobre o tema a ser discutido e desenvolver atitudes de respeito, firmar acordos e saber dialogar em grupos.

AVALIAÇÃO

A avaliação foi realizada durante toda a atividade, por meio das discussões coletivas e, individualmente, por meio das atividades orais e escritas.

Nessa primeira parte da etapa I, pude avaliar o desenvolvimento oral, a sustentação da argumentação oral, o relacionamento em grupo, os acordos e posições, além dos posicionamentos escritos onde pude levantar aspectos importantes para a próxima etapa, como: reforçar o que é um tema polêmico, qual o público a que se destina esse tipo de texto e os principais objetivos do texto polêmico.

Relato da ação

No dia 20 de setembro de 2018, iniciei a execução do projeto de intervenção propriamente dito. Estavam presentes 33 alunos e apenas 2 ausentes. Comecei me apresentando pois, na sala, havia 7 alunos que não me conheciam, não foram alunos da escola no ano de 2017. Após as apresentações, comecei a expor o projeto de intervenção, expliquei as características, o objetivo e as etapas que seriam desenvolvidas. Expliquei também que esta intervenção só seria aplicada nas duas

aulas finais das quintas-feiras e que as outras 3 aulas semanais de Língua Portuguesa seriam ministradas pela professora regente que continuaria com eles.

Comecei a questioná-los oralmente sobre o tema “Legalização do aborto” a fim de levantar os conhecimentos prévios sobre o assunto. Para minha surpresa, 1 aluno não sabia o que era “aborto” e me pediu explicação em particular. Pude perceber também que apenas alguns alunos (5) tinham a informação que em alguns casos (estupro, incesto, doenças do feto e risco de morte para a mãe) o aborto era legalizado. Uma aluna me confidenciou que estava grávida e que uma colega já tinha dado a ideia para que ela abortasse, mas ela disse que era totalmente contra.

A turma sempre muito atenta e participativa aos questionamentos, porém todos queriam falar de uma só vez. Interrompi por várias vezes a aula pedindo silêncio e explicando que deveríamos ouvir a opinião dos colegas e que só dessa maneira poderíamos entender e expressar nosso ponto de vista de forma mais consistente. Por já conhecer a turma, sabia que mantê-los atentos à opinião do colega seria o meu maior desafio.

Após essa explanação, pedi que a turma se dividisse em dois grupos: os que se posicionavam contra o aborto e os que se posicionavam a favor do aborto. Confesso que fiquei surpresa ao perceber que 4 alunas e 1 aluno se posicionaram a favor do aborto; 26 alunos se posicionaram contra; apenas 2 alunos não quiseram participar. Minha surpresa foi achar que não haveria posicionamento a favor do aborto.

A todo momento, o grupo que se posicionou contra o aborto ficava incitando o pequeno grupo que se posicionou a favor. Chamavam-nos de “matadores”, “assassinos”, mas isso não os intimidou e tão pouco os fez mudar de posição. É interessante colocar que uma aluna, no momento da divisão dos grupos, colocou a cadeira no meio da sala, disse que era contra e a favor, em partes. No entanto, pedi que ela escolhesse uma posição, pois nessas questões não existe meio termo. Ela então foi para o lado do grupo a favor do aborto (Aluna 5) *.

Após essa tomada de posição, entreguei uma atividade com apenas uma pergunta objetiva e sua provável justificativa (Apêndice E). Apenas 4 alunos não participaram: 2 ausentes e 2 não quiseram responder.

O pequeno grupo que se posicionou a favor do aborto justificou ser a favor nos casos de estupro, ou seja, eles ainda não tinham a informação que, nesse caso, o aborto já é legalizado.

Depois, pedi que alguns alunos do grupo que se posicionou contra, falassem sobre suas posições e justificassem. Reafirmo que a maioria da sala se posicionou contra o aborto, então quando um aluno lia sua justificativa contra, era aplaudido, mas, quando um justificava seu posicionamento a favor, logo surgiam várias discussões, a maioria da turma não aceitava e dizia “*sou a favor da vida*”.

Após esse momento de discussão, entreguei textos xerocopiados do gênero comentário argumentativo sobre o tema, divididos em duas partes (Anexo 1): uma parte trazia argumentos contra, e a outra parte argumentos a favor. Para quem se posicionou contra, entreguei o texto que apresentava argumentos a favor do aborto, e para quem se posicionou a favor, entreguei o texto com os argumentos contra. Ficaram impressionados com a quantidade de argumentos a favor do aborto. Pedi que lessem silenciosamente e, para minha alegria, todos obedeceram e assim tivemos alguns minutos de silêncio total na sala. Percebi que uma aluna, apesar de estar sentada do lado dos que se posicionaram contra, depois da leitura, começou a defender o aborto. Perguntei se ela não gostaria de mudar de lado. Ela respondeu que não, que ainda era “*a favor da vida*”.

Depois da leitura silenciosa, começamos a ler os textos coletivamente e à medida que líamos os textos em voz alta eu ia explicando, questionando e incitando os alunos a cada novo argumento. Algumas vezes eles começaram a questionar e em seguida se calavam... pareciam mudar de ideia. Então eu perguntava se alguém queria mudar de posição, porém diziam que não e que permaneceriam onde estavam.

Lemos todo o texto, a parte que apresentava os argumentos a favor e a parte que apresentava os argumentos contra o aborto. Porém, cada aluno só recebeu a parte do texto que trazia argumentos contrários ao seu posicionamento, pois queria que eles focassem nas ideias contrárias as deles com o intuito de enriquecer a discussão. Fiquei muito contente ao perceber o interesse de alguns alunos ao me pedirem, no final da aula, a cópia da outra parte do texto. Isso mostra o quanto o tema gerou interesse.

No final da aula solicitei que lessem mais sobre o tema e foi gratificante ouvi-los dizer “*A aula foi muito legal*”!

Relato da Ação

No dia 27 de setembro, iniciei o terceiro momento relembrando o debate da aula anterior. Contei com a presença de 30 alunos, pois 5 faltaram. Eles lembravam perfeitamente de toda a discussão sobre a legalização do aborto. Perguntei se tinham procurando mais leituras, informações sobre o tema, mas todos disseram que não tinham lido mais nada. Perguntei então, onde eles poderiam ter mais informações sobre esse tema. Responderam que principalmente na televisão e nas redes sociais.

Distribui para a turma um questionário com algumas perguntas (Apêndice F) para saber quais as informações que eles já traziam sobre “o que é, qual a função e a estrutura de um tema polêmicos”. Pedi que respondessem sem dar muitas explicações e, caso tivessem dúvidas, me perguntassem. O objetivo era, nesse momento, levantar apenas os conhecimentos prévios.

Após socialização das respostas, pedi que se dividissem em grupos de 4 para que pudessemos ler outros textos sobre o mesmo tema. Com a sala dividida em grupos de 4, pude distribuir para cada aluno, uma cópia xerocopiada contendo vários comentários argumentativos sobre o tema, retirados do Facebook (Anexo 2). Solicitei a leitura silenciosa e logo após a leitura compartilhada em voz alta. À medida que líamos cada comentário eu ia pedindo que eles se colocassem a respeito de cada um. A discussão foi muito produtiva. Pedi que cada grupo escolhesse apenas um comentário e se posicionasse oralmente e por escrito também. Um grupo não quis realizar esta atividade.

Encerramos a aula com os comentários orais desta atividade.

Reflexão sobre a ação

Enquanto professora de Língua Portuguesa, sempre procurei despertar os alunos para o debate, o questionamento e a reflexão, no entanto por mais que tentasse através dos poucos recursos que dispunha na escola desenvolver a habilidade de argumentar, sempre me causava angústia quando corrigia as atividades escritas e percebia que as questões discursivas estavam vazias de argumentos ou simplesmente não estavam respondidas. Acredito que o pouco interesse na leitura ficou evidenciado na atividade diagnóstica, apenas 29% da turma dizia gostar de ler, (Gráfico 8) pode ser um dos indícios que causam o pouco interesse em responder as

questões discursivas, então, partir da leitura de temas interessantes e polêmicos foi o primeiro passo para incentivar essa prática.

Para desenvolver a argumentação é preciso habituar-se a ler e a ouvir, conteúdos atitudinais que, como afirmam Coll et al (1998, p. 162)

[...] no momento de planejar o ensino das atitudes será necessário levar em consideração, como um primeiro fator essencial, a criação de um clima do centro educacional e da sala de aula que favoreça a vivência dos valores e o desenvolvimento das atitudes desejadas. A organização do espaço, do horário e do trabalho deve facilitar a cooperação, o respeito, a solidariedade, etc.

No primeiro momento foi muito importante organizar a sala em círculo para propiciar um “bate papo” inicial e a visualização de cada um, falar olhando para o outro, ver o outro, estar entre todos, isso ajudou a descontrair a turma que se mostrou muito participativa. Percebi que esta intervenção era oportuna e necessária para aquela turma e para mim também, pois entendi que eu precisava ouvir mais, apesar de sempre incentivar o debate e procurar novas práticas pedagógicas, sempre dava prioridade para cumprir o planejamento que vem predeterminado pelo livro didático ou pela escola, e nesses debates eu sempre colocava a minha opinião, o que fazia com que alguns alunos aceitassem a minha verdade como se fosse a única. Nesse projeto de intervenção pude fazer diferente pois, apesar de a todo momento eles perguntarem a minha posição, eu não podia me posicionar, o meu objetivo era oferecer informações para que eles pudessem ter mais embasamento para a formação do posicionamento deles. Fico pensando o quanto eles se importam com a opinião do professor e o quanto podemos interferir no modo de pensar e até mesmo de agir do aluno. Isso facilitou a tomada de posição e a autonomia por parte dos alunos e o meu entendimento de que é preciso primeiro conhecer os conceitos que eles já trazem, escutando-os e passar informações para ajudar que eles próprios construam o seu conhecimento.

Constatei também que os alunos tinham muitas dúvidas sobre o tema apresentado, apesar de ser amplamente difundido na mídia. Isso justifica também o pouco interesse pela leitura e por questões sociais.

Isso foi perceptível quando apontaram que a “justificativa” mais aceita para abortar era o estupro, ou seja, desconheciam o fato que, nesse caso, o aborto já era permitido, não conheciam também as providências que devem ser tomadas para provar que houve estupro e, assim, ter o direito de abortar “legalmente”.

Através de uma atividade escrita, pedi que respondessem se eram contra ou a favor do aborto e que justificassem a escolha. A título de demonstração, selecionei o texto de 5 alunos: Vejamos algumas respostas:

Aluno 1- *“Se uma menina for estuprada ela tem que conviver com aquela coisa a vida toda? Pense aí quando o filho dela cresce toda vez que ela olhar pra ele lembra?”*

Aluno 2- *“Depende da situação da mulher. Ela pode ter sofrido abuso sexual e não queria viver com aquilo na mente, viver atormentada. Por isso que eu sou a favor”.*

Aluno 3 - *“Se a mulher for estuprada e ela tiver esse filho do estuprador ela vai ficar lembrando desse caso o resto da vida”.*

Aluna 4 – *“Mulher não nasceu no mundo pra ser mãe, ser mãe é uma escolha, não obrigação, cada um sabe o que faz da sua vida”.*

Aluna 5* – *“Eu sou na verdade os dois a favor e contra mais nessa situação de escolher eu sou a favor pois ninguém é obrigada a ser mãe, mesmo que tenha sido um descuido dela, ela pode não ter condições para criar a criança e tal... e por causa de situação de estupro”.*

É fato que eles desconheciam muitas informações, pude perceber isso na atividade escrita quando pedi que eles justificassem seu posicionamento: muitos que se posicionaram contra o aborto usaram apenas a justificativa da facilidade e das várias possibilidades dos métodos contraceptivos no mercado. Algumas justificativas:

Aluna 7 – *“Existem vários meios de se prevenir”.*

Aluna 8 – *“Por que as criança não pede pra nasce pois várias pessoas fazem sexo e não se previne e que faze aborto”.*

Aluna 9 – *“No mundo existir muito tipo de prevenção, para a pessoa não engravidar, e engravidar é uma escolha e não uma opção de acontecer e você querer abortar, sou totalmente contra o aborto”.*

Aluna 10 – *“Existe muito meios de prevenção, então para mim não tem essa de que foi acidente, ninguém tem direito de tirar a vida do outro e condições financeiras também não é desculpa, temos que assumir nossos atos e aguentar as consequências”.*

Esta atividade proporcionou muita reflexão e dinamismo. Eles debatiam, questionavam e se posicionavam a todo tempo. Tentavam impor seu ponto de vista a qualquer custo. Diziam que o tema era muito interessante e que o debate era necessário. Em alguns momentos eles mesmos pediam silêncio, alegando que

queriam ouvir a opinião do colega. É interessante assinalar que durante as duas aulas nenhum aluno saiu da sala para ir ao banheiro ou mesmo beber água.

Percebi então o quanto atividades de leitura com objetivos claros e possíveis podem conceber mudanças significativas e produtoras e levar o aluno, mesmo que através de uma dúvida, a assumir uma postura mais autônoma e autoconfiante. Como afirma Matta (2009, p. 78):

[...] a leitura é um ato de negociação de sentidos, as aulas de leitura devem ser polemizadas, discutidas, interativas, para levar o aluno a ampliar a sua capacidade de discutir, criticar, argumentar e defender os seus pontos de vista – elementos, aliás, indispensáveis ao pleno convívio em sociedade. (MATTA, 2009, p. 78)

Na segunda atividade pude constatar que a leitura não fazia parte do cotidiano deles. Mesmo demonstrando interesse pelo assunto e eu tendo solicitado que lessem mais sobre o tema, eles não procuraram informação em outras fontes. Essa atividade pontuou ainda que alguns alunos não reconhecem um texto polêmico. Ao analisar a primeira resposta, cuja pergunta era: *“Você acha que este tema é um tema polêmico? Por quê?”*. Algumas respostas:

Aluno 1- “Não porque estamos falando sobre aborto”.

Aluno 2 – “Sim. Por que o aborto é construindo uma morte e também que iria gostar de matar um criança inocente”.

Aluno 3 – “Sim. Porque muitas legalizações de leis tem que ter aprovação de políticos”.

Aluno 4 – “Sim. Porque ninguém pede *pra nasce*”.

Aluno 5 – “Sim. Porque muitos não acha certo tirar a vida de um *inoscente*”.

A maioria (23 alunos) reconhece uma temática polêmica. Alguns exemplos de respostas:

Aluno 6 – “Sim, porque tem os dois lados, o lado pro e o contra, aí tem uma discussão muito grande sobre o assunto”

Aluno 7 – “Sim, porque levanta várias questões e levanta duas opiniões”.

Aluno 8 – “Sim. Porque é um tema que muitas pessoas discutem, e ele fala de uma coisa séria... Aborto não é nenhuma brincadeira. E gera muita discussão”.

Aluno 9 – “Sim, porque fala sobre um assunto que tem “dois lados” dois tipos de pessoas que *penção* diferente, ou seja, “conflito”.

Aluno 10 – “Sim, porque muitos discutem por causas de opiniões sobre sim ou não a legalização”.

Na atividade em grupos, eles já tinham lido os textos informativos sobre “A legalização do aborto”, já tínhamos discutido oralmente sobre o tema, e não estavam sozinhos, a atividade foi realizada em grupos. Percebi algumas divergências no início, pois deveriam entrar em consenso e escolher apenas um comentário para justificar. Conseguiram compartilhar ideias, justificar posições e chegar a um consenso. Alguns exemplos:

Grupo 1- *“Escolhemos o comentário de Laís, por quê chamou a nossa atenção porque ela fala que o aborto sendo legalizado ou não, as mulheres vai continuar abortando”.*

Grupo 2 – *“A gente escolheu Janete. Porque ela é realista dis o que todos que é a favor precisa ouvir porque ninguém abortam porque precisam e sim porque não se prevenir e acabar acontecendo e ela que matou um ser que tá dentro dela e como Janete disse e mais fácil pra elas matar o ser que vai nascer do que se previni por isso escolho Janete por ela ser bem realista e falar tudo que precisar ser feito e não escutar o que os outros falam e faz errado e acabar abordado sou contra na verdade todos nós”.*

Grupo 3 – *“Escolhemos o comentário de Laís pois achamos que ninguém tem nada haver com a vida de ninguém e o fato de o aborto se legalizar ou não às mulheres vão continuar abortando e muitas morrendo por causa disso o ser contra ou a favor não vai mudar nada na boca de quem não tem poder nenhum e não pode fazer nada. Se cada um cuidasse da sua própria vida deixaria de dar opinião na vida dos outros e quem sabe assim o mundo seria bem melhor”.*

Grupo 4 – *“Escolhemos a opinião de Maria, pois: não concordamos com a legalização do aborto e a política do aborto, tem muitos meios de prevenção, não importa a sua religião, idade, condições financeiras ou qualquer outro tipo de “argumento”, não quer? Dar pra adoção a tantas famílias que querem filhos e não podem ter, Deus deu a vida e só ele pode tirar”.*

Grupo 5 – *“Paulo, a vida também é um direito das crianças que não tem chance de se defender dos abortistas. Porquê, a criança não pediu para nascer e por que abortá-la? E outra todos tem o direito de viver”.*

Grupo 6 – *“Escolhemos o comentário de Maria porque foi o comentário que mais se identificamos e que tem mais a ver com vários tipos de comentários. Achamos ela bem legal e também achamos ela bem verdadeira”.*

Pude perceber que já havia dado um grande passo para o sucesso desta intervenção quando já nas primeiras atividades, muitos alunos conseguiam se

posicionar oralmente e quase que a totalidade, 30 alunos, responderam a atividade escrita colocando sua opinião, o que também foi muito positivo, pois na atividade diagnóstica apenas 26,93% (Gráfico 11) dos alunos diziam se posicionar nas atividades escritas.

A avaliação foi feita na observação dos pontos de vista apresentados, oralmente/ por escrito, nas atitudes (saber ouvir, mostrar-se cooperativo, valorizar e respeitar a opinião do outro), na participação e na atuação como defendia seu ponto de vista.

Quadro 5: Introdução do gênero textual comentário argumentativo

ETAPA I – parte II – Introdução do gênero textual comentário argumentativo.	
PERÍODO: 04/10 e 11/10/2018	CARGA HORÁRIA: 4 aulas de 50 minutos
TÍTULO: Características do gênero – função, estrutura e linguagem	
COMPETÊNCIAS DISCENTES:	
- Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental, o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BNCC, 2017, p. 7 – competência 7).	
CONTEÚDOS CONCEITUAIS	
- Reconhecer a leitura como fonte de informação; - Reconhecer uma temática polêmica e sua importância; - Reconhecer argumentos; - Reconhecer o comentário argumentativo como um gênero textual.	
CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS	
- Ler textos para obter informação; - Ler textos polêmicos observando os vários pontos de vista que neles são apresentados; - Ler comentários argumentativos postados no Facebook.	
CONTEÚDOS ATITUDINAIS	
- Habituar-se a ler textos polêmicos; - Saber ouvir; - Respeitar o ponto de vista diverso; - Saber dialogar; - Mostrar-se cooperativo;	

- Mostrar-se curioso e reflexivo;
- Envolver-se nas atividades;
- Ser autônomo;
- Respeitar normas;
- Valorizar e respeitar a opinião dos outros;
- Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

METODOLOGIA

1º MOMENTO

*A aula foi iniciada com a professora relembrando oralmente o tema discutido na aula passada. Logo após solicitou que os alunos respondessem algumas perguntas (Apêndice G) para levantamento dos conhecimentos prévios sobre o gênero textual comentário argumentativo.

JUSTIFICATIVA

Este momento teve como objetivo maior coletar informações acerca dos conhecimentos prévios que os alunos já possuíam sobre o gênero comentário argumentativo.

2º MOMENTO

* Explicação oral do que é um comentário argumentativo, características, seu principal objetivo, para qual leitor é destinado e qual a sua função social.

* Socialização das respostas e intervenção da professora a fim de esclarecer dúvidas ou adicionar novas informações.

* Conversa informal sobre o segundo tema “Redução da Maioridade Penal”: O que entendem por maioria, jovem infrator, “*de menor*”; quais as responsabilidades que cabe a cada um em casa, na escola, na sociedade; significado de ECA, etc.

* Solicitei que respondessem à pergunta: A favor ou contra a Redução da maioria penal? Justifique. (Apêndice H)

JUSTIFICATIVA

Apresentar as principais características do gênero comentário argumentativo, sua funcionalidade e linguagem para que os alunos pudessem construir com mais autonomia seus próprios comentários e conhecer os conceitos que eles traziam sobre o novo tema.

AVALIAÇÃO

Nesta etapa pude avaliar o desenvolvimento oral, a sustentação da argumentação, o relacionamento em grupo, os acordos e posições, além dos posicionamentos escritos onde pude levantar aspectos importantes para a próxima etapa, como: perceber o conhecimento que os alunos já tinham sobre o gênero em estudo, reforçar o que é um tema polêmico, qual o público a que se destina esse tipo de texto e os principais objetivos do texto polêmico.

A avaliação destas atividades foi feita através dos posicionamentos orais e escritos, postura, respeito e autonomia. No decorrer destas atividades pude perceber que os alunos ainda tinham muitas dúvidas sobre o tema e que precisavam de mais leituras.

Relato da ação

No dia 04 de outubro, estavam presentes 29 alunos; 6 ausentes. Iniciei a aula perguntando à turma o que lembravam da aula anterior. Relataram que formaram grupos e ficaram lendo e discutindo os comentários contra e a favor sobre a legalização do aborto que foram distribuídos, dentre os quais tinham que escolher um e justificar a escolha.

Após o breve relato que fizeram, perguntei se eles percebiam alguma coisa que estava atrapalhando as discussões na sala de aula e alguns falaram que a conversa paralela estava atrapalhando. Conversamos um pouco sobre o quanto era importante falar e ser ouvido, sobre respeitar a opinião, sobre como se posicionar sem gritar e, como já previa toda essa discussão apresentei então, um novo recurso para controlar a conversa, “um controlador de conversa” que era basicamente uma cartolina com os nomes deles enfileirados. À medida que percebia que o aluno estava conversando sobre coisas que não faziam parte da discussão ou estavam atrapalhando a aula, eu colocava um adesivo com “*emoji* vermelho” ao lado do nome de quem estava atrapalhado a aula. Ao terminar a aula, o aluno que não estivesse com nenhum “*emoji* vermelho” ao lado nome, ganharia um pirulito. Depois de tudo explicado, comecei a aula.

No final da aula, 5 alunos estavam com “*emoji* vermelho” ao lado do nome. Os alunos que não receberam “*emoji*” vermelho e, portanto, não atrapalharam a aula, receberam no final um pirulito. Com esta estratégia consegui fazer com que eles controlassem a conversa e chamassem a atenção do colega, caso estivesse atrapalhando a aula. A aula foi dinâmica e não deixou de ser participativa também, agora, quem quisesse falar, levantava o braço.

No primeiro momento, pedi que respondessem um questionário (Apêndice G) contendo algumas perguntas mais específicas sobre o gênero em estudo – comentário argumentativo. Expliquei e esperei eles responderem o questionário. Logo

após, fazíamos a leitura das perguntas e solicitava que os alunos socializassem a resposta em voz alta; à medida que eles iam socializando as respostas, eu ia explicando o que era o gênero comentário argumentativo, sua função social, suas características, como se apresentava a linguagem e o que era argumentar. Percebi que a maior dificuldade deles era não conhecer a palavra “gênero textual”. Uma boa parte da turma demonstrou isso antes de responder a primeira pergunta que era: “Você conhece o gênero textual comentário?” Nesta pergunta, 4 alunos responderam que “Não” conheciam este gênero textual, 1 aluno respondeu que estava passando a conhecer, 1 aluno não respondeu e 23 alunos disseram que conheciam. Quando perguntei se sabiam o que era argumentar, apenas 2 alunos disseram que não sabiam, 1 não respondeu e 26 responderam que sabiam. Algumas das respostas obtidas:

Aluno 1 - *“Você da sua opinião e apresentar argumentos”*.

Aluno 2 – *“Sim, apresentar sua opinião”*.

Aluno 3 – *“Sim, é apresentar sua opinião diante do comentário. Seja contra ou a favor.*

Aluno 4 – *“Justificar sua opinião”*.

Aluno 5 – *“Argumentar é você falar sobre determinadas coisas que você pensa sobre aquilo ou acha”*.

Quanto à pergunta que tratava da linguagem dos comentários: “Como a linguagem se apresenta, mais formal ou informal? 8 alunos responderam que formal, 19 responderam informal e 2 alunos não responderam. Para esta resposta pedi que observassem os comentários que foram lidos e discutidos na aula passada. Ao reler o texto da aula anterior, perceberam a presença de gírias “*pra, ué, lorota*”; palavras abreviadas “*n, vcs*”; palavrões subentendidos “*s*****”, mas também perceberam uma linguagem um tanto formal. Questionei sobre isso e expliquei que antes de escrever devemos saber o que escrever e para quem escrever, quem serão os prováveis leitores. Expliquei que esses comentários tinham sido postados nas redes sociais e estavam identificados, por isso exigiam uma linguagem mais trabalhada e cuidada. O que geralmente não acontece com o comentário oral, pois ao defender um ponto de vista as pessoas podem se exaltar e acabar falando de qualquer maneira.

Na questão de número 2 “Onde esse gênero costuma aparecer? ”, 25 alunos responderam que na internet ou redes sociais. A questão de número 4 era: “ Você costuma escrever este gênero textual? Onde? ” 19 alunos responderam que sim e costumam escrevê-lo na internet, redes sociais e Facebook.

Relato da ação

No dia 11 de outubro, estavam presentes apenas 16 alunos; acredito que por causa do feriado do dia 12 (sexta-feira) a frequência tenha sido prejudicada.

Iniciei então o segundo momento do planejamento. Comecei a aula apresentando novamente o “controlador de conversa” e pedindo que quem quisesse se manifestar levantasse o braço. Perguntei aos alunos o que eles achavam sobre o que era ser maior de idade, pontos positivos e negativos da maioridade, se eles já queriam ser considerados maior de idade e por quê, etc. Enfim, comecei abrindo a roda de conversa sobre o tema “Maioridade”.

Alguns alunos responderam que ser “maior” é bom porque pode fazer tudo o que quer, principalmente ingerir bebidas alcoólicas. Outros achavam que assumir muita responsabilidade e ser responsabilizado pelos atos não era bom. Achei interessante o quanto eles relacionaram a questão do voto. Questionavam que se já eram responsáveis para decidir sobre o futuro do país através do voto, por que não ser responsável também para dirigir um veículo e consumir bebidas alcoólicas? Então perguntei: Vocês são contra ou a favor da redução da maioridade penal para 16 anos? Pedi que se posicionassem oralmente contra ou a favor sobre o assunto. Percebi que os alunos ficaram muito indecisos e 2 alunos não sabiam o que responder. Falei um pouco também sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente para esclarecer o significado de ECA, já que o próximo texto trazia essa sigla. Após essa discussão solicitei que respondessem uma atividade (Apêndice H) manifestando sua opinião contra ou a favor da redução da maioridade penal.

Terminei a aula recolhendo a atividade e solicitando que lessem mais sobre o tema.

Reflexão sobre a ação

Enquanto mediadora, constatei que a conversa paralela era um obstáculo para garantir uma discussão proveitosa. Resolvi, então, intervir, levando o problema para a turma, o que foi muito interessante porque notei que alguns alunos estavam preocupados, pois queriam prestar atenção na opinião do colega, mas não conseguiam ouvir, porque o barulho era demais. Outros queriam expressar sua opinião, entretanto não conseguiam, porque todos queriam falar ao mesmo tempo, ou

seja, perceberam que a conversa paralela estava sendo um obstáculo para a transmissão do conhecimento e troca de ideias.

Criar o instrumento “controlador de conversa” foi uma estratégia valiosa, pois a recompensa (pirulito) incentivava o aluno a prestar atenção e conseqüentemente a desenvolver as atitudes de saber ouvir, esperar a vez e respeitar a opinião do outro.

Como apontam Coll et al (1998), uma das técnicas de intervenção para a mudança de atitude é o diálogo, discussões e técnicas de estudo ativo que consiste basicamente: “A participação em diálogos e discussões dentro da sala de aula obriga os alunos a elaborar seus próprios argumentos e a expor as suas atitudes a favor ou contra um objeto, pessoa ou situação real” (COLL et al 1998, p. 167)

Percebendo o interesse pelo tema, precisei desenvolver este instrumento para que o diálogo fosse privilegiado e percebido como uma grande fonte de informação e conhecimento.

O tema em discussão, “Redução da Maioridade Penal” também foi muito bem aceito e amplamente discutido pelos alunos pois, de certa forma, este tema estava relacionado direta ou indiretamente à vida deles; muitos alunos relataram casos de amigos e familiares que passaram por situações que envolviam menores infratores, isso tornou o debate mais dinâmico, real, próximo e conseqüentemente mais oportuno e produtivo.

Nas atividades escritas, apenas 2 alunos não responderam as questões discursivas. Grande parte da turma se mostrou indignada com “a pena de reclusão”, acharam muito “leve” principalmente para os casos de assassinato e estupro.

Entreguei uma atividade xerocopiada, (Apêndice 8) e solicitei que se posicionassem por escrito contra ou a favor da redução da maioridade penal. Nesta atividade, 5 alunos responderam que eram contra a redução da maioridade penal. Os argumentos foram:

Aluno 1 – “Com 16 anos não podemos dirigir, marcar uma consulta, fazer um exame, ou até comprar uma bebida, mas pode votar e ser preso? Injusto, pois se somos incapazes ou qualquer outra coisa para fazer isso, também somos incapazes para ser preso”.

Aluno 2 – “O jovem com 16 anos pode fazer o que quiser”.

Aluno 3 – “Porque tipo assim o adolescente de 16 anos não tem nem noção do que vai vim de consequência. E outra se essa lei for aprovada vão começar a matar com 10 anos! ”

Aluno 4 – “Se você parar pra reparar; uma pessoa com 16 anos pode escolher a pessoa que vai governar o país; acho que com 16 anos ainda são adolescentes e nem todas as vezes elas sabem porque erraram, então não acho justo serem presos com tão pouca idade”.

Dois alunos se posicionaram contra, porém não conseguiram argumentar. Ficaram com dúvidas e preferiram não escrever nada. Nove alunos se posicionaram a favor da redução da maioridade penal e apresentaram os seguintes argumentos:

Aluno 5 – *“Se uma criança de 14 anos já está matando, não pode deixar ele a solta causando mais problemas, então quanto mais cedo ela for preso melhor, pois evita mais problemas.”*

Aluno 6 – *“Eu acho que todos nós devemos pagar pelos nossos erros, e se um jovem hoje em dia mata ele deve pagar pelos erros que ele cometeu até porque ele tem consciência do que está fazendo. Todos nós temos!”*

Aluno 7 – *“Porque tem muito jovens que fazem muita coisa errada, porque não vai preso. Estrupo, assassinato e etc”.*

Aluno 8 – *“Por que tem muitos jovens de 16 anos abusando de crianças, matando etc. e os pais deles quem respondem pelos atos dos quem deveriam arcar as consequências”.*

Aluno 9 – *“Eu acho que com essa idade já podemos decidir o que queremos e ter as consequências dos nossos atos com a sociedade”.*

Ao terminarem esta atividade, me entregaram, entretanto não houve tempo para a discussão oral, ficando assim para a próxima aula.

Trabalhar leitura com temas próximos da realidade e que de certa forma afeta diretamente a vida dos adolescentes é muito proveitoso porque eles ficam mais à vontade e conseguem absorver as informações de forma mais natural.

Ao abordar esse tema, percebi que apesar da maioria da turma saber o que é um texto argumentativo, o que ficou evidenciado desde o diagnóstico, ainda não tinham informações necessárias para sustentar um ponto de vista, não sabiam o quer era menor infrator e que este não era “preso” em presídio e sim cumpriria pena de reclusão em centros de recuperação, não sabiam o que significava ECA, etc., enfim, posso dizer que grande parte da turma precisava de mais leitura, mais informação sobre o tema.

Ficou constatado que oportunizando leituras de gêneros que queremos ensinar e desafiar o aluno a buscar a resposta, o deixa mais próximo de construir seu

próprio aprendizado pois, é ele mesmo que constrói suas respostas baseando-se nas observações, leituras, questionamentos e explicações feitas pelo professor.

Quadro 6: Ampliando conhecimentos sobre o gênero textual comentário argumentativo

ETAPA I – parte III – Ampliando conhecimentos sobre o gênero textual comentário argumentativo.	
PERÍODO: 18/10 e 25/10/2018	CARGA HORÁRIA: 4 aulas de 50 minutos
TÍTULO: Características do gênero	
COMPETÊNCIAS DISCENTES:	
- Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental, o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. BNCC, 2017, p. 9 – competência 7).	
CONTEÚDO CONCEITUAL	
- Reconhecer a leitura como fonte de informação; - Reconhecer uma temática polêmica e sua importância; - Reconhecer argumentos e contra-argumentos; - Conhecer o comentário argumentativo apresentado no Facebook. - Conhecer os seguintes operadores argumentativos e sua relação; Soma de ideias – e, também, ainda, além disso, aliás; Explicação – porque, que, já que, por causa de; Conclusão – portanto, logo, conseqüentemente, pois; Contrariedade – mas; Ressalva – apesar; Finalidade – para, para que, a fim de que	
CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS	
-Utilizar na escrita/reescrita de comentários argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido adequadas à forma de composição de textos argumentativos. (BNCC, 2017, p. 143) - Ler textos para obter informação; - Ler textos polêmicos observando os vários pontos de vista que neles são apresentados; - Ler comentários argumentativos postados no Facebook.	
CONTEÚDOS ATITUDINAIS	
- Habituar-se a ler textos polêmicos; - Saber ouvir; - Respeitar o ponto de vista diverso; - Saber dialogar; - Mostrar-se cooperativo;	

- Mostrar-se curioso e reflexivo;
- Envolver-se nas atividades;
- Ser autônomo;
- Respeitar normas;
- Valorizar e respeitar opinião dos outros;
- Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

METODOLOGIA

1º MOMENTO

*Após ter feito o levantamento dos conhecimentos prévios sobre o tema na parte II desta etapa, cada aluno pôde agora se posicionar de forma livre sobre o tema, abrindo assim a discussão. Para isso entreguei a atividade da aula passada que continha o posicionamento de cada um sobre o tema.

* Após a discussão, foi distribuído individualmente um texto que apresentava argumentos contra e a favor sobre “Redução da maioria penal” (**Anexo 3** Disponível em: <https://blogdoenem.com.br/reducao-da-maioridade-penal/> Acessado em 15/08/2018)

* A seguir pedi aos alunos que fizessem uma leitura silenciosa e em seguida uma leitura compartilhada do texto.

* Abri, então, uma nova roda de diálogo e discussões e solicitei para que os alunos se posicionassem de forma oral sobre o texto, de maneira mais reflexiva e significativa, elaborando seu próprio comentário, fazendo-os assim perceber a importância de um bom argumento para a construção do texto, adequando essa produção também às características do gênero; estrutura, linguagem e função.

* Fiz a mediação de forma que os alunos percebessem, através dos comentários apresentados, o que é realmente relevante e o que é desnecessário nesses comentários e a importância de um argumento bem fundamentado e bem escrito.

JUSTIFICATIVA

Este tema foi apresentado com o objetivo de verificar o posicionamento dos alunos, desenvolvendo assim as habilidades necessárias para o saber argumentar.

2º MOMENTO

* Aula explicativa com cartazes e o uso do quadro sobre os operadores argumentativos mais usados nos comentários do Facebook que marcam a relação de:

Soma de ideias – e, também, ainda, além disso, aliás

Explicação – porque, que, já que, por causa de

Conclusão – portanto, logo, conseqüentemente, pois

Contrariedade – mas,

Ressalva – apesar,

Finalidade – para, para que, a fim de que

Para esta explicação utilizei inicialmente alguns comentários retirados das atividades feitas por eles, (Apêndice I) que foram disponibilizadas em cartolinas fixas no quadro. Fiz a explicação de forma participativa e, à medida que, iam sinalizando os operadores argumentativos adequados eu ia explicando e ressaltando a relação que estes estabeleciam no texto.

* Logo após, entreguei para os alunos uma atividade com comentários retirados de alguns perfis do Facebook, (Apêndice J) porém com lacunas. Cabia aos alunos preencherem essas lacunas com o operador argumentativo mais adequado.

JUSTIFICATIVA

Através desta atividade pretendi verificar se os alunos aprenderam as características do gênero estudado, fazendo-os reconhecer a relação que os operadores argumentativos estabelecem, bem como a importância desses elementos na construção do texto.

AVALIAÇÃO

A avaliação foi feita principalmente através da participação, estruturação e organização das ideias, respeito e postura apresentada por cada grupo.

A turma participou bastante ao tentar preencher as lacunas apresentadas nos cartazes. Foi uma atividade bem dinâmica. A turma mostrou-se bem atenta na hora da explicação, não teve problema nenhum com conversas paralelas ou mesmo precisei colocar “emoji” no controlador de conversa. E também, o número de acertos na atividade escrita foi bem significativa.

Relato da ação

Na aula do dia 18 de outubro pude contar com a presença de 99% da turma e foi muito difícil controlar a conversa e a discussão, mesmo usando a estratégia do “controlador de conversa”.

Relembrei, através de alguns questionamentos o tema da aula passada “Redução da maioria penal”, para que os que estavam ausentes na aula anterior, quase 50%, ficassem por dentro da discussão. Em seguida, distribuí um texto (ANEXO 3) que apresentava vários argumentos a favor e vários contra a redução da maioria penal. Solicitei que fizessem uma leitura silenciosa e logo após fizemos a leitura compartilhada, onde cada aluno lia um argumento, e a turma, juntamente com a professora, ia discutindo e apresentando seu ponto de vista.

Solicitei que os alunos formassem grupos de quatro, a fim de oportunizar parcerias de participação, engajamento e aprendizagem, e pedi que, juntos, entrassem em consenso e escolhessem o argumento apresentado no texto que tivesse chamado mais a atenção do grupo e que escrevessem um comentário sobre esse argumento, justificando a escolha.

Abri a sala para a apresentação oral onde cada grupo se posicionou de forma oral e também escrita. Esta atividade teve como propósito principal a formação de parcerias, acordos, onde um teve que ouvir e respeitar a opinião do outro e juntos, promover o diálogo e o debate.

Após a discussão e apresentação de todos os comentários a aula foi encerrada.

Relato da ação

No dia 25 de novembro, pude contar com a presença de 30 alunos. Achei interessante revisar as características, estrutura e a função do gênero textual comentário argumentativo, chamando a atenção também para as características da linguagem apresentada neste gênero, principalmente por ser um gênero que é compartilhado e visto por várias pessoas. Após essas breves orientações, iniciei a aula explicativa sobre operadores argumentativos.

Pensando em facilitar a aprendizagem e também motivar a turma, elaborei um material (Apêndice I). Para tanto, selecionei alguns comentários dos alunos, passei para cartolina, sendo que, no lugar do operador argumentativo, deixei uma lacuna. Preguei no quadro o primeiro cartaz e comecei a questionar se eles reconheciam o gênero textual e se conseguiam identificar as palavras que preencheriam aquelas lacunas.

Quadro 7: Comentários utilizados para aula explicativa sobre operadores argumentativos

Cartaz 1	<i>“O adolescente de 16 anos não tem noção do que vem como consequência, _____”</i>
Cartaz 2	<i>“Hoje em dia o jovem tem que pagar pelos seus erros _____ já tem consciência do que está fazendo.”</i>
Cartaz 3	<i>“Aos 16 anos não podemos dirigir, _____ podemos votar! Acho injusto, _____ se somos incapazes para algumas coisas, somos incapazes também para ser presos.”</i>
Cartaz 4	<i>“Acho que com 16 anos ainda são adolescentes e nem todos sabem porque erram, _____ não acho justo serem presos.”</i>
Cartaz 5	<i>“Se uma criança de 14 anos está matando, não pode deixar ela solta causando mais problemas, _____ quanto mais cedo ela for presa, melhor, _____ evita mais problemas.”</i>

Fonte: Elaborado pela Autora (2019)

Para minha surpresa a maioria da sala conseguiu identificar as palavras (os operadores argumentativos) que estavam faltando. Ao perceber que eles já possuíam

algum conhecimento sobre conjunção, iniciei a explicação sobre os operadores argumentativos, apresentei os principais, escrevendo no quadro, e sua importância para a construção de sentido do texto. Logo após a explicação e o preenchimento de todos os cartazes, distribui cópias xerocopiadas de comentários argumentativos retirados do Facebook (Apêndice J) sobre os dois temas discutidos na sala de aula, para que eles pudessem completar as lacunas com os operadores argumentativos que estabelecessem relação com as orações. Após os alunos responderem a atividade, fiz a correção de forma oral e coletiva e esclareci algumas dúvidas como: o pois e o portanto estabelecem a mesma relação em quais casos? Posso colocar “por que” separado para explicar alguma coisa? Por que essas palavras recebem o nome de operadores argumentativos? A correção foi feita de forma bem participativa, onde eu perguntava e eles iam completando e marcando se acertaram ou se erraram.

Para a próxima aula, solicitei que trouxessem o celular, pois ele seria o instrumento utilizado na atividade seguinte.

Reflexão sobre as ações

Ao trabalhar com os operadores argumentativos pude perceber que os alunos já tinham uma noção do que eram e das relações que estabeleciam nas orações, pois a professora regente já havia explicado as conjunções coordenativas e subordinativas. Desta forma a explicação dos operadores foi bem participativa, é bem mais fácil falar do que já se conhece, ou seja, eles já tinham o conteúdo conceitual. No entanto não conheciam a expressão “operadores argumentativos”, pois ainda não tinham estudado o gênero argumentativo. Então comecei a aula fazendo um esquema no quadro sobre o que era, qual a importância e quais eram os operadores argumentativos mais utilizados. Logo após, apresentei alguns cartazes com comentários feitos por eles nas atividades anteriores sobre os temas discutidos, relembrei as características do gênero comentário argumentativo, a função; observamos a linguagem e chamei a atenção para alguns “desvios” gramaticais que observei nestes comentários elaborados por eles (Apêndice I).

Ao colocar os cartazes no quadro ia chamando a atenção para a relação que os operadores argumentativos estabeleciam na oração. Vale ressaltar que a intenção aqui não era de ensinar regras, mas mostrar a importância dos operadores

argumentativos como “elemento linguísticos que permitem orientar nossos enunciados para determinadas conclusões” (KOCH; ELIAS, 2017, p. 64). Falei também da importância de entender a relação, pois podem existir várias opções de operadores para estabelecer a mesma relação, então é preciso conhecê-los.

No preenchimento da atividade individual (Apêndice J) 2 alunos não quiseram responder, 28 alunos responderam e me entregaram a atividade preenchida e corrigida, uma vez que a correção foi feita de forma participativa.

Pude perceber que a maioria da turma interagiu e mostrou-se bastante interessada ao responder esta atividade oralmente e por escrito. Dos 11 comentários que deveriam ter suas lacunas preenchidas, a maioria da turma conseguiu acertar 8. Apresentaram mais dificuldades em estabelecer a relação com os operadores e, porque, portanto. Observei também que 2 alunos ainda escreviam o operador porque (usado para respostas) separado mesmo após a explicação.

Após constatar que eles já possuíam conhecimento sobre o gênero comentário argumentativo pude iniciar a próxima etapa do projeto que envolvia criação, análise, reflexão e compartilhamento dos comentários.

4.6 Planejamento geral da etapa II

Esta etapa foi composta por um plano geral e planos diários que estavam divididos em duas partes cada um. Na primeira parte, que correspondia a 2 aulas de 50 min cada, foram apresentadas atividades que desenvolviam a escritura do gênero comentário argumentativo no Facebook. Nesta etapa, os alunos já estavam munidos de informações necessárias à construção do gênero estudado, se posicionando de forma mais autônoma e consciente sobre o tema polêmico proposto pela professora no perfil criado para a turma.

Houve nesta etapa também a solicitação por parte da professora, que eles buscassem outras fontes de informação sobre o tema proposto e que abrissem e lessem os links postados pela professora na página do Facebook para que, através da leitura, construíssem argumentos mais consistentes e bem estruturados. Ainda nesta etapa, os alunos foram informados que deveriam se identificar apenas por apelidos ou iniciais dos nomes, pois estas escritas serviriam de amostra para o projeto.

Quadro 8: Descrição geral da etapa II

<u>PLANEJAMENTO GERAL DA ETAPA II</u>	
ETAPA II – parte I – Publicizando os comentários argumentativos	
PERÍODO: 01/11 a 22/11	CARGA HORÁRIA: 6 aulas de 50 minutos
TÍTULO: Produzindo e postando comentários argumentativos	
COMPETÊNCIAS DISCENTES:	
- Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental, o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. BNCC, 2017, p. 9 – competência 7).	
CONTEÚDO CONCEITUAL	
- Conhecer o gênero textual comentário argumentativo apresentados no Facebook; - Conhecer o Facebook e as possibilidades que ele oferece. - Reconhecer o comentário argumentativo do Facebook como um gênero textual. - Reconhecer argumentos e contra-argumentos; - Conhecer os seguintes operadores argumentativos e sua relação; Soma de ideias – e, também, ainda, além disso, aliás; Explicação – porque, que, já que, por causa de; Conclusão – portanto, logo, conseqüentemente, pois; Contrariedade – mas; Ressalva – apesar; Finalidade – para, para que, a fim de que -Reconhecer as características da linguagem dos comentários argumentativos postados no Facebook.	
CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS	
- Produzir e publicar comentários argumentativos vivenciando de forma significativa o papel de comentarista como forma de participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor. (BNCC, 2017, p. 141) - Produzir comentários relativos a temas polêmicos e textos orais de opinião considerando o contexto de produção e demonstrando domínio do gênero. (BNCC, 2017, p. 141) - Utilizar na escrita/reescrita de comentários argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido adequadas à forma de composição de textos argumentativo. (BNCC, 2017, p. 143) - Buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar argumentos e compartilhá-los com a turma. (BNCC, 2017, p. 143) - Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas polêmicos. (BNCC, 2017, p. 143)	
CONTEÚDOS ATITUDINAIS	
- Habituat-se a ler textos polêmicos; - Saber ouvir;	

- Respeitar o ponto de vista diverso; - Saber dialogar; - Mostrar-se cooperativo; - Mostrar-se curioso e reflexivo; - Envolver-se nas atividades; - Ser autônomo; - Respeitar normas; - Valorizar e respeitar opinião dos outros; - Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.
METODOLOGIA
Esta etapa consistiu na produção de comentários baseados no texto postado pela professora no perfil da turma no Facebook e também na leitura como fonte de informação para construção de argumentos. Os alunos foram coautores do próprio conhecimento a partir do momento que buscaram a informação, refletiram, construíram e se posicionaram diante de um texto. Através do compartilhamento dos posicionamentos e das refutações sobre os comentários dos colegas, eles foram capazes de refletir, discordar, concordar e até mesmo negociar um posicionamento. Para realização desta etapa foram disponibilizadas 4 horas aulas, sendo 2 aulas para a primeira atividade e mais 2 aulas para a segunda atividade. Os alunos precisaram utilizar o celular e o Wi-Fi da escola para poder postar os comentários no Facebook.
AVALIAÇÃO
Para avaliar esta etapa final analisei de forma mais concreta a produção dos alunos uma vez que nesta etapa eles estavam utilizando a escrita de forma compartilhada e interativa através do Facebook. Foi mais observável a construção dos argumentos, através da escrita, e também a negociação, a refutação e a construção do gênero comentário argumentativo. Desta forma tive meios de avaliar de forma mais concreta a produção escrita, uma vez que na primeira etapa a discussão oral foi muito explorada e importante para a avaliação. Foram avaliados também o desenvolvimento, a participação, as postagens, o interesse e o engajamento do aluno em todo o projeto.

4.6.1 Planejamentos diários da etapa II

Quadro 9: Conhecendo o gênero textual comentário argumentativo no Facebook

ETAPA II – parte I – Produção do gênero textual comentário argumentativo no Facebook	
PERÍODO: 01/11 e 08/11/2018	CARGA HORÁRIA: 4 aulas de 50 minutos
TÍTULO: Compartilhando pontos de vista	

COMPETÊNCIAS DISCENTES:
- Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental, o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. BNCC, 2017, p.9 – competência 7).
CONTEÚDO CONCEITUAL
- Conhecer o gênero textual comentário argumentativo apresentados no Facebook; - Conhecer o Facebook e as possibilidades que ele oferece. - Reconhecer o comentário argumentativo do Facebook como um gênero textual. - Conhecer os seguintes operadores argumentativos: e, também, ainda, além disso, aliás, porque, que, já que, por causa de, portanto, logo, conseqüentemente, pois, mas, apesar, para, para que, a fim de que. - Reconhecer as características da linguagem dos comentários argumentativos postados no Facebook.
CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS
- Produzir e publicar comentários argumentativos vivenciando de forma significativa o papel de comentarista como forma de participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor. (BNCC, 2017, p. 141) - Buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar argumentos e compartilhá-los com a turma. (BNCC, 2017, p. 143) - Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas polêmicos. (BNCC, 2017, p. 143)
CONTEÚDOS ATITUDINAIS
- Habituar-se a ler textos polêmicos; - Saber ouvir; - Respeitar o ponto de vista diverso; - Saber dialogar; - Mostrar-se cooperativo; - Mostrar-se curioso e reflexivo; - Envolver-se nas atividades; - Ser autônomo; - Respeitar normas; - Valorizar e respeitar opinião dos outros; - Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

METODOLOGIA

1º MOMENTO

* Iniciei a aula fazendo alguns questionamentos orais e em seguida por escrito, acerca das redes sociais e principalmente do Facebook (Apêndice K).

JUSTIFICATIVA

A relevância desta etapa reside na verificação do nível de familiaridade que os alunos têm com as redes sociais, principalmente com o Facebook

2º MOMENTO

* Após esse diálogo e a realização da atividade escritas sobre o instrumento Facebook, os alunos foram orientados a acessar no celular o perfil criado para a turma que tinha como nome “Turma da Argumentação”.

* Foram informados que nesta página encontrariam um texto informativo sobre um tema polêmico, postado pela professora, e que deveriam ler e posicionar-se frente a este texto observando todas as características do gênero comentário argumentativo (Anexo 4 - Disponível em: <http://www.linkatual.net/legalizacao-maconha.html> Acesso em 30/10/2018)

JUSTIFICATIVA

Perceber se os alunos conseguiram se posicionar de maneira mais consistente respeitando as características do gênero estudado.

3º MOMENTO

* Neste momento foi apresentado o último tema para discussão (Anexos 5, 6 e 7– Fonte: Jornal Lumos Jurídico Disponível em: (<http://www.lumosjuridico.com.br/> Acesso em 05/11/2018 - Disponível em: <https://acidblacknerd.wordpress.com/2013/05/02/proibicao-do-porte-e-comercio-de-armas-10-motivos-para-ser-contrario-10-motivos-para-ser-a-favor-2/> Acesso em 05/11/2018 - Disponível em: <https://www.amodireito.com.br/2017/08/direito-oab-concursos-porte-armas-advogados.html?showComment=1502967216064#c4170667874566387437> acesso em 07/11/2018) “Regulamentação do porte de armas”. Os alunos foram orientados a acessar, através do celular, o perfil da turma, ler o texto e também buscar outras fontes de informação sobre o tema.

* Deveriam acessar o perfil da turma no Facebook, ler todos os comentários postados, encolher o que mais chamou-lhe a atenção e posicionar-se contra ou a favor, justificando. (Apêndice L)

JUSTIFICATIVA

Para esta etapa, pretendeu-se que os alunos percebessem o Facebook como um instrumento que também pode ser utilizado para a aprendizagem, publicizando opiniões e informações.

AVALIAÇÃO

A avaliação se deu com as postagens dos comentários, onde estaria observando a estrutura do gênero, os argumentos, o conjunto das ideias e da escrita e também se

procuraram outras fontes de informação. Na sala de aula pude observar valores como a solidariedade ao tentar ajudar o colega a conectar, ao emprestar o celular ao colega que não tinha, o respeito às divergências e, principalmente, a autonomia e também através da observação da postura, oralidade, desenvoltura, respeito e principalmente autonomia e coerência das respostas apresentadas.

Lembrando que a avaliação por ser um processo contínuo e esta intervenção por se configurar como uma atividade que não se encerra na sala de aula e sim, principalmente extraclasse, a avaliação continuou sendo feita, mas com outro olhar, um olhar mais voltado para a parte concreta, a escrita, a frequência à acessibilidade, a linguagem e a coerência e coesão dos comentários apresentados. Dessa forma, tive uma visão clara sobre o nível de aprendizagem que eles alcançaram e se o processo ensino/aprendizagem foi realmente significativo.

Relato da ação

No dia 01 de novembro iniciei a segunda etapa do projeto. Estavam presentes 30 alunos. Os alunos estavam ansiosos querendo saber quando utilizariam o celular, pois na aula anterior tinha pedido para trazerem. Comecei a aula abrindo a discussão sobre redes sociais e Facebook. Fiz algumas perguntas orais: Você costuma acessar o Facebook por qual motivo? Com qual regularidade você acessa o Facebook? Quais os recursos que o Facebook oferece que você utiliza mais? Você costuma se posicionar no Facebook? O que significa Fake News? Percebi que eles usam o Facebook mais para compartilhar *memes*, postar e comentar fotos, sendo que 3 alunas disseram que estão acessando agora o Facebook por causa deste trabalho de intervenção, pois precisavam pesquisar. A turma mostrou conhecimento sobre Fake News e disse que não acredita em tudo o que lê nas redes sociais.

Depois deste debate inicial sobre redes sociais/Facebook, expliquei a nossa atividade do dia que seria leitura do texto e posicionamentos e discussão *online* fazendo uso do celular. Postei um texto no perfil da turma sobre um novo tema polêmico “Legalização da maconha” (Anexo 4) e, usando o *Wi-Fi* da escola, os alunos deveriam acessar, ler e comentar o texto. Seria um “debate escrito” em tempo real, onde todos deveriam participar; era a oportunidade para quem não tivesse internet em casa. Acontece que a rede *Wi-Fi* da escola ficava distante da sala e os alunos não conseguiram conexão. Eu acreditava que, devido a tanta preocupação em liberar o *Wi-Fi*, até mesmo para os professores, por parte da diretora, a rede seria disponível para toda a escola, cobrindo toda a área escolar; lida ilusão. Era por mim desconhecido o fato de que a escola, com a municipalização perdeu o acesso à rede, ficando este restrito aos trabalhos administrativos da escola.

Não desisti, tentei rotear a internet do meu celular, mas infelizmente, grande parte dos alunos não conseguiu acessar o texto, pois o mesmo não abria. Salvei o texto em duas extensões: Word e PDF, mas mesmo assim, apenas dois alunos conseguiram. A minha decepção, e a dos alunos também, foi grande, principalmente ao tentar abrir o texto e não conseguir. Os alunos estavam ansiosos e curiosos para saber o tema, porque até então não tinha me referido a ele.

Perdemos muito tempo tentando disponibilizar o *Wi-Fi* da escola para os celulares, o que gerou muita conversa, desânimo e falta de concentração.

Depois de muitas tentativas fracassadas em rotear o sinal da internet, resolvi falar que o tema era “Legalização da maconha” e fazer a discussão oralmente. Percebi que tinham muitas dúvidas: “*A maconha deixa o cara doidão e por isso sai matando todo mundo*”, “*A maconha também serve para fazer remédio?*”, “*Se for liberada todo mundo vai querer usar*”, etc. Não dei nenhuma explicação, apenas deixei as dúvidas no ar e solicitei que tentassem abrir o arquivo em casa. Escrevi o *link* do site que disponibilizava o texto, pedi que buscassem outras fontes e que digitassem essas e outras perguntas no Google para obter respostas e mais informações. O objetivo era que eles buscassem informação na internet, usando-a para fins pedagógicos e refletissem sobre o tema.

Diante destes imprevistos a atividade que estava planejada para ser feita em classe ficou para ser feita em casa.

Reflexão sobre a ação

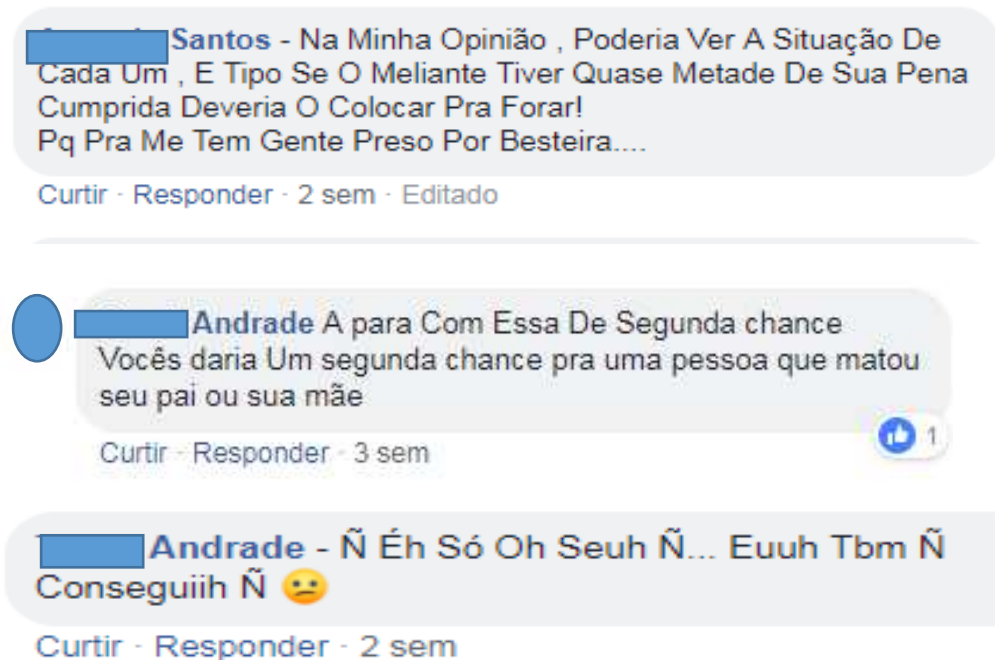
Aliar educação e novas tecnologias é atual, necessário e urgente. Entretanto, percebi que a escola ainda não estava preparada para essa nova realidade. Sabe-se que é função da escola promover práticas escolares que reforcem o papel do aluno, ator de sua formação, e fazer a mediação indispensável entre sociedade e à aprendizagem, mas como? A sociedade e os adolescentes cada dia mais tecnológicos enquanto que a escola ainda caminha a passos lentos no que se refere ao “avanço tecnológico”. Os adolescentes já estão intimamente ligados as redes sociais, porém não estão preparados para essa “nova” escrita que surge com o advento das novas tecnologias. Hoje, além do papel, escreve-se na tela e para escrever na tela, como afirma Ribeiro (2016, p. 166):

[...] é preciso que o produtor do texto saiba operar com os recursos das ferramentas da escritas como, por exemplo, usar a fonte e o tamanho de letra, marcá-las com negrito, itálico ou sublinhado; inserir tabelas. Gráficos imagens, links; organizar o espaçamento das linhas, os parágrafos e configurar o leiaute da página etc. Todas essas mudanças implicam novas maneiras de ler e novas relações com a escrita que precisam ser consideradas e exercitadas nas instituições de ensino.

Nossos alunos sabem escrever na tela do computador, mas de que maneira e como escrevem? Percebi que não estão preparados para essa nova forma de escrever, uma aluna escreveu todas as palavras com letras maiúsculas, outra escreveu todas as palavras colocando a letra H no final, muitos escreviam gírias. Questionei o porquê e eles disseram que é porque “acham bonito”. Ou seja, a escola precisa oportunizar atividades reais com os recursos tecnológicos para que alunos se apropriem das regras também para essa “nova escrita”.

Podemos comprovar essa realidade observando os seguintes fragmentos retirados do perfil da turma no Facebook.

Figura 2: Fragmentos que confirmam o "novo" jeito de escrever dos alunos



Santos - Tipo Eu Só A Favor , Pois A " Maconha " Não É Só Usada Pra Fumar , Ela Também Eh Usada Para O Uso Na Medicinal!
E Ajudar Ela Pode Ser Usada Pra Essas Coisas De Doenças!
Então Ela Não Tem Só Seu Lado Ruim...

Curtir · Responder · 2 sem · Editado

Souzza Esses Que Querem Legalização Da Maconha , São Tudo Maconheiro , Por Que Eu Duvido Um Pai Ou Uma Mãe De Família Quere Que Essa Merda Seja Legalizada Pro Seu Filho Fuma Ao Ar Livre
Me Poupe , Nos Poupe , Dessa Pouca Vergonha.

Curtir · Responder · 1 sem



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/696886244007990/> Acesso em 10/11/2018

Se não é a escola que ensina, quem vai ensinar? É preciso abrir espaços para o uso das novas tecnologias na escola, sem preconceito, a fim de que haja um ligamento entre aprendizagem e tecnologias para que as crianças e adolescentes saibam fazer uso desses recursos aproveitando o melhor que eles podem oferecer para o seu crescimento intelectual e profissional.

Fiquei decepcionada, ao não poder concretizar efetivamente a atividade do jeito que havia planejado, pois tinha deixado tudo acertado com a direção antecipadamente e não fui informada sobre essa limitação o que acabou confirmando um título de livro que era mais ou menos assim “*ALUNOS DIGITAIS, ESCOLA ANALÓGICA*”, uma vez que meus alunos e eu estávamos munidos de instrumentos tecnológicos (celulares e notebook) e a escola que deveria ter, mas não tinha, sinal de internet compatível ao trabalho que seria realizado.

Ficou constatado então, como a escola em que trabalho ainda está longe de colocar em prática o que a BNCC propõe sobre a inserção dos recursos tecnológicos como facilitadores e disseminadores da aprendizagem.

Ao idealizar esta atividade estava muito ansiosa. Sabia que seria a oportunidade para alguns alunos usarem a internet, pois alguns confessaram que não tinham mais internet em casa (essa seria a oportunidade para usá-la). Alguns alunos também não tinham celular, então poderiam usar o do colega para acessar a página do Facebook e colocar a sua contribuição, seu comentário. Seria também a oportunidade que eu teria para observar em tempo real e contribuir para a melhoria

da escrita, do argumento e da construção do comentário argumentativo de cada aluno, onde um pudesse ajudar o outro colaborativamente.

Pude perceber o quanto a internet despertou o interesse dos alunos e o quanto ela foi um valioso recurso para as aulas, na medida em que provocava a curiosidade, despertava o interesse e apresentava inúmeras possibilidades.

No entanto, ao realizar a atividade em casa puderam dispor de um tempo maior para ler e pesquisar sobre o tema e dispuseram de uma certa comodidade para realizar essa atividade.

Para Marzano (2008, p. 57) a tarefa e a prática da lição de casa “proporcionam aos alunos oportunidades de aprofundar seu entendimento e as habilidades relativas ao conteúdo que lhes foram inicialmente apresentadas”.

Com essa atividade de casa pude também observar, através das postagens, quem realmente estava disposto a realizar a tarefa de ler, pesquisar, escrever e postar os comentários no Facebook.

Como exemplo, mostro a postagem da aluna que não tendo conseguido abrir o arquivo do texto indicado por mim, procurou outras fontes e postou no perfil da turma.

Figura 3: Fragmento que comprova a procura de outras fontes de pesquisa pelos alunos participantes





Fonte: <https://www.facebook.com/groups/696886244007990/> Acesso 10/11/2018

Relato da ação

No dia 08/11, comecei a aula transferindo os alunos de sala. Trouxe-os para uma sala onde o sinal *Wi-Fi* da escola era mais forte para tentar colocar em prática a atividade proposta que era fazer um debate em tempo real pelo celular. E mais uma vez decepcionada, o sinal do *Wi-Fi* não conseguiu chegar até os celulares. Tentei novamente rotear a internet do meu celular, mas não deu certo também. Já ciente que isso poderia acontecer, levei os textos do próximo tema a ser trabalhado, xerocopiados.

Então, fizemos os comentários sobre as postagens da atividade anterior oralmente, e pedi que lessem mais textos, em casa, sobre o assunto discutido. Logo após, expliquei que Legalização do porte de armas de fogo (Anexos 5, 6 e 7) seria o último tema a ser discutido e que precisava ter o posicionamento de todos.

Estavam presentes 30 alunos. Iniciei perguntando oralmente a posição de cada um sobre o tema (Legalização do porte de armas de fogo) e também, dessa forma, levantei os conhecimentos prévios. Uma aluna falou que para possuir uma

arma as pessoas deveriam ter uma carteirinha como a de habilitação para dirigir; outro aluno disse que só era a favor do porte de armas para empresários, comerciantes e fazendeiros, para usarem a arma como autodefesa. A partir desses comentários, perguntei se eles sabiam a diferença entre porte e posse de armas. Apenas 2 alunos se manifestaram tentando explicar a diferença. Comecei a ler os textos e a cada parágrafo lido, íamos comentando, explicando e interagindo. Os alunos demonstraram bastante interesse, discutindo e colocando seu ponto de vista.

Devido ao tempo que perdemos tentando instalar o *Wi-Fi* nos celulares, fizemos toda a discussão de forma oral, no entanto, os alunos ficaram responsáveis para ler outros textos disponíveis na internet e postar no perfil da turma seu comentário, como fizeram na aula passada; seria a tarefa para casa, a diferença é que desta vez pedi que eles se manifestassem também em relação ao comentário do colega, concordando, acrescentando ou mesmo discordando da ideia apresentada (Apêndice L). Não esquecendo que, ao escrever, deveriam observar as principais características: linguagem, coesão e relevância do argumento e presença/função dos operadores argumentativos para a construção do comentário.

Reflexão sobre a ação

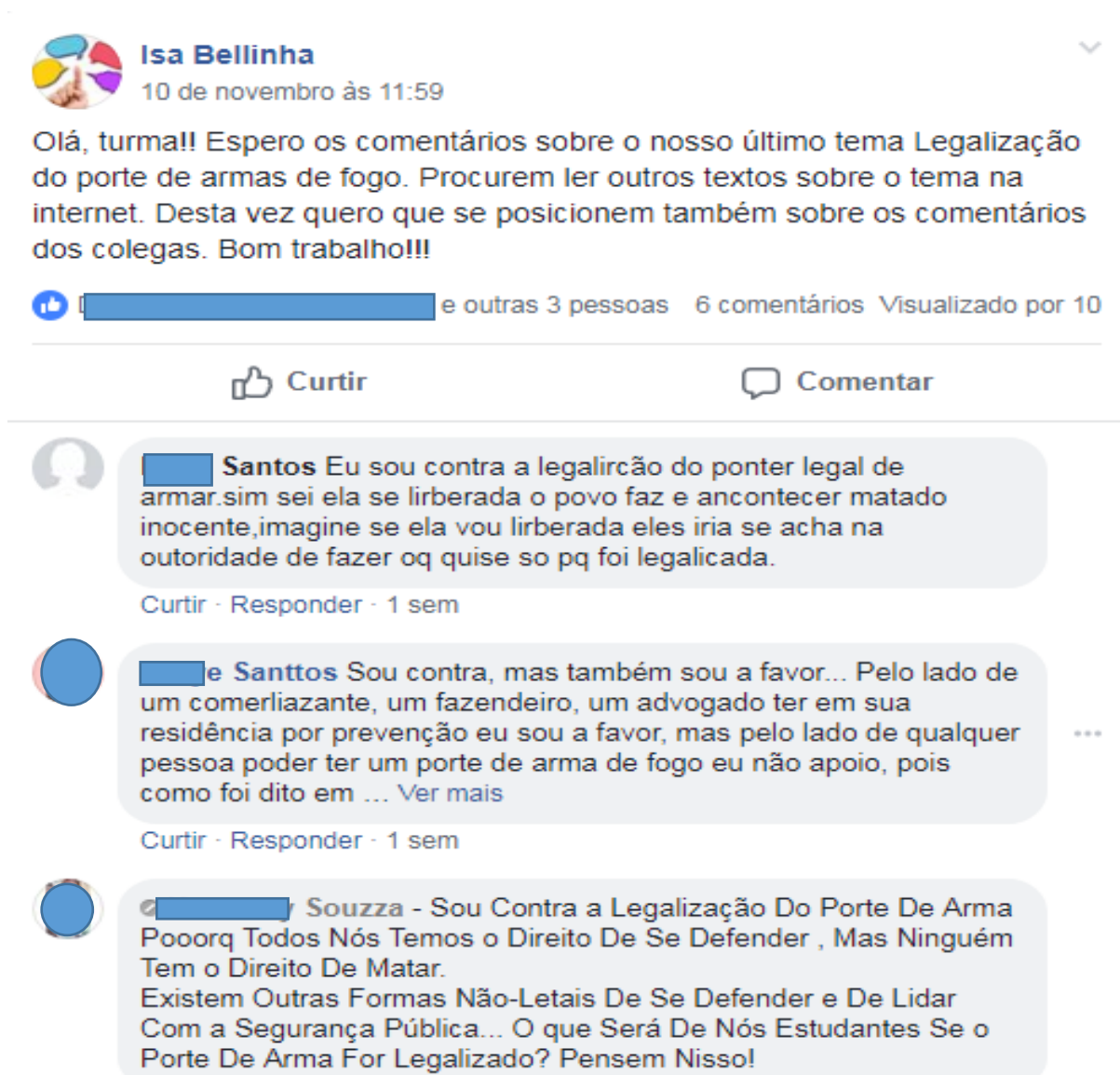
O professor deve estar sempre preparado ao promover atividade com recursos tecnológicos, pois pode, a qualquer momento, se deparar com incorrências como queda de sinal da internet ou mesmo queda de energia, falta de material como cabos, caixa de som, notebook, ausência de interruptor nas salas, etc., enfim é preciso planejar e verificar as possibilidades de execução antes de propor uma atividade com esses recursos. Como já tinha previsto que essa atividade poderia novamente não ser realizada de acordo com o planejamento, levei os textos e tudo correu bem, apesar dos alunos e eu, novamente, ficarmos decepcionados.

Percebi o empenho dos alunos ao tentarem de várias maneiras me ajudar: pegavam o meu notebook e insistiam em inserir a senha do *Wi-Fi* da escola para ver se conseguiam. Alguns perguntavam: “A senha é esta mesmo, professora? ”, “Deve ser com letra *maiúscula*! ”. Tentaram, tentaram, mas não conseguiram. Foi bom perceber o engajamento, união e a preocupação que demonstraram para tentar resolver um problema.

A oralidade foi mais uma vez privilegiada em sala de aula, dar voz e vez ao aluno é sempre oportuno. Líamos e discutíamos os textos, e a atividade escrita ficou para casa. Os alunos teriam que, embasados nas leituras feitas em sala de aula, elaborar, escrever e postar o seu comentário, mas também comentar sobre a postagem do colega.

Algumas postagens da turma no perfil do Facebook:

Figura 4: Fragmentos das produções finais: comentários argumentativos



Isa Bellinha
10 de novembro às 11:59

Olá, turma!! Espero os comentários sobre o nosso último tema Legalização do porte de armas de fogo. Procurem ler outros textos sobre o tema na internet. Desta vez quero que se posicionem também sobre os comentários dos colegas. Bom trabalho!!!

👍 e outras 3 pessoas · 6 comentários · Visualizado por 10

Curtir **Comentar**

Santos Eu sou contra a legalircão do ponter legal de armar.sim sei ela se lirberada o povo faz e ancontecer matado inocente,imagine se ela vou lirberada eles iria se acha na outoridade de fazer oq quise so pq foi legalicada.
Curtir · Responder · 1 sem

e Santtos Sou contra, mas também sou a favor... Pelo lado de um comerliazante, um fazendeiro, um advogado ter em sua residência por prevenção eu sou a favor, mas pelo lado de qualquer pessoa poder ter um porte de arma de fogo eu não apoio, pois como foi dito em ... Ver mais
Curtir · Responder · 1 sem

Souzza - Sou Contra a Legalização Do Porte De Arma Pooorq Todos Nós Temos o Direito De Se Defender , Mas Ninguém Tem o Direito De Matar. Existem Outras Formas Não-Letais De Se Defender e De Lidar Com a Segurança Pública... O que Será De Nós Estudantes Se o Porte De Arma For Legalizado? Pensem Nisso!



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/696886244007990/> Acesso em: 11/11/2018

Pude perceber, que talvez por ser a última atividade e por estar se aproximando a semana de provas finais, a participação no perfil foi pequena em relação às outras postagens. Mesmo assim os que postaram conseguiram comentar, compartilhar e se posicionar em relação a opinião do colega.

Quadro 10: Produção do gênero textual comentário argumentativo no Facebook

ETAPA II – parte II – Produção do gênero textual comentário argumentativo no Facebook	
PERÍODO: 22/11/2018	CARGA HORÁRIA: 2 aulas de 50 minutos
TÍTULO: Avaliação do processo	
COMPETÊNCIAS DISCENTES:	
- Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental, o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. BNCC, 2016, p.9 – competência 7).	

CONTEÚDO CONCEITUAL
- Conhecer o gênero textual comentário argumentativo apresentados no Facebook; - Conhecer os seguintes operadores argumentativos: e, também, ainda, além disso, aliás, porque, que, já que, por causa de, portanto, logo, conseqüentemente, pois, mas, apesar, para, para que, a fim de que. - Conhecer o Facebook e as possibilidades que ele oferece. - Reconhecer o comentário argumentativo do Facebook como um gênero textual. - Reconhecer contra-argumentos; - Reconhecer as características da linguagem dos comentários argumentativos postados no Facebook.
CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS
- Produzir comentários orais e escritos relativos ao projeto considerando o contexto de produção e demonstrando domínio do gênero. - Utilizar na escrita/reescrita de comentários argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido adequadas à forma de composição de textos argumentativo. (BNCC, 2016, p. 143)
CONTEÚDOS ATITUDINAIS
- Habituar-se a ler textos polêmicos; - Saber ouvir; - Respeitar o ponto de vista diverso; - Saber dialogar; - Mostrar-se cooperativo; - Mostrar-se curioso e reflexivo; - Envolver-se nas atividades; - Ser autônomo; - Respeitar normas; - Valorizar e respeitar opinião dos outros; - Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.
METODOLOGIA
1º MOMENTO * Este momento final foi destinado à revisão e uma auto avaliação para que os alunos se posicionassem de forma oral e escrita sobre o seu aprendizado em relação ao gênero estudado. (Apêndice M) JUSTIFICATIVA

Neste momento, a professora, através de uma revisão dos conteúdos trabalhados sobre o gênero textual comentário argumentativo, reforçou conteúdos e esclareceu dúvidas. Objetivando verificar também o grau de aprendizagem da turma a professora oportunizou um momento de auto avaliação.

Relato da ação

Na última etapa do projeto, dia 22 de novembro, pude contar com a presença de 30 alunos. Iniciei a aula com a roda de diálogo, exatamente como no primeiro dia deste trabalho de intervenção: sala em círculo e bate papo inicial sobre os comentários postados no perfil da turma, sobre a importância da argumentação e da leitura para a vida, sobre as possibilidades que a internet oferece, etc., depois abri o espaço para que eles falassem; queria ouvi-los, queria que falassem, comentassem, sugerissem... sobre tudo que aconteceu ou deixou de acontecer no projeto.

A primeira pergunta que uma aluna fez foi: “*O perfil da turma vai continuar, professora?*”. Perguntei o porquê dessa preocupação e ela respondeu que, como eles estariam em escolas diferentes, pois iriam para o Ensino Médio, seria bom ter este espaço para trocar ideias e continuar as discussões com os colegas do 9º ano: “Seria uma maneira de não separar a turma”.

Disse que se fosse do interesse deles poderia continuar sim. A turma concordou que o perfil permanecesse. Outra aluna apontou que aprendeu muito sobre a Legalização do aborto e, que naquele momento que estava vivendo (gravidez não planejada), foi muito importante e fortaleceu ainda mais a opinião que já tinha contra o aborto. Outra disse que o projeto promoveu momentos de discussão muito bons, pois os professores geralmente não abrem espaço para os alunos debaterem por causa da “bagunça”. Um aluno disse que o perfil do Facebook abriu espaço para ele “falar” sobre o que pensava, pois na sala ele não tinha coragem. Uma outra aluna disse que parar para ouvir a opinião do colega e principalmente respeitar a opinião do outro é muito importante.

Após esta discussão oral, pedi que deixassem registrado essas opiniões, através de algumas perguntas xerocopiadas que deveriam responder. (Apêndice M) e que seria referência de avaliação para esta intervenção: o que foi positivo e o que foi negativo.

Após entregarem a atividade respondida, concluímos a intervenção com um lanche coletivo e o meu agradecimento e desejo de sucesso para eles ao iniciarem o Ensino Médio em 2019.

Reflexão sobre a ação

Ao concluir este trabalho de intervenção, fez-se necessária uma avaliação, uma análise para verificar o que deu certo e o que ainda precisava ser melhorado e, para isso, ninguém mais preparado do que os alunos, coparticipantes deste projeto, para analisá-lo e julgá-lo. Então, ao fazer as últimas intervenções em relação à importância da argumentação e de saber escrever um comentário argumentativo, solicitei que falassem e depois escrevessem sobre o que acharam do projeto e se de alguma forma o projeto tinha interferido positivamente na vida deles.

A exposição oral foi bastante positiva, não precisei usar o controlador de conversa, pois eles queriam prestar atenção ao posicionamento do outro e se posicionar também.

Na avaliação que fizeram, (Apêndice M) perguntei se eles se sentiam mais preparados para discutir sobre os temas trabalhados em aula: O resultado foi:

SIM - 22 alunos

NÃO – 3 alunos

NÃO MUITO – 2 alunos

NÃO RESPONDERAM – 3 alunos

Interessante observar que os alunos que responderam NÃO, NÃO MUITO e os que NÃO QUISERAM RESPONDER foram muito ausentes durante a aplicação da intervenção e mesmo quando estiveram presentes não tiveram participação ativa nos debates.

Na pergunta de número 5: Achou interessante a proposta de se posicionar no Facebook? Justifique.

Aluno 1- *“Sim por que foi uma coisa diferente por que nós jovens só acessamos o Facebook para olharmos memes, fotos, jogar... isso foi uma ideia muito boa.”*

Aluno 2- *“Sim porque ajuda as pessoas a não ter medo de da sua opinião.”*

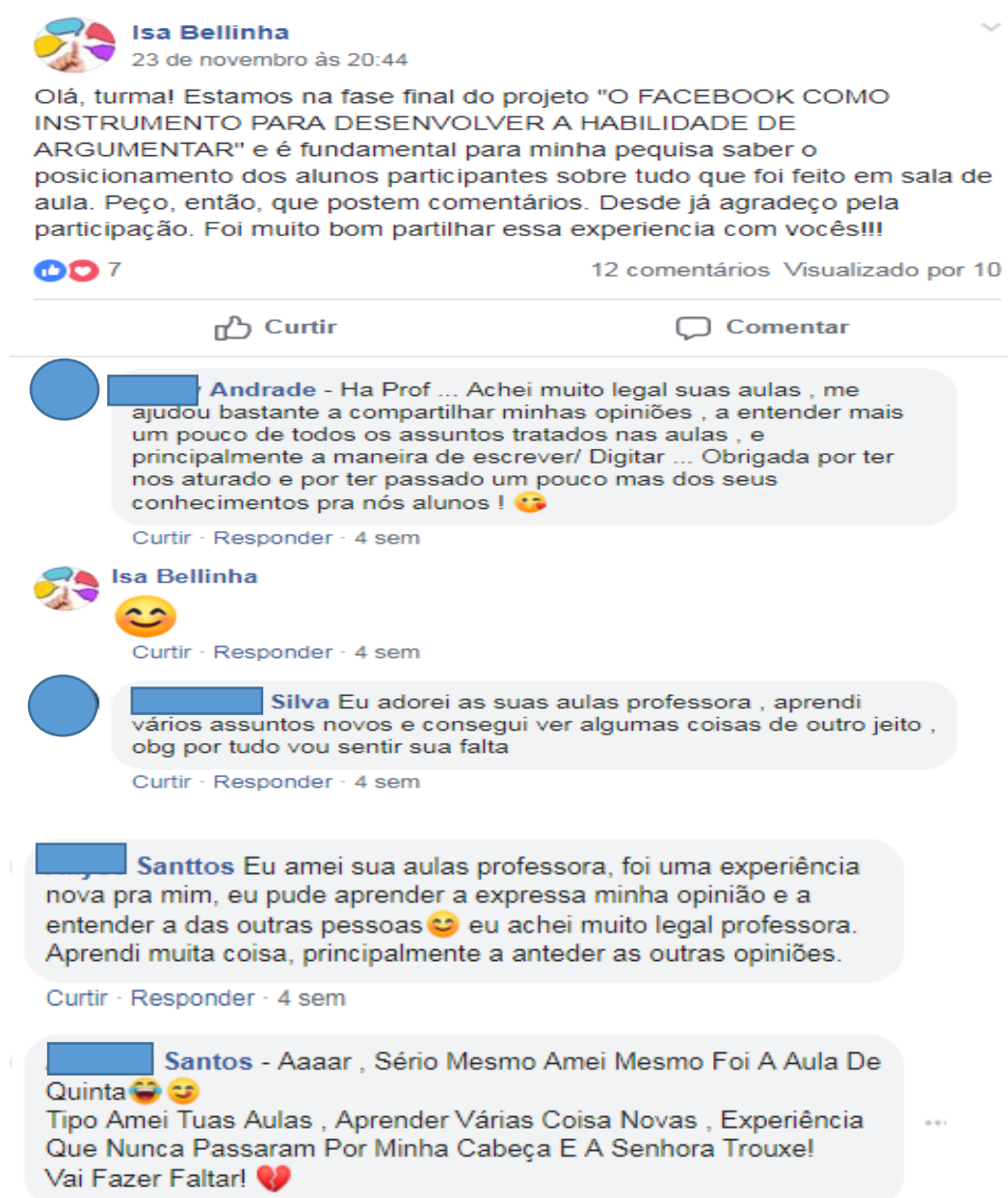
Aluno 3- *“Sim, não entrava no facebook para coisas uteis.”*

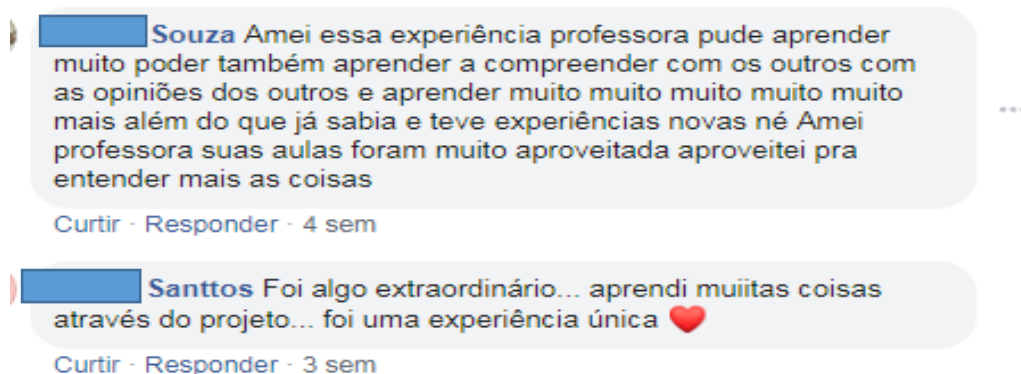
Aluno 4- “Sim, porquê é uma das redes sociais mais usadas e outra por que nós so usamos o facebook para curtir e postar”.

Aluno 5- “Sim, porque deu pra ler melhor curtir e comentar, e não fica lá só olha e deixa.”

As respostas foram muito significativas, pois percebi que eles agora têm um outro olhar para o Facebook, um espaço que era basicamente utilizado para postar e ver fotos, *memes* e jogar, agora era o espaço de/para informação, posicionamentos, autonomia e, principalmente, diálogo. Podemos constatar esta afirmação também nos comentários postados no perfil da turma no Facebook (Apêndice N).

Figura 5: Fragmentos dos comentários feitos pelos alunos participantes sobre o projeto





Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/696886244007990/> Acesso em 24/11/2018

Através da leitura das postagens dos alunos, percebi o amadurecimento e a firmeza nos comentários orais e escritos feitos na sala ou no perfil da turma. Pude avaliar a consciência que a intervenção criou ao mostrar para a turma que o Facebook não é um instrumento apenas para postar e curtir fotos, mas também para muitas outras coisas interessantes como: postar, aprender, criar, interagir, etc., ou seja, o lado educacional e instrucional. E principalmente, esta intervenção colaborou para fazer com que os alunos percebessem a importância da leitura para formar opiniões mais sólidas.

Na última aula fui surpreendida com uma aluna que veio me dizer que o professor de evangelização dela queria saber o que eu fiz para conseguir a atenção dos alunos. Fiquei feliz porque era sinal que ela estava entusiasmada e satisfeita com o trabalho. Respondi que bastava procurar coisas que eram interessantes para os alunos. Foi o que fiz: aliei tecnologia, motivação, temas polêmicos do cotidiano, planejamento com atividades e objetivos possíveis de serem realizados. A ligação entre esses elementos foi o que garantiu o sucesso desta intervenção.

5 ANÁLISE DE DADOS

Nesta proposta de intervenção pedagógica foram utilizados como atividades para coleta de dados e análise de resultados da primeira etapa atividades xerocopiadas produzidas por mim que se baseavam diretamente em questões voltadas para respostas do gênero textual comentário argumentativo, onde pude analisar a força argumentativa, a construção/estrutura dos comentários e a presença dos operadores argumentativos estudados na sala de aula. Na segunda etapa foi utilizado o perfil do Facebook da turma como espaço democrático para leitura, para escrita, onde eles puderam postar os comentários argumentativos, refutar e compartilhar de ideias.

Percebendo o grande interesse da turma em debater, levei para sala de aula temas polêmicos sempre presentes em discussões e conversas do dia a dia com o objetivo de incentivar a pesquisa e desenvolver a argumentatividade dos alunos. Busquei também o instrumento Facebook para dinamizar e inovar as atividades em sala de aula, pois ao saber que utilizariam a internet, o Facebook e o celular nesta intervenção os alunos ficaram muito mais motivados e interessados.

Busquei analisar, metodologicamente, os experimentos de caráter qualitativo com o grupo de alunos do 9º ano. Os alunos foram convidados a responder perguntas orais e escritas e desta forma pude avaliar posturas, opiniões e ideias, que precisavam ser valorizadas, aceitas e também confrontadas, porém não deixando de lado o estudo das características para desenvolver e escrever um bom comentário argumentativo.

Segui o modelo de aprendizagem numa abordagem psicológica construtivista na qual Perraudeau (2009, p. 17) afirma que:

O pensamento apoia-se em estruturas lógicas que o organizam. Elas permitem aprender por interação com o meio e/ou com outra pessoa. O ensino privilegia a realização de atividades em que o aluno será levado a se descentrar para construir respostas novas. O questionamento do adulto busca desestabilizar o novato para fazê-lo tomar consciência de seus procedimentos.

Enquanto modelo de aprendizagem numa abordagem educacional interestruturação, busquei em Perraudeau (2009, p. 20):

O foco na aprendizagem é uma interação aluno-saber (sujeito-objeto). A aprendizagem apoia-se na construção do saber pelo aluno, seja em interação

com seu meio, seja em interação com outrem. O professor organiza a situação. A interação entre pares é um motor da aprendizagem. Métodos construtivos inspirados nos trabalhos de Piaget, de Vygotsky, de Perret-Clermont.

Considerando que uma boa argumentação perpassa por leitura e debate, sempre motivei a turma para a leitura, pesquisa e reflexão, através da interação, do compartilhamento e do posicionamento. Alguns alunos não queriam ler, mas mostravam-se interessados pelo assunto, através da exposição oral e do debate.

Para analisar os dados, fiz uma comparação com os principais problemas apontados no diagnóstico inicial e nas atividades desenvolvidas no projeto.

O primeiro problema diagnosticado foi o não posicionamento nas atividades discursivas da sala, 17 alunos (quase metade da sala) apontaram que só se posicionava às vezes (Gráfico 11)

Pude observar que nas atividades do projeto realizadas em sala de aula, obtive uma excelente participação.

Nas atividades relacionadas ao Facebook, a frequência foi muito pequena, pois o acesso à internet da escola não permitiu que esta atividade fosse realizada em sala e como muitos alunos deixaram de ter acesso à rede em casa não tinham como participar, por isso, a participação foi fraca, embora pode-se observar que alguns alunos tenham participado mais de uma vez na mesma questão.

Como podemos comprovar na tabela abaixo.

Tabela 1: Participação dos alunos nas atividades escritas na sala de aula e no perfil do Facebook

ALUNOS	DATAS								
	ATIVIDADES NA SALA						ATIV NO FACEBOOK		
	20.09	27.09	04.10	11.10	18.10	25.10	02.11	10.11	23.11
ALUNO 1	*	*	*	*	*	*			
ALUNO 2	*	*	*	*	*	*	**		*
ALUNO 3	*	*	*	*	*	*			
ALUNO 4	*	*	*		*	*			
ALUNO 5	*	*	*		*	*	*	***	*
ALUNO 6	*		*		*				
ALUNO 7	*	*	*		*	*			

ALUNO 8	*	*			*	*			
ALUNO 9	*	*	*	*	*		*		
ALUNO 10	*	*	*	*	*	*			
ALUNO 11	*	*	*	*	*	*	****	*	*
ALUNO 12	*			*		*	***	*	*
ALUNO 13	*	*	*		*	*			
ALUNO 14	*	*	*	*	*	*			
ALUNO 15	*	*	*	*	*	*	**	*	
ALUNO 16	*	*	*		*	*	***	*	*
ALUNO 17	*	*	*		*	*	*		*
ALUNO 18	*	*	*		*	*			
ALUNO 19	*		*			*			
ALUNO 20	*	*				*			
ALUNO 21	*	*	*		*	*			
ALUNO 22	*	*	*		*				
ALUNO 23	*	*	*	*	*	*			
ALUNO 24	*	*	*		*	*	*****	**	
ALUNO 25	*	*	*	*	*	*	**	*	*
ALUNO 26	*		*	*	*	*			
ALUNO 27	*	*	*	*	*	*			
ALUNO 28	*	*	*	*	*	*	**	**	*
ALUNO 29	*	*	*	*	*	*			
ALUNO 30	*	*	*	*		*			
ALUNO 31		*	*			*			
ALUNO 32		*			*				
ALUNO 33		*	*		*	*			
ALUNO 34		*			*				
ALUNO 35	*					*			

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Um fato que me causou um pouco de decepção foi que no diagnóstico inicial, 96% dos alunos disseram ter acesso à internet em casa, o que não foi confirmado na realização desta intervenção. Quando questionei esse fato, eles me disseram que mudaram de casa ou simplesmente a mãe não pode mais pagar por esse recurso (Gráfico 5).

Outro fato apontado no diagnóstico e que me chamou muita atenção foi o fato de 16 alunos dizerem que gostam “*mais ou menos*” de ler, enquanto que durante a intervenção, por várias vezes, tive silêncio absoluto no momento da leitura silenciosa, pois grande parte da turma se interessava pelo conteúdo dos textos. Ou seja, quase todos leram os textos. Antes de apresentar os textos e através da promoção do debate, sempre levantava os conhecimentos prévios sobre o tema o que de certa forma motivava-os para a leitura. Queriam saber se a opinião deles estava coerente com as ideias apresentadas nos textos.

Dessa forma pretendi desenvolver a capacidade transformadora advinda da leitura: a leitura traz conhecimento, constrói, reconstrói, transforma e concretiza ideias.

Quanto ao processo de construção/estruturação do gênero comentário argumentativo e uso dos operadores argumentativos, pude observar que, algumas repostas baseavam-se principalmente em apenas um argumento. Como mostro a seguir:

Resultado das atividades discursivas realizadas em sala de aula

Quadro 11: Primeiro tema - Legalização do aborto - 31 alunos participantes

Único argumento	Dois argumentos	Três ou mais argumentos	Não respondeu
23	7	1	-

Quadro 12: Segundo tema - Redução da maioria penal - 16 alunos participantes

Único argumento	Dois argumentos	Três ou mais argumentos	Não sabia ou não quis responder
9	3	-	4

Resultado das atividades discursivas realizadas no perfil do Facebook

Quadro 13: Terceiro tema - Legalização da maconha – 12 alunos participantes

Único argumento	Dois argumentos	Três ou mais argumentos	Não pode ou não quis responder.
4	5	3	23*

Quadro 14: Quarto tema - Legalização do porte de armas de fogo - 7 alunos participantes

Único argumento	Dois argumentos	Três ou mais argumentos	Não pode ou não quis responder.
5	2	-	28

Embora a participação da turma no Facebook tenha sido pequena, uma vez que a atividade deveria ter sido feita em casa e muitos não tinham mais acesso à rede, as atividades foram bem produtivas, pois eles além de colocarem sua opinião, concordaram, discordaram, questionaram e também refletiram sobre a opinião do colega. Vejamos os comentários postados o perfil da turma:

Figura 6: Fragmentos que comprovam a participação quanto aos comentários dos colegas sobre os temas: legalização da maconha, legalização do porte de armas e redução da maioria penal.

- Santos** Eu sou contra a legalircão do ponter legal de armar.sim sei ela se lirberada o povo faz e ancontecer matado inocente,imagine se ela vou lirberada eles iria se acha na outoridade de fazer oq quise so pq foi legalicada.
- Souza** Pois e **Santos** vai ser assim msm concordo com uq vc falou pq muitos vai s achar no direito de matar só pq e legalizada
- Souzza** - Sou Contra a Legalização Do Porte De Arma Pooorq Todos Nós Temos o Direito De Se Defender , Mas Ninguém Tem o Direito De Matar.
Existem Outras Formas Não-Letais De Se Defender e De Lidar Com a Segurança Pública... O que Será De Nós Estudantes Se o Porte De Arma For Legalizado? Pensem Nisso!

Sandes Sou conta, pois se sem legalizar já tá está miséria no Brasil, Filhos matando seus próprios pais, amigo, e entre outros.

Imagine se legalizar?

Mesmo que seja para sua defesa, não vale a pena.

Santtos Boa noite pessoas, eu ainda não tenho uma certeza absoluta que sou a favor da legalização da maconha nem tenho certeza se sou contra, irei pensar um pouco mais sobre o assunto, porém estou mais pro lado contra, por questões da saúde e tal!

Santtos Boa noite gente, professora já tomei minha decisão e eu sou contra a legalização da maconha por conta da saúde e eu concordo com o comentário de **Santos**, porém sabemos que com a legalização o índice de mortalidade por causa da maconha baixaria pois a tal seria vendida em estabelecimentos comerciais e "todos" poderiam ter livre acesso a ela!

Andrade - Acho que construir mais cadeias poderia melhorar esse problema , Pois não concordo com a pena de morte porquê todos merecem segunda chance...Mesmo que o erro seja imperduavel ; deus ã mataria ngm por um erro , então quem somos nós pra fazer isso ! 😊

Curtir · Responder · 3 sem

Vasconcelos **Andrade** concordo,apesar de todos os erros,todos merecem uma segunda chance

Curtir · Responder · 3 sem



Andrade A para Com Essa De Segunda chance Vocês daria Um segunda chance pra uma pessoa que matou seu pai ou sua mãe

Curtir · Responder · 3 sem



Andrade - É complicado isso... Mas se VOCÊ estivesse no lugar dessa pessoa que matou o pai ou a mãe de alguém...Será que você não iria querer uma segunda chance ??

Curtir · Responder · 3 sem

Andrade Se Tivesse realmente a pena de morte eu Faria ciente das consequências

Curtir · Responder · 3 sem



Andrade - Pois Bem !

...

Curtir · Responder · 3 sem

Vasconcelos **Andrade** sinceramente não sei,mas faria aq é certo,e matar n acho certo,mas cada um com sua opinião N sou a favor da morte em si

Curtir · Responder · 3 sem



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/696886244007990/>

Quanto à estrutura do gênero e a apropriação e uso dos operadores argumentativos estudados, pude observar que eles continuaram usando sempre os mesmos: pois, e, porém, porque, mas. No entanto, observei que usavam a vírgula antes do operador com mais frequência e o operador – porque – que antes escreviam separado para dar explicação, agora usavam corretamente - porque.

Ao produzirem os textos do gênero comentário argumentativo mantiveram a estrutura de textos curtos, sem muitas gírias, linguagem simples e sem palavras ofensivas ou com intuito de diminuir o comentário do colega.

Observei também que buscaram outras fontes de leitura além do que era apresentado e discutido na sala de aula, o que para mim foi um grande estímulo, pois

os próprios alunos relataram que usavam o Facebook até então apenas para curtir e comentar fotos, e vê-los usando outros recursos que o Facebook oferece foi muito gratificante, pois ao ressignificar as redes sociais e promover a descoberta, descobri o quanto esse recurso ainda é pouco utilizado para fins educacionais.

Enfim, promover debates, intensificar leituras, possibilitar o uso das novas tecnologias, auxiliou significativamente no aprimoramento do discurso oral e escrito do aluno, além de fazê-lo buscar a informação e tornar-se coautor do seu aprendizado; foi uma experiência muito exitosa e os dados apresentados confirmam o sucesso deste projeto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor uma atividade que envolvia o gênero textual comentário argumentativo e tecnologias, pretendi despertar através da leitura de temas polêmicos a argumentatividade usando como instrumento de postagens e compartilhamento o Facebook. Para alcançar este objetivo, propus atividades que foram desenvolvidas através de etapas previamente planejadas e possíveis de serem realizadas seguindo um modelo construtivista.

Era uma grande angústia quando percebia que meus alunos não respondiam ou respondiam vagamente as questões discursivas nas avaliações, apesar de gostarem de debater, de falar, eles simplesmente não tinham motivação e nem leitura para responder essas questões.

Ao ingressar no PROFLETRAS, vi a possibilidade de intervir de forma inovadora e criativa, criei e apliquei atividades interventivas a fim de melhorar o problema diagnosticado, pois agora teria a possibilidade de estudar, pesquisar, buscar referência teórica, e o apoio de professores para trilharem, junto comigo, esse caminho.

Esta intervenção partiu inicialmente da confirmação, através de uma atividade diagnóstica, da desmotivação ou do pouco interesse pela leitura e da dificuldade que os alunos apresentavam para sustentar um ponto de vista. Resolvi, então, aliar o Facebook ao processo ensino/aprendizagem, sabendo que este instrumento fomentava a curiosidade, possibilitava a descoberta, a autonomia dos jovens, a participação, colaboração e compartilhamento, além de fazer com que o aluno saísse do espaço de quatro paredes da sala de aula, enriqueceu seu conhecimento de forma global, pois nesse espaço dialógico ele fez perguntas, manifestaram seu ponto de vista, fez leituras, assumiu a palavra, confrontou ideias e pensamentos, ou seja foi construtor de seu próprio conhecimento.

Neste espaço que também é pedagógico, as relações entre aluno e professor foram ampliadas, ressignificadas de forma que a ação de um refletiu no fazer do outro, transformado e acelerando a autonomia de aprendizagem que os alunos tanto precisam para conviver nesta sociedade da informação e no convívio social pois, muitas serão as oportunidades que lhes aparecerão para que demonstrem seu conhecimento no gênero textual argumentativo (redações para concursos, entrevistas

de emprego, defesa de acusação, etc.) o que reforça a importância que a competência argumentativa tem para a vida social e prática do aluno.

Ainda é um grande desafio para escolas e professores investirem em projetos que envolvam as novas tecnologias, uma vez que ambos ainda não estão preparados, pois além de não terem conhecimento suficiente para trabalhar pedagogicamente com os vários recursos que as redes sociais disponibilizam, há o preconceito e o medo por parte dos professores. Além disso, as escolas ainda não têm estrutura física para promover projetos que envolvam as novas tecnologias. É preciso preparação e atualização dos professores para enfrentar esses novos desafios do avanço tecnológico e a instrumentalização das escolas para que seja promovida uma educação que atenda as reais necessidades que a sociedade da informação exige.

Pensar, desenvolver e aplicar esta intervenção foi um desafio, e ao mesmo tempo, um aprendizado, pois ao lidar com o Facebook sabia que os alunos me ensinariam muito sobre a utilização deste instrumento, como de fato aconteceu por ser um instrumento mais utilizado por eles do que por mim. O projeto proporcionou uma ligação de afetividade maior entre aluno e professor, o que possibilitou maior liberdade e confiança, aumentando assim, significativamente, a participação nos debates. Um outro ponto positivo foi a participação maior nas respostas das questões discursivas escritas, pois antes do projeto era grande o número dos alunos que não respondiam estas questões (Gráfico 11). Percebi também, que entre estes aprendizados mútuos surgiu o respeito e autoconfiança, pois constatei que na maioria dos casos, mesmo tendo opiniões contrárias eles continuavam sustentando seus argumentos, só que agora respaldados nas leituras e discussões realizadas. Dentre os problemas enfrentados para a aplicação do projeto, posso citar: a baixa conexão da internet oferecida pela escola, a diminuição do número de alunos da turma com acesso à internet em casa (já que alguns justificam mudança de endereço: “casa popular”- projeto do governo), e a desmotivação de alguns alunos em participar dos debates no Facebook, talvez por já ser final de ano letivo.

Enfim, apesar dos já citados obstáculos, pude colocar em prática esta intervenção e perceber o quanto é necessário e atrativo aliar tecnologias e conteúdo, uma vez que trabalhando com os interesses dos alunos é possível realizar um trabalho gratificante e com resultados positivos que evoluem diretamente ensino/aprendizagem.

Foi gratificante ouvir e ler os comentários sobre o projeto: *“Aprendi muito, professora. São coisas que vou levar para o resto da vida”*; *“É muito importante saber o que os outros pensam e dar a nossa opinião”*; *“Usei o Facebook para falar sobre o que penso”*; *“Aprendi a respeitar e ouvir os comentários dos colegas”*. Não tive nenhum comentário negativo sobre o projeto, no entanto percebo que trabalhar com argumentação requer muito mais tempo, deve ser um projeto que vai se construindo diariamente e reforçado constantemente.

Sair do livro didático e trazer temas polêmicos para serem discutidos em sala de aula foi muito importante para dar voz ao aluno. Os debates promovidos dentro da sala e na rede social Facebook foram momentos de diálogo, respeito, autonomia, compartilhamento, críticas, reflexão e muita análise. Foram momentos que garantiram o êxito dessa intervenção e provaram que é preciso inovar, a escola precisa sair das quatro paredes e ganhar o mundo.

7 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: MEC, 2017

CHARLOT, Bernard. É preciso reinventar a escola. In: **Revista Pátio**. Porto Alegre, ano V, nº 18, set/nov 2013. p. 18-21.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COLL, Cesar; POZO, Juan Ignacio; SARABIA, Barnabé; VALLS, Enric. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

COSCARELLI, Carla, V. (org.). Navegar e ler na rota do aprender. In: **Tecnologias para aprender**. 1. Ed. São Paulo: Parábolas Editorial, 2016.

D'ÁVILA, Cristina. Conhecimento compartilhado no espaço colaborativo das comunidades virtuais de aprendizagem. In: **Revista da FAEEBA/Universidade do Estado da Bahia**, Campus I – v.13, n. 22, jul./dez., p.265-273. Salvador. UNEB, 2004.

FERREIRA, Norma. S.de A. Leitura como objeto de investigação. In: **Revista da FAEEBA/Universidade do Estado da Bahia**, Campus I – v.13, n. 21, jan./jun., p.13-21. Salvador. UNEB, 2004.

FERREIRA, Simone.de L; BIANCHETTI, Lucídio. As tecnologias da informação e da comunicação e as possibilidades de interatividade para a educação. In: **Revista da FAEEBA/Universidade do Estado da Bahia**, Campus I – v.13, n. 22, jul./dez., 253-263. Salvador. UNEB, 2004.

FIORIN, José L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2017.

GUERREIRO, Carmen. A atração pelo argumento. In: **Revista Língua: A arte de convencer**. São Paulo, Segmento, ano 5, nº 60, out. 2010. p.42-47

KOCH, Ingedore. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: 4.ed.Cortez, 1996

____ & ELIAS, Vanda. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: ed. 1. Contexto, 2017

LEITÃO, Selma; DAMIANOVIC, Maria C. [Orgs.]. **Argumentação na escola: o conhecimento em construção**. Campinas – SP: Pontes Editores, 2011. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2671590/mod_resource/content/1/7.1.O%20lugar%20da%20argumenta%C3%A7%C3%A3o%20na%20constru%C3%A7%C3%A3o%20do%20conhecimento%20na%20sala%20de%20aula.pdf>. Acesso em 12/01/2018.

LIMA, Ari. Berço da retórica ultrapassa a Grécia. In: **Revista Língua: A arte de convencer**. São Paulo, Segmento, ano 5, nº 60, out. 2010. p.45.

LUCKESI, Cipriano. **A avaliação da aprendizagem**: componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, Luiz A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Daniela. M.B. Identidade-diferença, novas TICs e a cultura dos grupos: os contextos intersticiais como agentes de transformação. In: **Revista da FAEBA/Universidade do Estado da Bahia**, Campus I – v.13, n. 22, jul./dez., p.297-303. Salvador. UNEB, 2004.

MARZANO, Robert J. **O ensino que funciona**: estratégias baseadas em evidências para melhorar o desempenho dos alunos. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MATTA, S.S. da. **Português linguagem e interação**. Curitiba: Bolsa nacional do Livro Ltda. 2009.

NASCIMENTO, Zilpha; NASCIMENTO, Ivo. Família e escola na era digital. In: **Revista do Congresso - Geração Z**. EPB. São Paulo: Escola de Pais do Brasil, 2013, p. 5.

PERRAUDEAU, Michel. **Estratégias de aprendizagem (recurso eletrônico); como acompanhar os alunos na aquisição dos saberes**; tradução Sandra Loguercio; Porto Alegre: Artmed, 2009

PERRENOUD, Philippe. **Desenvolver competências ou ensinar saberes?** A escola que prepara para a vida. Porto Alegre: Penso, 2013

PETITJEAN, André. **Importância e limites da noção de transposição didática para o ensino de francês**. Fórum Linguístico, 5 (2): 83-116, Florianópolis, jul./dez., 2008

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009

RETTORI, Annelisse; GUIMARÃES, Helen. Comunidades virtuais de aprendizagem – CVAs: uma visão do ambiente interativos de aprendizagem. In: **Revista da FAEBA/Universidade do Estado da Bahia**, Campus I – v.13, n. 22, jul./dez., p.305-311. Salvador. UNEB, 2004.

RIBEIRO, Andréia. L. Jogos *online* no ensino-Aprendizagem da leitura e da escrita. In: **Tecnologia para aprender**. Org. Carla V. Coscarelli. 1. Ed. São Paulo: Parábolas Editorial, p. 160-174, 2016.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo [orgs]. **Multiletramentos na Escola**. São Paulo; parábola Editorial, 2012.

RORTY, Richard. Educar é argumentar. In: **Revista Língua**: Educar é argumentar. São Paulo, Segmento, ano 8, nº 88, fev. 2013. p.37-42

SANTOS, Marcos Bispo. **Contra-argumentação e discurso: uma abordagem transdisciplinar**. Fórum Linguístico, Florianópolis, v.14, n 3, p.2233-2255, set.2017.
ISSN 1984-8412. Disponível em:

<<http://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2017v14n3p.2233>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SANTOS, Marcos Bispo. **Epistemologia da prática e desenvolvimento profissional no Mestrado Profissional em Letras**. Revista Solettras, 2018. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/32334/24789>
Acesso em 15/09/2018

SCHLEMMER, Eliane. Prefácio. In: **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, 445 p. ISBN 978-85-7879-283-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acessado em 10/09/2018.

VILICIC, Felipe; LOPES, André. Pela tolerância nas redes sociais. In: **Revista Veja: Retrospectiva 2017 “Tem que manter isso aí, viu?”**. São Paulo, Abril, ed. 2562, ano 50, nº 52, dez. 2017. p.101-103

ZACHARIAS, V. R.de C. Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: **Tecnologia para aprender**. Org. Carla V. Coscarelli. 1. Ed. São Paulo: Parábolas Editorial, 2016.

8 ANEXOS

ANEXO 1 – Argumentos contra e a favor do aborto

Escola _____

Projeto: O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER A
HABILIDADE DE ARGUMENTAR

Mestranda: Marlene Cristina Andrade Souza Falcão

Direito

São muitos os argumentos prós e contras à prática do aborto. Aqueles que são contrários à prática abortiva argumentam que se a vida é o maior bem e se prepondera sobre quaisquer outros não há razão alguma que justifique sua interrupção. Vejamos separadamente os elencos de argumentos que rejeitam e que admitem o aborto:

CONTRA O ABORTO

- Há outros meios para se salvar a vida da gestante. Os avanços da medicina podem possibilitar a garantia de uma gestação próxima da normalidade e salvar a vida de ambos;
- Não é possível ter-se absoluta certeza de que a gestante iria a óbito. Os tratamentos possíveis sugerem que a probabilidade maior é a da sobrevivência da mãe, não o óbito.
- Pode se causar um risco maior à vida da gestante. O aborto, por ser um procedimento contra a natureza, poderá acarretar danos irreversíveis para a mulher;
- A vida da gestante não tem maior valor do que a vida do feto. Na verdade, não há colisão entre direitos, pois se tratam de pessoas distintas;
- Tirar a vida do feto fruto de violência sexual perpetrada contra a mãe não repara o mal causado. O aborto seria um erro para corrigir outro. Cabe ao estado proporcionar assistência psicossocial à mulher que poderá encaminhar a criança para doação, se assim o desejar.



A FAVOR DO ABORTO

- O feto é parte do organismo materno e a mulher tem livre disposição de seu corpo;
- Há no ventre materno apenas protoplasma, que é uma substância indefinida contendo os processos vitais contidos no interior das células. Não pode haver homicídio onde não há vida humana, figurando-se aí um crime impossível;
- Critérios Sociais, Políticos e Econômicos. O aborto justifica-se por razões que porão em risco a vida da humanidade;
- A superpopulação põe em risco a suficiência de alimentos e gera uma crise de fome no mundo;
- Mulheres de baixa renda submetem-se a aborto clandestinamente, arriscando a vida em lugares precários, sem condição de higiene;
- Razões de ordem particular do casal ou da gestante;
- Questões físicas ou psicológicas que advêm, por exemplo, de incesto ou estupro. Lembramos que aqui nestes casos a atual lei penal não pune o aborto;
- Questões de ordem financeira em razão de os responsáveis pelo sustento, normalmente os pais, não terem suficiente recursos para manter o filho que vai nascer principalmente quando já existem outros que também serão prejudicados em suas qualidades de vida;
- Deficiência física ou mental que acometerá o ser vindouro;
- Desinformação acerca dos métodos para evitar a gravidez;
- Falha do método contraceptivo utilizado;
- Comprometimento da saúde mental materna;
- Preservação da saúde física da mãe;
- Danos à reputação da mulher ou à sua condição social quando a gravidez é fruto de relação socialmente reprovada;
- Rejeição de filho advindo de uma gravidez indesejada pelos pais e que será maltratado ou abandonado, sujeitando-se a traumas psíquicos;

Apontamos aqui os argumentos que são costumeiramente mostrados pelos opositores e pelos defensores da legalização do aborto. Abstivemo-nos de tecer comentários acerca de cada um deles que importariam na emissão de opinião pró ou contra, já que não é nosso objetivo no momento.

Texto disponível em:

<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/argumentos-contr-o-aborto-e-a-favor-do-aborto/32043> Acessado em 06/08/2018

ANEXO 2 – Comentários contra e a favor do aborto

Escola _____

Projeto: O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER A
HABILIDADE DE ARGUMENTAR

Mestranda: Marlene Cristina Andrade Souza Falcão

1) O aborto deve ou não deve ser legalizado? Por quê?

Há muitos anos, as nações discutem questões científicas, éticas, morais e religiosas que envolvem o aborto. Ele é legalizado e feito de forma segura em vários países, mas é ilegal e visto como grave crime em outros. Muitas mulheres (de todas as classes sociais e religiões) já interromperam uma gravidez indesejada, com ou sem ajuda médica, com ou sem respaldo legal. Uma das principais discussões é se a legalização do aborto diminuiria uma gravíssima questão de saúde pública: as complicações pós-aborto, que são a terceira causa de morte entre mulheres em idade fértil. O que você acha? Por razões médicas ou por escolha pessoal da mulher, o aborto deve ou não ser legalizado?

Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/lista/o-aborto-deve-ou-nao-deve-ser-legalizado-por-que.jhtm> Acesso em 03/08/2018

Vejamos alguns posicionamentos postados no Facebook: (os nomes dos autores foram trocados para preservar a sua identidade e os textos foram copiados na íntegra)

João - Assassinos... Apoiam o aborto. Método cruel e covarde. É o pior dos assassinatos. Quem aborta deve ser condenado ao descaso. Quem aborta deveria ser excluído da sociedade. Não há perdão para o aborto. Cruéis assassinos.

Maria - Não concordo com a legalização do aborto, e abominável esse tipo de prática, pois a culpa não é de quem está gerando no útero, e sim de quem foi imprudente...

Laura - Em casos de estupro ou risco de vida tudo bem, agora se é ela que não tomou cuidado pra se prevenir e nem quis saber tem mais é que ficar com a criança mesmo, ué

Janete - (Mulheres so abortam pq precisam) só pode ser piada né kkkk, mulher não aborta porque precisa mulher aborta porque é s***** porque tem muitos contraceptivos para mulher e para o homem não usa porque não quer é mais fácil tirar uma vida do que se previne antes dela vim? Gravidez não acontece por acidente a não ser caso de estupro ... Querem legalizar o aborto mas ninguém pensa que não tem nenhum remédio ainda que possa curar AIDS ... E não existe aborto seguro isso é lorota porque se até um parto normal já é perigoso imagina fazer um aborto minha gente para de hipocrisia

Mariana - Fosse bom que toda mulher que tentasse fazer um aborto morresse junto com a criança.

Bruno - A maioria das mulheres que elimina o feto não é de forma provocada. O processo penal do aborto é uma ofensa à mulher ao exigir que a mulher que, normalmente não provocou a perda do feto, a ter de ainda se explicar na delegacia. Espero que vcs nunca fiquem grávidas, percam o feto e precisem de curetagem, mesmo que desejem ter o filho. Porque, se o fizerem, terão de se explicar na polícia com o delegado achando que vcs provocaram o aborto.

Paulo - A vida também é um direito das crianças que não tem chance de se defender dos abortistas.

Disponível em: <https://www.facebook.com/abortoeumdireito> Acessado em 05/08/2018

Regina - Sempre fui a favor da liberdade de escolhas, mas agora mudei, nos casos previstos em lei, como estupro ou incapacidade, tudo bem, mas ter o direito de matar até 14 semanas, não, Eu sentia meu filho, ele estava vivo em mim, o coração batia, A dor foi Horrível acho que jamais vou superar, o Doutor falou ao telefone, Você fez os exames, fizemos o ultrassom, se acalme, está tudo normal, e a dor foi aumentando. Não. Eu sou contra o aborto, use preservativo se não ama ou não quer ter um filho do sujeito, agora arriscou, então não Mate. Imagino até agora, poder, beijar, abraçar meu filho. Hoje fazer o que da vida sem eles.

Catarina - A morte de Ingriane Barbosa Carvalho de Oliveira, 31 anos, por infecção generalizada após recorrer a um abortamento inseguro, em Petrópolis, Rio de Janeiro, expõe a precariedade da vida de mulheres pobres e negras no Brasil.

Ingriane introduziu um talo de mamona no útero para interromper uma gravidez. A jovem foi lembrada ontem (3), na audiência pública que discutiu, no Supremo Tribunal Federal (STF), a descriminalização do aborto até as doze semanas de gestação por livre decisão da mulher.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/FrenteNacionalPelaLegalizacaoDoAborto>

>. Acessado em 05/08/2018.

Mirian – “Algumas pessoas acham que o aborto deve continuar sendo proibido, outras, que deve ser legalizado. Cada um tem seus próprios argumentos para defender sua posição, e dificilmente um lado um dia conseguirá convencer o outro, tornando o consenso algo praticamente impossível de atingirmos. Não que isso represente um problema, pois, na verdade, a opinião pessoal pouco importa quando tratamos dessa questão. E por quê?

Porque as mulheres já abortam, independentemente do que pensemos. Segundo o IAG, Instituto Alan Guttmacher, entidade americana que estuda a questão do aborto no mundo, cerca de 1 milhão de mulheres abortam no Brasil todos os anos. As católicas e as evangélicas abortam; as loiras, as morenas, as afrodescendentes, as pobres, as ricas, as adolescentes, as casadas, as que saem com vários parceiros, as que tiveram apenas uma relação sexual na vida e as que são mães, também. E vão continuar abortando, pois a decisão de interromper uma gravidez é pessoal e envolve várias questões que não podemos controlar”.

Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/.../aborto-um-problema-de-saude.../>>. Acessado em 05/08/2018

Laís - Aborta quem quiser, se você é contra, simplesmente não aborte, ninguém tem o direito de se intrometer na vida de ninguém, cada um sabe o que quer pra si mesmo, não adianta ficar metendo religião ou qualquer coisa no meio dessa discussão, você sendo contra ou não, o aborto sendo legalizado ou não, milhares de mulheres vão continuar abortando. Cuidem da própria vida, talvez se isso acontecesse, teríamos um mundo melhor.

Alessandro - Olha, o indivíduo que está pra nascer não pode ser responsável ao ponto de dar a vida por um erro cometido por uma outra. Quem não quer uma gravidez que evite com os meios contraceptivos já existem (salvo risco da mãe, estupro e criança sem massa encefálica). Não quer põe pra adoção. Se assim não quiser, espere nascer e depois mate ela.

O problema é sempre vamos nos colocar como vítimas...

Luís - Sempre fui contra ao extremo sobre esse tema, mas passei a pensar diferente há pouco tempo. A vida não é minha, a consciencia tbm não, se abortar fará a pessoa mais feliz, que o faça! Quero apenas menos criminalidade nas ruas, menos pobreza, menos mulheres morrendo por fazer este procedimento clandestinamente.

Pedro - Não faz parte da natureza, pelo contrário, provocar um aborto é uma aberração da natureza. Se proteja, se der zebra, assumo ou doe. Matar um inocente indefeso pode parecer uma saída mais fácil, mas é onde deixamos toda nossa humanidade.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/quebrandootabu/posts/algumas-pessoas-acham-que-o-aborto-deve-continuar-sendo-proibido-outras-que-deve/759986547391068/>>. Acesso em 05/08/2018

ANEXO 3 – Argumentos contra e a favor da redução da maioridade penal

Escola _____

Projeto: O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER A
HABILIDADE DE ARGUMENTAR

Mestranda: Marlene Cristina Andrade Souza Falcão

Redução da Maioridade Penal

A polêmica é grande. Quem tem menos de 18 anos deve responder pelos crimes que comete? Deve ser investigado e preso como se fosse um ‘adulto’ condenado pela Justiça?

O crescimento da violência no país e a presença de menores de idade em crimes de homicídio, latrocínio, e de disputas entre gangues ou facções coloca na pauta da sociedade as polêmicas envolvendo o tema da Redução da Maioridade Penal.

Confira abaixo o texto do advogado Felipe Zanotto para não escrever bobagem sobre o assunto. Veja o tratamento jurídico atual no Brasil que envolve a Redução da Maioridade Penal.

O Menor de 18 anos é inimputável para efeitos penais no Brasil. Ou seja, caso cometa algum ilícito, este não é considerado um crime, mas um ato infracional. O adolescente, assim, não é chamado de criminoso, mas considerado menor infrator. É assim que está no Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA.

Nesta condição o menor infrator não cumpre pena, e sim uma medida socioeducativa. Esse teto de ser ‘menor infrator’ até os 18 anos é o que se chama de maioridade penal. Mas, em muitos outros países não é assim. Mesmo crianças de 12 anos e até menos, se cometem crimes onde ocorreu a clara intenção e o planejamento, cumprem penas como se adultos fossem.

O tratamento jurídico do adolescente no Brasil se dá com base no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), enquanto o dos adultos (após os 18 anos de idade) é determinado pelo Código Penal.

Redução da Maioridade Penal no Brasil: avanço ou retrocesso?

Desde o ano de 2015 a discussão acerca da maioridade penal tomou contornos de se tornar uma realidade no Brasil. Com a Proposta de Emenda Constitucional **n. 173/93**, aprovada na Câmara dos Deputados (mas que ainda não foi votada no Senado Federal), há a possibilidade de alteração do artigo 228 da Constituição Federal. A mudança ocorre com a redução da maioridade penal de 18 para 16 anos quando se tratarem de crimes considerados graves, assim **compreendidos** os crimes hediondos, os homicídios, e as lesões corporais seguida de morte.

-Veja o pensamento a favor da Redução da Maioridade Penal

Os defensores da proposta afirmam que as medidas previstas no ECA não possuem força expressiva para intimidar o possível infrator. E, agora, afirmam que a possibilidade do cumprimento de uma efetiva pena traria maior coercitividade e, assim, evitaria a execução do crime.

Outro argumento a favor da mudança seria a grande participação de menores em crimes graves, ante uma impunidade permitida pela lei brasileira, bem como a reincidência desses adolescentes em novos crimes e sem maiores punições.

- Veja os argumentos de quem é contra a Redução da Maioridade Penal

Já aqueles que têm posição contrária à redução da maioridade penal têm como primeiro argumento uma inconstitucionalidade do projeto.

A Constituição Federal, lei maior no Brasil, à qual devem obediência todas as demais normas, afirma que não são passíveis de reformas questões pertinentes a direitos e garantias fundamentais (as chamadas “cláusulas pétreas” ou “imutáveis”). Sustenta essa corrente que a previsão constitucional da inimputabilidade penal para os menores de 18 anos se encaixa na referida vedação, ou seja, a redução da maioridade penal atinge os direitos e garantias fundamentais.

Tal motivo impediria que eventual reforma surtisse efeitos práticos, com a atuação do Supremo Tribunal Federal, órgão responsável por esse controle de constitucionalidade das normas.

Outra posição contrária à Redução da Maioridade afirma que, em realidade, as medidas previstas no ECA são apropriadas e, apesar de se referir apenas ao intuito “socioeducativo” do tratamento dado ao menor infrator, ela possui manifesto caráter penalizador. As penas envolvem a possível segregação do adolescente por até 3

anos ininterruptos até os 21 anos de idade, tempo este superior, inclusive, do que cumprem muitos adultos criminosos.

Em relação à impunidade dos menores infratores, afirmam ainda na posição contrária à Redução da Maioridade de que se trata de mera situação midiática, pois o índice de atos ilícitos praticados por adolescentes é ínfimo quando comparados com ao dos adultos.

Além disso, ponderam que a redução da violência e da reincidência não está vinculada com o encarceramento, mas, pelo contrário, nos últimos anos houve aumento na população carcerária brasileira (3ª maior do mundo) com o aumento da própria reincidência (cerca de 70%).

Disponível em: <https://blogdoenem.com.br/reducao-da-maioridade-penal/> Acessado em 15/08/2018

ANEXO 4 – Argumentos contra e a favor da legalização da maconha

Legalização da Maconha

A Legalização da Maconha é um assunto muito polêmico, existem muitos argumentos contras e muitos a favor. Mas qual será a melhor opção para a nossa sociedade.

Publicado em: Notícias- por Rodolfo Nascimento - mar 11, 2013



Sabemos que o uso da *Cannabis*, mais conhecida como **Maconha**, é grande em todo o mundo, é um mercado, na maioria das vezes ilegal, que gira muito dinheiro. O consumo é feito por pessoas de várias classes sociais e para diversos fins (medicinais, relaxantes, entre outros). O uso da maconha é descriminalizado em alguns países do mundo, podendo assim ser utilizada com algumas restrições de quantidade. Existem também os países que liberam seu uso de forma medicinal, já que a erva possui substâncias relaxantes.

Aqui no Brasil a campanha para a legalização da maconha tem força já a alguns anos, é evidente a presença de muitos usuários e viciados na sociedade brasileiro. Só que os argumentos a favor e contra a legalização são fortes, e a decisão é algo bastante complexo. Existem exemplos de outros países que melhoram, com a legalização, a qualidade de vida da sociedade, porém, sabemos que isso requer uma organização bem melhor o que a que temos aqui no Brasil.

Argumentos A Favor

O principal argumento para os que defendem a utilização e o comércio livre da erva é por ela se tratar de algo natural, sendo assim não ocasionaria danos graves a saúde, ao contrário do cigarro ou do álcool por exemplo. Além desse, existem também:

- 1) A diminuição do tráfico de drogas nas grandes cidades, já que a venda se tornaria um comércio legal, com pagamentos de tributos, e poderia ser vendida em bares, lojas, conveniências, entre outros estabelecimentos.
- 2) A diminuição da utilização de menores e jovens para as vendas através do tráfico.

- 3) O Governo iria passar a investir o dinheiro que utiliza em segurança pública e outros transtornos causados pela proibição do uso da maconha em outros fins. Além de começar a arrecadar impostos sobre a venda do produto.
- 4) Sabemos que o uso da maconha existe em larga escala, a droga é encontrada quase que facilmente por qualquer pessoa que queira comprar, isso seria feito apenas de uma forma não ilegal. Ou seja, seria apenas deixar de ser crime uma coisa que já existe.
- 5) Pesquisas indicam que o índice de dependência do uso da maconha é menor do que o do álcool e do cigarro, dessa forma deixaríamos de ter viciados para ter apenas usuários.
- 6) Pesquisas sobre as propriedades da maconha passariam a ser liberadas, ajudam assim ao desenvolvimento de tratamentos médicos.
- 7) Diminuição da corrupção de policiais, políticos e outras pessoas que se beneficiam com a ilegalidade cobrando taxas para facilitar a venda da maconha.
- 8) Assim como outros produtos, a maconha passaria por um processo de avaliação por órgãos de defesa do consumidor, para que a substância vendida fosse realmente natural e não possuísse misturas.
- 9) A liberação em outros países vem com que o consumo diminuísse, ao contrário do que muitos pensavam.

Argumentos Contra

Apesar de serem vários os argumentos que defendem a legalização, existem também os que são contra, e mostram os seguintes argumentos:

- 1) A maconha é muitas vezes o ponto de partida para outras drogas mais pesadas, como cocaína, heroína e o crack.
- 2) Estudos indicam que a maconha pode causar problemas nos pulmões e perda de memória.
- 3) Como seria feito a fiscalização para que a droga não fosse mais vendida de forma ilegal, tendo em vista que com a legalização o preço aumentaria, devido a impostos e lucro de fabricantes.
- 4) A influência negativa que isso pode trazer na formação familiar pode ser grande, já que muitos são a favor, mas não querer que seu filho use.

Disponível em: <http://www.linkatual.net/legalizacao-maconha.html> Acesso em 30/10/2018

ANEXO 5 – Argumentos contra e a favor da legalização do porte de armas de fogo

Como funciona o porte de armas no Brasil? Por Brenda Licia

O porte de armas no Brasil é regulado através do Estatuto do Desarmamento (Lei nº 10.826/2003), que desde 2005 se faz presente como forma de contribuir para a redução da violência, como relatou o autor do projeto, ex-deputado federal Luiz Eduardo Greenhalgh (PT-SP). Mas antes de adentrarmos no assunto, é necessário estabelecer a diferença entre a posse e o porte de armas. A posse consiste em possuir uma arma de fogo dentro de sua residência ou do seu local de trabalho (nesse caso, é necessário que o indivíduo seja o titular legal do estabelecimento). Enquanto o porte, diz respeito a portar, transportar uma arma de fogo em locais públicos, fora da própria residência ou do estabelecimento comercial. Logo, conclui-se que o direito à posse não necessariamente dá direito ao porte.

A posse é permitida a qualquer cidadão que esteja capacitado, de acordo com os requisitos estabelecidos pelo Estatuto, enquanto o porte é proibido, salvo em casos excepcionais, onde, por exemplo, o requerente apresente à Polícia Federal sua efetiva necessidade seja por exercício de atividade profissional de risco ou por excessivas ameaças à sua integridade física, além de atender as demais exigências do art. 10 da Lei 10.826/2003. A posse é comum a colecionadores, competidores e caçadores.

Então o que é necessário para obter a posse de arma?

Para possuir uma arma de fogo de uso permitido (aquelas que se enquadram no art. 17 do Decreto nº 3.665/2000 – R-105. Ex: Revólver calibre 38 SPL, pistola calibre 380 Auto, espingarda calibre 12), para defesa pessoal, o requerente deverá demonstrar à Polícia Federal que preenche os seguintes requisitos e apresentar os seguintes documentos:

- idade mínima de 25 anos;
- cópias autenticadas do RG, CPF e comprovante de residência;
- elaborar uma declaração por escrito expondo os fatos e circunstâncias que justifiquem o pedido de aquisição de arma de fogo, demonstrando a efetiva necessidade;

- comprovar idoneidade, apresentando certidões negativas criminais fornecidas pela Justiça Federal, Estadual, Militar e Eleitoral;
- comprovar que não está respondendo a inquérito policial ou processo criminal (vide exemplo);
- comprovação de ocupação profissional lícita;
- aptidão psicológica, que deverá ser atestada por psicólogo credenciado pela Polícia Federal (lista de psicólogos credenciados: <http://www.pf.gov.br/servicos-pf/armas/credenciamento-psicologos/psicologos-credenciados>);
- capacidade técnica, que deverá ser atestada por instrutor de tiro credenciado pela Polícia Federal;
- foto 3×4 recente;
- entregar o requerimento de autorização para aquisição de arma de fogo preenchido (disponível no site do DPF – <http://www.pf.gov.br/servicos-pf/armas/form-sinarm>);
- pagar taxa de emissão de certificado de registro de arma de fogo (em média R\$ 60,00), caso seja deferido o pedido.

Caso após a apresentação dos documentos, a Polícia Federal analise e veja que está tudo conforme o exigido na legislação, o indivíduo receberá uma autorização para aquisição da arma. Após isso, ele poderá ir à loja e comprar a arma, mas ainda não terá acesso a ela, pois antes de recebê-la é necessário mostrar a nota fiscal à Polícia Federal para que seja expedido o registro da arma. Com o registro em mãos, o requerente poderá ir ao estabelecimento receber a arma que terá prazo de cinco anos. O processo dura em média 30 dias.

Quais são as penas para quem apresenta posse ou porte de arma ilegal?

A posse ilegal de armas acarreta sanção de um a três anos para o infringente, além de multa que precisa ser paga como parte da pena. Em relação ao porte de arma sem a devida permissão, não é possível pagar fiança, logo é gerado uma pena de reclusão (obrigatoriamente em regime fechado) de dois a quatro anos de prisão e multa.

10 motivos para ser a favor do livre comércio de armas

1- O cidadão tem o direito de poder se proteger. A autodefesa é um direito instintivo do ser humano e o Estado não pode permitir que o cidadão se defenda sem ter os mesmo recursos dos bandidos.

2- O cidadão já paga caro nos seus impostos, mas o governo não provê segurança. Imagine um fazendeiro tendo sua propriedade invadida por dois pistoleiros. Você acha que se ele chamar a polícia ela vai chegar antes dos pistoleiros o matarem?

3- O que mata não são as armas, são as pessoas. Uma arma sozinha é inofensiva sozinha. Agora, um bandido até com uma lápis é algo perigoso. Logo, a preocupação do Estado não deve ser coibir a venda de armas, mas sim a prisão dos marginais.

4- O Estado não deve desarmar os cidadãos de bem. O Estado deve desarmar os bandidos. Desarmar o cidadão de bem apenas faz dele um alvo mais inerme aos ataques dos marginais.

5- O direito de propriedade não deve ser restringido sem resistência. O Estado não pode se acostumar com em tomar nosso direito a vida, à legítima defesa e à propriedade.

6- Já existe uma tremenda regulamentação para se ter o porte de armas no Brasil. O problema do Brasil é o armamento ilegal que cai nas mãos dos bandidos. Logo, não deve ser as armas legais que devem preocupar o Estado.

7- Bandido não compra arma na loja. Aliás, qualquer um consegue arma e munição no mercado negro. Tirar o direito do cidadão se defender é uma hipocrisia.

8- Experiências internacionais mostram que a proibição do comércio de armas não reduz a violência, como pudemos ver no Canadá, Inglaterra e Austrália. Desde a proibição os crimes aumentaram 35% na Inglaterra e não houve aumento ou queda alguma no Canadá.

9- O comércio de armas movimenta mais de 15 milhões de reais no Brasil, empregando milhares de pais de família honestos no nosso país. Acabar com esse comércio acabaria por gerar desemprego formal e aumento do comércio no mercado negro de armas, onde apenas os bandidos seriam beneficiados.

10- O Brasil já conta com o sistema da Polícia Federal e do Exército para controlar as armas no Brasil. Já temos uma enorme burocracia e um imposto enorme na venda de armas. A violência no Brasil não ocorre por causa das armas, mas por causa da impunidade e da falta de policiamento e investimento na educação.

10 motivos para ser contra o comércio de armas de fogo

1– Arma é morte. A chance de morrer num ataque com uma arma é de 75%. Tentativas de suicídio chegam a 85% de efetividade.

Ninguém pode se achar no direito de dar uma de Charles Bronson contra os marginais. Para poder usar uma arma com responsabilidade o cidadão precisa de um treinamento que só um policial pode ter.

2- O cidadão não pode tomar para si uma tarefa que é do Estado. A segurança do cidadão é exclusividade do Estado, não podendo os civis criarem milícias ou quaisquer outros tipos de forças paramilitares.

3- Dar armas para a população é um desastre, uma vez que nossos cidadãos de bem são amadores no manuseio das armas e os bandidos são profissionais. Logo, o Estado deve proteger o cidadão de sua própria imprudências.

4- Existem cerca de 17 milhões de armas no Brasil que se chegarem ao poder de bandidos se tornarão perigosíssimas. Cada bandido com uma arma traz perigo real a sociedade e o Estado deve mitigar esse risco.

5- Com a proibição da venda de armas, pequenos assaltantes acabarão não podendo mais ter acesso às armas, pois o mercado negro será inflacionado com a escassez de armas. Logo, criminosos vão passar a atuar em crimes que tragam menos perigo as vidas dos cidadãos.

6- Ter uma arma em casa aumenta o risco de acidentes fatais. No Brasil, duas crianças são feridas todos os dias graças ao acesso às armas dos pais. Fora que muitas crianças acabam trazendo a arma do pai para a escola.

7- O mercado legal abastece o mercado ilegal de armas. Logo, com a proibição, a venda de armas passaria a ser um negócio com mais adversidades.

8- A arma transforma qualquer cidadão de bem num criminoso em potencial. Muitos são os casos de mortes em casas noturnas e bailes devido a vingança somada ao acesso a armas de fogo. Graças as armas, o risco de uma mulher morrer dentro de casa pelo marido é maior do que ela ser assassinada fora de casa. As armas potencializam a violência doméstica e causam mortes no trânsito.

9- Na Austrália, 5 anos após o desarmamento aprovado pelo partido liberal (partido conservador da Austrália), a taxa de homicídios caiu 50%. Austrália, Inglaterra e Japão, países onde as armas foram proibidas, são os países onde menos se mata com armas de fogo. Enquanto os EUA, onde as armas são compradas em qualquer esquina, é o oitavo país onde mais se mata.

10- Tirar as armas da população é fundamental para impedir que o povo se levante em movimentos sectários, como aconteceu na Iugoslávia, onde ortodoxos e islâmicos se armaram para exterminar uns aos outros. O povo armado pode criar instabilidade ao país e abalar o funcionamento do Estado Democrático de Direito.

Enfim, a tendência é que o homem armado sempre tente se impor pela força aos demais. Coibindo o acesso às armas, o Estado impede que a lei do mais forte impere na sociedade.

Fonte: Comitepaz e Movimento Viva Brasil

Disponível em: <https://acidblacknerd.wordpress.com/2013/05/02/proibicao-do-porte-e-comercio-de-armas-10-motivos-para-ser-contrario-10-motivos-para-ser-a-favor-2/>

Acesso em 05/11/2018

9 APÊNDICE

APÊNDICE A - Questionário I – Socioeconômico

QUESTIONÁRIO I – SOCIOECONÔMICO

01- Idade: _____

02- Gênero:

M () F ()

03- Com quem você mora?

() Com seus pais () Só com seu pai

() Só com sua mãe () Com seus avós

() Outros. Especificar

04- Como define a sua cor?

() Branco () Negro () Pardo () Índio () Amarelo

05- Você está repetindo este ano/série?

() Sim () Não

06- Você trabalha?

() Sim () Não

07 – Qual o nível de escolaridade de seus pais ou responsáveis?

A () Ensino Fundamental I () Completo () Incompleto

B () Ensino Fundamental II () Completo () Incompleto

C () Ensino Médio () Completo () Incompleto

D () Superior (Universidade) () Completo () Incompleto

E () Analfabeto(s)

08- Seus pais trabalham? O que fazem? Escreva na linha ao lado.

Pai () Sim () Não Profissão _____

Mãe () Sim () Não Profissão _____

09 - Sua residência é:

() Própria

() Alugada

() Mora na casa de parentes

10 – Na sua casa tem:

() Televisão

() Telefone fixo

() Computador

() Tablet

() Livros

11- Você tem telefone celular?

() Sim

() Não

12 – Você tem acesso à internet?

() Sim Onde? _____

() Não

13- Como você costuma obter informações sobre temas que geram polêmicas?

Através de:

() Internet (redes sociais) () Revistas

() Televisão () Com amigos

() Jornais () Rádio

Nome _____

APÊNDICE B - Questionário II - Psicopedagógico

QUESTIONÁRIO II - PSICOPEDAGÓGICO

01 – Você gosta de ler?

() Sim () Não () Mais ou menos () Tenho dificuldades

02 – O que gosta de ler nas horas vagas? Pode assinalar mais de uma alternativa.

() Livros

() Revistas

() Jornais

() Sites de pesquisa

() Sites de relacionamentos (Facebook, Orkut, Blog, Instagram, WhatsApp, etc)

() Anúncios de produtos

() Histórias em quadrinhos

() Outros _____

03– Você tem mais facilidade para expor seu ponto de vista através:

() Da fala () Da escrita

04– Você costuma tirar dúvidas na sala durante as aulas?

() Sempre () Nunca () Às vezes

05- Nas atividades extraclases você conta com a ajuda de alguém?

() Sempre () Nunca () Às vezes

06- Você costuma ser convincente?

() Sempre () Nunca () Às vezes

07 – Como você age quando alguém discorda de você?

() Aceita () Tenta impor seu ponto de vista

08- Com que frequência você lê mensagens postadas nas redes sociais?

(☐) Sempre (☐) Às vezes (☐) Nunca

09- Com que frequência você costuma se posicionar de forma escrita diante de comentários postados nas redes sociais?

(☐) Sempre (☐) Às vezes (☐) Nunca

10- Você sabe o que é um texto argumentativo?

(☐) Sim (☐) Não

11- Você costuma argumentar nas questões dos exercícios em que o professor pede sua opinião?

(☐) Sempre (☐) Às vezes (☐) Nunca

12- Você tem dificuldades para entender aquilo que lê?

(☐) Sempre (☐) Às vezes (☐) Nunca

Nome _____

APÊNDICE C - Atividade Diagnóstica 1

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA – 1

1- Diante de todas as informações que estão sendo veiculadas nos meios de comunicação sobre a reforma do Ensino Médio, registre o que você sabe sobre o assunto.

Aluno (a) _____

APÊNDICE D - ATIVIDADE DIAGNÓSTICA 2

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA - 2

Leia os textos e depois responda as questões:

Novo Ensino Médio

Apresentada pelo presidente **Michel Temer** no dia 22 de setembro, a MP do Ensino Médio flexibiliza os currículos e amplia progressivamente a jornada escolar. A reformulação da etapa já estava em discussão no Congresso Nacional no Projeto de Lei 6480/2013, e agora volta em formato de MP, com o prazo de 120 dias para ser votada.

A MP prevê a flexibilização do ensino médio. Português e matemática serão os dois únicos componentes curriculares obrigatórios nos três anos do ensino médio. Os demais componentes curriculares que deverão ser ensinados no período obrigatoriamente serão definidos na Base Nacional Comum Curricular, que começou a ser discutida este mês e deverá ser definida até meados do ano que vem, segundo o Ministério da Educação.

De acordo com a MP, cerca de 1,2 mil horas, metade do tempo total do ensino médio, serão destinadas ao conteúdo obrigatório definido pela Base. No restante da formação, os alunos poderão escolher seguir cinco trajetórias: linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas – modelo usado também na divisão das provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) – e formação técnica e profissional. A medida também amplia gradualmente a carga horária do ensino médio para 7h por dia ou 1,4 mil horas por ano.

Em consulta pública no site do Senado Federal, até sexta-feira (14), 3.183 haviam se manifestado a favor e 66.884 contra a MP.

Comentários a favor:

1- Cleverson Lino Batista, professor de filosofia, ética e sociologia do ensino médio no Colégio São Pedro do Vaticano e do ensino fundamental na Rede Colegium, ambas escolas particulares em Belo Horizonte, diz que a MP é positiva ao trazer o ensino técnico ao ensino médio. “É muito importante, principalmente para os mais pobres. É uma oportunidade de inserção no mercado de trabalho”. Para ele, outro ponto positivo é a possibilidade do estudante escolher a trajetória de ensino.

“A MP é uma tentativa importante [de melhorar o ensino médio]. Atualmente, ela não dá perspectiva para muita gente que não vai fazer o vestibular. Não tem essa possibilidade de encarar, dentro do ensino médio, a especificidade de cada emprego, de cada mercado de trabalho e profissão. Com o ensino técnico, o estudante pode ter essa oportunidade de lidar com a profissão”, defende.

Sobre a possibilidade de sociologia, filosofia, artes e educação física deixarem o currículo obrigatório do ensino médio, o professor diz que não acredita que isso ocorra. Pela MP, os componentes curriculares obrigatórios, além de português e matemática, serão todos definidos na Base Nacional Comum Curricular, atualmente

em discussão. “Eu creio que esses conteúdos dificilmente deixarão de compor o ensino médio. Pelo que acompanhei da Base, as disciplinas estarão contempladas”, diz.

2- O professor de filosofia Djalma Silveira, da Escola Estadual José Barbosa Rodrigues, em Campo Grande, defende que o ensino médio necessita de reforma. “Precisa de reforma urgente. Do jeito que está eu tenho 50 minutos de aula com cada turma, quando eu consigo deixar a sala preparada, já perdi 25 minutos. O currículo do ensino médio está sobrecarregado. O professor não tem tempo para fazer o que precisa”, diz.

Segundo ele, modelos semelhantes existem em outros países. Ele diz que concorda com a proposta de reforma, mas que é necessário discutir mais.

“Sobre o ensino técnico, é preciso levantar o que o país quer. Temos um Estado que mais atrapalha do que ajuda quando se quer abrir uma empresa, investir, criar renda. O estudante sai do ensino médio com sonho de emprego e no final não tem. Sou a favor do ensino técnico, mas é preciso discutir que país se quer para que a escola acompanhe”, defende.

Comentários contra:

1- Para a professora do Colégio Estadual do Paraná, em Curitiba, Elisane Fank, a proposta poderá levar a uma precarização do ensino, com a ênfase maior em uma formação tecnicista em oposição a uma formação crítica dos estudantes.

No Paraná, professores decidiram entrar em greve e estudantes ocupam mais de 300 escolas – de acordo com Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública no Paraná – em protesto contra a MP e contra a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que restringe os gastos da União (PEC 241), entre outras medidas nacionais e estaduais. Os professores também pedem melhores condições de trabalho.

“Recebemos a MP como uma forma bastante autoritária. Estávamos participando dos debates do projeto de lei da reforma. Não havia consenso sobre a reforma do ensino médio, mas havia debate. Os professores, por meio dos sindicatos e escolas, estavam se posicionando. Esse debate foi totalmente interrompido”, diz.

Segundo ela, os professores propunham a reorganização da grade curricular, de forma que as disciplinas não fossem ensinadas em tempos específicos, mas que houvesse maior fluidez dos conteúdos. A professora afirma que a educação integral, da forma como está proposta, compreende apenas a extensão do tempo e aumento da carga de português e matemática visando a melhoria nos índices educacionais. “A formação humana tem que pautar o tempo do aluno e não o índice do Enem [Exame Nacional do Ensino Médio]”, defende.

2- O professor de filosofia e sociologia, Osmar Antônio Schroh, do Colégio Estadual José de Anchieta, em União da Vitória (PR), é contrário à proposta. Segundo ele, falta estrutura às escolas para que o ensino ganhe mais qualidade. Ele diz que é a favor do ensino médio integral, mas que é preciso infraestrutura. “Sempre fomos a favor de ensino integral, mas a escola precisa estar preparada para isso. Quando se fala em educação – como a da Finlândia – precisamos de investimento, de preparação. Não temos escolas preparadas para isso”, argumenta.

Segundo ele, falta estrutura para estudantes e professores. É necessária formação para os profissionais, tecnologias que ajudem a trazer a prática para dentro da **escola** e o interesse nos estudos. Além disso, o professor diz que faltam condições de trabalho, por exemplo, tempo para que os docentes preparem as aulas e corrijam

as provas, o que, de acordo com ele, embora garantido por lei (Lei do Piso), na prática isso acaba sendo feito em casa e nos fins de semana.

“Não podemos pensar o ensino médio como profissionalização para mão de obra barata e nem como algo que prepara só para o vestibular. Tem que ter conotação de preparar o cidadão para que tenha autonomia e possa decidir o que quer”, diz.

Fonte -<https://exame.abril.com.br/brasil/4-opinioes-sobre-o-novo-ensino-medio-para-voce-formar-a-sua/> Acessado em 19/11/2017, às 13h

1- Com base na leitura do primeiro texto e nos comentários, o que você pensa sobre a reforma do Ensino Médio?

2- Do ponto de vista argumentativo, qual dos comentários postados lhe chamou mais a atenção? Por quê?

APÊNDICE E – Atividade sobre a legalização do aborto

Escola _____

Projeto: **O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER A
HABILIDADE DE ARGUMENTAR**

Mestranda: Marlene Cristina Andrade Souza Falcão

Aluno (a) _____

Ano/Série 9º Ano A Data ____/____/ 2018

Para início de conversa...

Você é a favor ou contra a legalização do aborto no Brasil?

☐ Sou a favor☐ Sou contra

Porque _____

APÊNDICE F – Atividade para levantar os conhecimentos prévios sobre a
legalização do aborto

Escola _____

Projeto: **O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER A
HABILIDADE DE ARGUMENTAR**

Mestranda: Marlene Cristina Andrade Souza Falcão

Aluno (a) _____

Ano/Série 9º Ano A Data ____/ ____/ 2018

Depois da discussão e das leituras sobre a Legalização do aborto, responda:

1- Você acha que este tema é um tema polêmico? Por quê?

2- Você já tinha lido/ouvido alguma informação sobre esse tema? Onde?

3- O texto apresentou alguma informação nova para você? Qual (is)?

Algum (ns) argumento (s) do texto fez você mudar de opinião? Qual (ais)?

Com que objetivo esse texto foi escrito?

Para quem esse texto foi escrito?

Sua colaboração é muito importante!!!

APÊNDICE G – Atividade sobre o gênero textual comentário argumentativo

Escola _____

Projeto: O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER A
HABILIDADE DE ARGUMENTAR

Mestranda: Marlene Cristina Andrade Souza Falcão

Aluno (a) _____

Data ____ / ____ /2018 Ano/Turma 9º ano A

Responda:

1- Você conhece o gênero textual comentário?

2- Onde esse gênero textual costuma aparecer?

3- Qual a função social deste gênero?

4- Você costuma escrever este gênero textual? Onde?

5- Você acha importante se posicionar? Por quê?

6- Você sabe o que é argumentar?

7- Você concorda com algum comentário apresentado? Justifique.

8- Como a linguagem se apresenta? Mais formal ou informal?

APÊNDICE H – Atividade sobre a redução da maioridade penal

Escola _____

Projeto: **O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER A
HABILIDADE DE ARGUMENTAR**

Mestranda: Marlene Cristina Andrade Souza Falcão

Aluno (a) _____

Ano/Série 9º Ano A Data ____/ ____/ 2018

Você é a favor ou contra a redução da maioridade penal para 16 anos?

☐ Sou a favor☐ Sou contraPorque _____

APÊNDICE I – Cartazes utilizados para aula sobre operadores argumentativos

CARTAZES PARA AULA EXPLICATIVA

*Comentários retirados de algumas atividades dos alunos.

1-

“O adolescente de 16 anos não tem noção do que vem como consequência, _____

2-

*“Hoje em dia o jovem tem que pagar pelos seus erros
_____ já tem consciência do que está fazendo. ”*

3-

*“Aos 16 anos não podemos dirigir, _____ podemos votar!
Acho injusto, _____ se somos incapazes para algumas
coisas, somos incapazes também para ser presos. ”*

4-

*“Acho que com 16 anos ainda são adolescentes e nem todos sabem
porque erram, _____ não acho justo serem presos. ”*

5-

*“Se uma criança de 14 anos está matando, não pode deixar ela solta
causando mais problemas, _____ quanto mais cedo ela
for presa, melhor. _____ evita mais problemas. ”*

APÊNDICE J – Atividade sobre operadores argumentativos

Escola _____

Projeto: **O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER A
HABILIDADE DE ARGUMENTAR**

Mestranda: Marlene Cristina Andrade Souza Falcão

Aluno (a) _____

Ano/Série 9º Ano A Data ____/____/ 2018

ATIVIDADE

1- Ao ler os seguintes comentários argumentativos você perceberá que falta um elo de ligação entre as orações. Sua tarefa agora é estabelecer esse elo de ligação; para isso você deverá acrescentar um dos seguintes operadores argumentativos estabelecendo assim, a relação entre as orações:

Soma de ideias – e, também, ainda, além disso, aliás;**Explicação – porque, que, já que, por causa de;****Conclusão – portanto, logo, conseqüentemente, pois;****Contrariedade – mas;****Ressalva – apesar;****Finalidade – para, para que, a fim de que**

a- O feto é parte do organismo materno _____ a mulher tem livre disposição de seu corpo.

b- Há no ventre materno apenas protoplasma, que é uma substância indefinida contendo processos vitais contidos no interior das células, _____ não pode haver homicídio onde não há vida humana.

c- A superpopulação põe em risco a suficiência de alimentos _____ gera uma crise de fome no mundo.

d- Não é possível ter-se absoluta certeza de que a gestante iria a óbito _____ os tratamentos possíveis sugerem que a probabilidade maior é a da sobrevivência da mãe.

e- Menores infratores chegam aos 18 anos sem ser considerados reincidentes, _____ não podem ser condenados como os adultos, os menores infratores ficam com a ficha limpa quando atingem a maioridade, o que é visto como uma falha do sistema.

f- Além disso, ponderam que a redução da violência e da reincidência não está vinculada com o encarceramento, _____, pelo contrário, nos últimos anos houve aumento na população carcerária brasileira (3ª maior do mundo) com o aumento da própria reincidência (cerca de 70%).

g- Outra posição contrária à Redução da Maioridade afirma _____, em realidade, as medidas previstas no ECA são apropriadas e, apesar de se referir apenas ao intuito “socioeducativo” do tratamento dado ao menor infrator, ela possui manifesto caráter penalizador. As penas envolvem a possível segregação do adolescente por até 3 anos ininterruptos até os 21 anos de idade, tempo este superior, inclusive, do que cumprem muitos adultos criminosos.

h- Tem muitos contraceptivos para mulher e para o homem, não usa _____ não quer. É mais fácil tirar uma vida do que se prevenir antes dela vir?

i- Não concordo com a legalização do aborto ,é abominável esse tipo de prática, _____ a culpa não é de quem está gerando no útero, e sim de quem foi imprudente.

j- A redução da maioridade penal diminuiria o aliciamento de menores para o tráfico de drogas. Hoje em dia, como são inimputáveis, os menores são atraídos para o mundo do tráfico _____ fazer serviços _____ cometer delitos a partir do comando de criminosos. Sem a maioridade penal, o aliciamento de menores perde o sentido.

k- Porque a maior parte da população é a favor. O Datafolha divulgou recentemente pesquisa em que 87% dos entrevistados afirmaram ser a favor da redução da maioridade penal. _____ de que a visão da maioria não é necessariamente a visão correta, é sempre importante considerar a opinião popular em temas que afetam o cotidiano

APÊNDICE K – Atividade para levantamento dos conhecimentos prévios sobre
Facebook

Escola _____

Projeto: **O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER A
HABILIDADE DE ARGUMENTAR**

Mestranda: Marlene Cristina Andrade Souza Falcão

Aluno (a) _____

Ano/Série 9º Ano A Data ____/ ____/ 2018

1- Você costuma acessar o Facebook com qual motivo?

2- Com qual regularidade você acessa o Facebook?

3- Conhece alguns recursos que o Facebook oferece? Cite alguns.

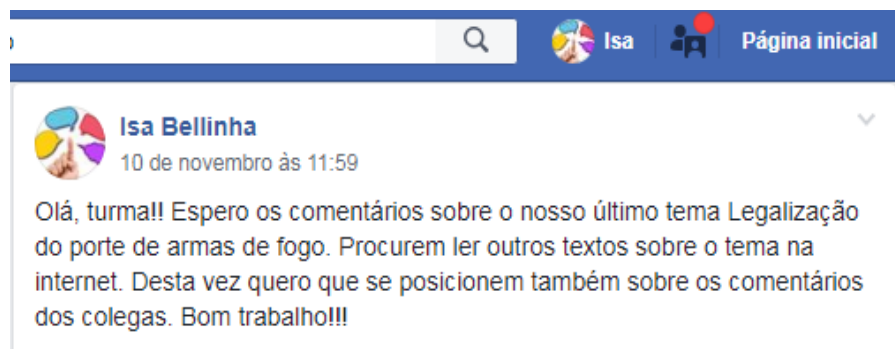
4- Você costuma se posicionar no Facebook?

5- O que significa *Fake News*?

6- Costuma acreditar em tudo que é postado no Facebook? Justifique.

APÊNDICE L – Atividade para postagem dos comentários argumentativos no Facebook

Publicizando comentários argumentativos sobre a Legalização do porte de armas de fogo.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/696886244007990/> Acesso em 10/11/2018

APÊNDICE M – Avaliação do projeto

Escola _____

Projeto: **O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER A HABILIDADE DE ARGUMENTAR**

Mestranda: Marlene Cristina Andrade Souza Falcão

Aluno (a) _____

Ano/Série 9º Ano A Data ____/ ____/ 2018

AVALIANDO O PROJETO

1- As ideias, os textos, os posicionamentos discutidos neste projeto fizeram você pensar diferente/mudar de ideia sobre algum tema?

2- Para você o que foi mais interessante e o que foi menos interessante neste projeto?

3- Depois do projeto você se sente mais preparado (a) para discutir sobre os temas trabalhados em aula? Comente.

4- O que este projeto lhe proporcionou em termos de aprendizado?

5- Achou interessante a proposta de se posicionar no Facebook?

6- É importante saber se posicionar diante de uma situação? Explique.

APÊNDICE N – Postagem da avaliação do projeto no perfil da turma no Facebook

Avaliando, através de comentários argumentativos, o projeto: O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER A HABILIDADE DE ARGUMENTAR



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/696886244007990/> Acesso em 10/11/2018



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O Facebook como instrumento para desenvolver a habilidade de argumentar

Pesquisador: MARLENE CRISTINA ANDRADE SOUZA FALCAO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 92212618.5.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.750.281

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa cuja autora é MARLENE CRISTINA ANDRADE SOUZA FALCÃO, intitulado "O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER A HABILIDADE DE ARGUMENTAR" apresentado para apreciação do Conselho de Ética, sendo um requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), do Departamento de Ciências Humanas – Campus V da Universidade do Estado da Bahia.
Orientador: Prof. Dr. Marcos Bispo dos Santos

Objetivo da Pesquisa:

Apresentar uma proposta de pesquisa e intervenção pedagógica baseada na leitura de textos com temas polêmicos, juntamente com a ferramenta Facebook, para desenvolver a habilidade argumentativa dos alunos do 9º Ano do ensino fundamental II da Escola Municipalizada Maria Conceição Costa e Silva de Oliveira.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

- Os riscos e benefícios estão tratados coerentemente;

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

- O cronograma está compatível;
- O orçamento está compatível;

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 2.750.281

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- O termo de anuência encontra-se de acordo com a resolução vigente;
- O termo de autorização institucional da proponente está de acordo com a resolução em vigor;
- O termo de confidencialidade está de acordo com a resolução vigente;
- A declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa está em conformidade com a resolução em vigor;
- O termo de responsabilidade e compromisso está adequado;
- A folha de rosto está devidamente preenchida.

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise consideramos que o projeto encontra-se aprovado para a execução uma vez que atende ao disposto nas resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos não havendo pendências ou inadequações a serem revistas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1135816.pdf	23/06/2018 12:56:43		Aceito
TCLE / Termos de	TCLE_2.pdf	23/06/2018	MARLENE	Aceito

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br